

s.ro AFONSO MARIA DE LIGORIO

Fundador da CongregaQAo do Banllsalmo Radantor a Doutor da I
graja

A VO[A(ÃO HLIGIOSA

Tredução

de Edlç8o crrtlce llellene p8lo

DR. JOS LU[S AFONSO

1958

EDITORIAL PERP(TUO SOCORRO

Rue d11 flrmeze, 161 .Telef. 26781

PORTO

S2ECUTADO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
SOCIII:DADII: DE PAPELARIA, LDA. RUA DA
BOAVISTA1 :1176 - PORTO

IMPRIMI PoTEST

Gratinianus F. de La.ba.sticla. C. SS. R..

Sup, Vice• Provincia.lis

NIHIL OnsTAT

Greorius Martins Almencres. C. SS. R.

Censor à.

IMPRIMA.TUR

Portuca.le, 14-Ill-1958 f Al.tonius Ep.

Portuca/enJis

I N T R O D U Ç A O

Afonso Maria de Ligório era um jovem moral e intelectualmente distinto. Oriun do de família cristã e da mais alta nobreza, nasceu em Nápoles em 1696; aos 16 anos conquistou as honras do dou torado em Direito Civil e Canônico.

Durante mais de 10 anos exerceu a advocacia nos tribunais de Nápoles, sendo a admiração de todos pela sua competência e integridade moral.

Providencialmente, Deus permitiu um engano na defesa duma das causas mais faladas do seu tempo; mas este engano profissional foi início duma vida, na qual a têmpera e os quilates da sua alma haviam de ficar mais evidentes. Vencendo a opposição paterna, que viu caídos por terra os projectos e as esperanças familiares, Afonso respondeu corajosamente à voz de Deus que o chamava. Abraçou o estado sacerdotal em 1726; entrou na Congregação dos Pios Operários, trabalhou ardentemente na reforma moral e religiosa dos tapazes sem lar e de fé amortecida, que então abundavam na cidade de Nápoles.

Depois de vários anos de apostolado nessa obra meritória e sem brilho, tendo-se retirado para as montanhas de Scala para reparar a sua saúde, sentiu-se novamente chamado por Deus, desta vez para fundar uma Congregação religiosa, destinada a levar a palavra de Deus às almas mais abandonadas, principalmente

nas aldeias e nos campos. Fundou em 1732 a Congregação do SS. Redentor.

Missionário durante mais de 40 anos. teve ainda tempo durante a sua trbalho sa vida para escrever 111 obras, algumas tão grandes, documentadas e autorizadas. como a Teologia Moral. que lhe valeu o título de Padroeiro dos Confessores e Moralistas «in perpetuum».

Em 1762 é sagrado Bispo de St.a Agueda dos Godos.

*

*

*

Entre as grandes obras de St. • Afonso, pode-se contar o volumezinho que hoje. leitor amigo, pomos na tua mão: A V ocação Religiosa. Não é uma obra saída da pena do Santo tal como hoje a apresentamos ao público, nem tudo o que vai reunido neste pequeno volume o escreveu St. • Afonso duma vez e numa só época.

Decididos & publicar este livrito, reunimos nele o principal que St. • Afonso escreveu sobre o vocação religiosa em diversas épocas da sua vid&: Um tratado

que tem por título: A vis as sobre a vo cação
religios a. - Uma série de Consid er ações aos
que são ,cham ados à v ioda r eligios a. .Outro
pequeno tratado com avisos aos noviços. -
Duas cartas escritas por ele a dois jovens que
lhe pediram conselho sobre a eleição de vida,
e outra a uma rapariga. - Duas práticas a
diversas jovens no momento de vestirem o"
santo Hábito, e, finalmente, uma breve carta
aos noviços da sua Congregação.

Embora alguns tratados: ou capítulos deste
livro fossem dirigidos a destinatários
particulares, podem muito bem ser di
rigidos a qualquer alma que quer estudar o
assunto da sua vocação. E também àquelas
pessoas que, tendo já entrado em religião,
sentem, talvez, tentações, desilusões ou fastio
da vida do convento.

O Santo abre os olhos a uns e a outros: aos
que querem deixar o mundo e recolher-se à
solidão da vida do convento, e aos que sentem
tentações na vida do convento e querem voltar
para o mundo.

Talvez a alguém pareçam duras demais algumas palavras de Santo Afonso. E preciso ter em conta que Santo Afonso escreveu no século XVIII, e que também agora há quem pense que são duras demais certas frases do Santo Evangelho:

«Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a "lim, não é digno de mim» (Mt. 10,37).

«E os inimigos do homem serão os seus familiares» (M t. 10,36).

CAPITULO PRIMEIRO

AVISOS SOBRE

† Livros Católicos para Download



A



VOCAÇÃO

RELIGIOSA

I

Quanto Importa seguir a vo,ação para a vida
religiosa

É verdade indiscutível que a nossa eterna salvação -depende principalmente da eleição do estado. O P. • Granada chama a eleição do estado a roda mestra da vida. Assim como nos relógios, des centrada a roda mestra, '3nda mal todo o relóg-io; assim também no negócio da sal va ção.

Na eleição do estado, se •queremos asse gul'ar a salvação .eterna, 'é mister que si gamos a vocação div' ina, pois só •assim nos concede Deus o auxílio necessário para alcançar a bemaventurança.

E esta asserção é corroborada por S. Cipriano •que afirma: A virtude do Espírito Santo não é dada segundo o nosso arbítrio, mas segundo a sua von tade. Por isso diz S. Paulo: Cada um recebe de Deus o próprio dom (I Cor. 7,7). E isto quer •di:rer, como explica Cor nélio a Lápide, que oOeus talha a cada um a sua vocação e lhe assinala o estado em que o •quer salvar.

Esta doutrina conformase perfeita·men te com a ordem da predestinação descrita pelo mesmo Apóstolo: E aos que predes tinou, a esses também chamou; aos que chamou, a esses também justificou (Rom. 8,30).

Forçoso é admitir que o problema da vocação no mundo ·é pouco compreendido por alguns; parecelhes que ·é o mesmo viver no estado a que Deus os chama que viver no estado escolhido por inclinação própria.

É por esse motivo •que tantos levam vida desordenada e se condenam. É, porém, matéria que não sofre discussão: a eleição ~~do~~ estado é o ponto cardeal para a conquista ·da vida eterna. A vocação sucede a justificação, à justificação a glori ficação, isto é a vida eterna. Quem altera esta ordem e desfaz esta cadeia, não se sal vará. . No meio de toda·s as fadj.gas e traba lhos a que se sujeitar, ouvirá sere a voz de St.o Agostinho a segreda·r-lhe: Corres bem, mas fora do caminho: quer dizer, não vais pelo caminho por onde Deu·s queria que •fosses para alcançares a salvação.

O Senhor não aceita os sacrifícios que lhe
são oferecidos segundo a vontade própria. .
Mas a Caim e seu presente não viu

AVISOS SOBRE A VOCAÇÃO

com bons olhos (Gen. 4,5). Mais ainda: o
Senhor comina severos castigos àqueles que
voltam as costas aos seus chamamentos para
seguirem os conselhos da
própria inclinação.

·Ai dos filhos rebeldes! ·declara o Se-
nhor. Querem realizar um desígnio mas não o
meu (Is. 30, 1) .

É que o chamamento a um estado de vida
mais perfeito é graça especial e muito grande •que
Deus não faz a todas

as almas; razão tem, pois, e •de sabejo para se
indignar contra quem o despreza. Não se sentiria
ofendido um príncipe que, convidando um
vas-salo a servir de mais perto, a ser seu
privado, recebesse dele uma recusa? E D-eus não
se ressentirá?

Ressente, sim, e ameaça, como se lê •em Isaías
(Is. 45,9). Ai daquele que litiga com o Creador
(Job, 9,4). A palavra Vae que traduzimos por

Ai significa na Escritura perdição eterna. Começará já nesta vida o castigo do desbediente; viverá sempre inquieto, como diz J oh: Quem se lhe opôs que se saísse e ileso? (J oh 9, 4). Verseá, além disso, privado do auxílio abundante e eficaz para viver bem. Nisto se funda o teólogo Hahert para escrever: Só com muito maior dificuldade

SANTO

poderá cuidar da sua salvação ...: ficará no corpo da Igreja, como membro no corpo humano, deslocado do seu lugar próprio: poderá ter a sua utilidade, mas de modo imperfeito e com deformidade. Absolutamente falando, poder-se-á salvar, com muita dificuldade, porém, entrará no caminho da humildade e da penitência, o qual é o único que lhe franqueia a entrada na vida (De ord., c. I . § 2).

São do mesmo parecer S. Bernardo e S. Leão. S. Gregório, escrevendo ao imperador Mléurício, que por édito proibira que os soldados entrassem em religião, lhe disse desassombradamente que prati

·Cava uma injustiça, poi·s a muitos 'fechava as portas do :paraíso, os quais no estado relig-ioso se salvariam e •ficando no século se perderiam.

É célebre o caso narrado pe'lo P.e Lancício. No colégio romano estava fazendo os exercícios espirituais um jovem de grande talento. Uma das perguntas que fez ao seu confessor foi se era pecado não corresponder à vocação religiosa. Respondeulhe o confessor que em si não era pecado grave, porque :se tratava dum conselho e não dum preceito: mas que era pôr em grande perigo a salvação eterna,

AVISOS SOBRE A VOCAÇÃO

como acontecera a tantos que, por não ouvirem o Chama·mento de us, se condenaram. Assim o :fez este jovem. Foi continuar seus ·estudos em Macerata, onde, dentro em pouco, começou a deixar a oração e a comunhão, acabando por se entregar à vida desregrada. Não tardou muito que, ao sa·ir da casa duma mulher sem vergonha, •fosse ferido de morte por um rival. Acorreram a:lguns sacerdotes, mas ele expirou, mesmo diante do colégio, antes que eles chegassem. Com esta dr·cunstância quis Deus dar a conhecer que o castigo lhe adviera

precisamente por ele ter desprezado a sua vocação. g notável também a visão ·que teve um noviço, ao qual como retfere o P. • Pina monti no seu tratado sobre A vocação triunfante- quando medita·va sair da l'eJi.gião, Jesus .Cristo se 'lhe .mostrou indignado no seu trono e •mandou riscar o seu nome do livro da vida . . .

Ele, aterrado, resolveu permanecer na religião. E quantos outros exemplos semodhantes andam narrados nos livros? E quantos míseros jovens não veremos nós condenados no dia do juízo, por não terem obedecido •à sua vocação?

A estes tais, como a rebeldes às luzes

SANTO .divinas, segundo diz o

Espírito Santo: Eles formam parte dos rebeldes à luz, não conheceram· os caminhos (Jo h 24,13),

é justamente infligido o castigo de perderem a luz. •Porque não quiseram caminhar pelo caminho que o Senhor lhes tinha marcado, ·e metemmm pdo que lhes apontava a sua inclinação sem as luzes do Espírito 'Santo,

perderam-se. Eu vos comunicarei o meu Espírito, isto é, a vocação, mas porque Jaltaram a ela, acrescenta Deus: Mas visto que vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me, visto que estendi a minha mão e ninguém presta atenção; e tendes desprezado todos os meus conselhos e não quisestes a minha admoestação; também eu rirei do vosso infortúnio e zombarei quando sobrevenha o espanto (.P.rov. 1,23-26). Isto quer dizer que Deus não ouvirá a voz de quem desprezou a sua. Afirmamos: O A·gostinho: Os que desprezaram a vontade de Deus que os convidava, sentem a vontade de Deus que se vinga.

Portanto, quando Deus chama ao estado mais perfeito, quem não quiser pôr em grande perigo a salvação eterna, tem que obedecer e sem demora. De outro modo, ouvirá de Jesus Cristo as reprovações e censuras que ouviu o jovem que, ao ser

AVISOS SOBRE A VOCAÇÃO

convidado a segui-lo disse: Seguir-te-ei, Senhor; mas primeiro permite-me ir-me despedir dos de minha casa. E Jesus respondeu-lhe que não

estava talhado para o paraíso: Ninguém que pôs sua mão ao arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus (Luc. 9,62).

As luzes de Deus são passageiras e não permanentes; donde veio a dizer S. Tomás de Aquino que o chamamento divino para vida mais perfeita deve ser correspondido o mais depressa possível. Debate ele na sua Suma Teológica a questão se se deve entrar em religião sem ouvir o parecer de muitos e sem longa deliberação. E responde, dizendo que o conselho e a deliberação são necessários nas coisas duvidosas, mas nesta não que é de certo boa, visto que a aconselhou o próprio Jesus no Evangelho; a vida religiosa é compêndio dos conselhos de Jesus Cristo.

Caso bem estranho! A gente do mundo quando se trata de alguém que deseja entrar em religião para levar vida mais perfeita e mais segura nos perigos de se perder, hesita e quer que tais resoluções necessitam muito tempo de deliberação antes de se porem em prática, para se certificar

SAI O

que a vocação vem realmente de Deus e não do demónio.

Mas já não .falam assim, quando se trata de aceitar uma magistratura, um bispado, por exemplo, onde se correm tantos perigos de se perder. Então já não dizem qu'e são precisas muitas precauções para se certi'ficar se aquela é a verdadeira vocação de Deus.

· Não -é esta a ·linguagem dos santos. S. Tomás diz qu'e, a'inda qu'e a vocação rel-igiosa viesse do demónio, deve ahra çarse, como s'e abraça um bom cons.elho, mesmo que !Vlenha dum inimigo. E S. João Cri-sós·tomo, dtado pelo mesmo Santo Doutor, afirma •que Jesus Cristo quando chama, quer tal obediência de nós, que não demoremos um só instante em segui lo. (Hom. 14 in Math.).

E porquê? Porque .Oeus, quanto mais se compraz em ver a prontidão com que ·é obedecido, tanto mais •abre as mãos e ·enche de 'bênçãos a quem assim procede. Pelo contrário, ·quanto maior .for a demora em acudir ao Seu "Chamamento, 'menor será a sua generosidade e mais ·se afastará com as suas luzes.

De modo que o chamado di•ficilmente
AVISOS SOBRE A VOCAÇÃO

seguirá a sua vocação e facilmente a abandonará.

Tudo isto levou S. João Crisóstomo a dizer que o demónio, quando não consegue dissuadir alguém da resolução de 'Se consagrar a Deus, procura ao menos fazer com que ele diferira a execução e tem

por grande ganho, quando obtém a dilacção de um dia, de uma hora, se alcança ao menos um breve adiamento. (Hom., 56, ad pop. Ant.).

É que depois de um dia, depois de uma hora, mudando as ocasiões, confia que lhe será menos difícil lograr mais tempo, confia que a alma enfraquecida e menos ajudada da graça ceda de todo e abandone a vocação.

Com esses adiamentos, a quantas almas chamadas por Deus não logrou o inimigo fazer perder a sua vocação!

Por este motivo aconselha S. Jerónimo a quem é chamado a abandonar o mundo, nestes termos; Apressai-vos, suplico-vos, e, em lugar de desatar as amarras que prendem ao fundo da barca, cortai-as. (A. d. Paul.).

Quer o Santo dizer •que, assim como quem se encontrasse preso num barco que estivesse prestes a..submergir--se trataria

de cortar as ama·rras •e não -de as desatar;
 assim também, •quem está no meio do mundo,
 deve procurar cortar o mais de pressa possível os
 laços que a de o pren dem e unem, para •fugir
 quanto antes do perigo ·de perder ..s. e, que lá é
 tão fácil.

Y.ejamos o •que escrev·e S. Francisco de
 Sales na·s suas dbras acerc·a das ·voca ções
 rehgiosas, porque tudo ajudará a cor roborar o
 que levamos já .dito e o que adiante
 acrescentaremos.

Para ter sinal seguro ·de verdadeira vocação,
 não •é •mrster constância e fír meza •que ·seja
 .sensível, basta que essa constância e .firmeza
 existam na parte

swperic·r ·do espírito; donde não se háde julgar
 como não verdadeira a vocação se,
 quem •foi chamado, antes de ·se desligar do
 mundo, deixou ·de experimentar aque les affectos
 e consdlações que experimentava ao princípio,
 chegando até a ver-'se inva dido de tal
 repugnância e arrefecimento, que o faz·em às
 vezes vacilar e crer que tudo está perdido. Basta
 que a vontade fique 1 firme em não abandonar o

chama mento divino. Não 'é preciso mais do que a permanência certa da afeição à vocação religiosa.

Para saber ·se Deus quer que uma alma
AVISOS SORRF. VOCAÇÃO

abraçe a vida •religiosa não é preciso es perar que EI.e próprio lhe Jale ou mande do céu um anjo a anundar'lhe a soua vontade. Nem, muito menos, é neccessário que se submeta a um exame de dez doutores, para deci•dir se a vo•cação é para ser se guida ou ·não; o que importa é corres ponder e cultiva-r o primeiro movimento \de inspiração divina e não desanimar e aborrecerse, se sobrevierem desgostos ·e arr.ef.ecimento; procedendo assim, Deus s·e encarregará de qu·e redunde tudo para Sua maior glória.

Não há porque preocupars·e com donde parte a inspiração: O Senhor tem mui•tos meios de chamar os Seus servos. Uma vez, serve-se dum sermão, outras da leitura de bons livros. A alguns chamaos, quando ouv·m a palavra do Evangelho, como •f·ez a St.º Agostinho e a S. Fran dsco.

P•ara c-om outros, serve. se das aflições e
tra'halihos que 'lhes traz o mundo dan dolhes
assim motivo para o deixarem Aionda que venham
para a vida religiosa desavindos com o mundo,
•nem por isso
deixam .de s-e ena•egar a .Deus com franca devoção
e vontade, e muitas vezes sucede que a•ting•em.
mais alto •grau de santidade

•22

SANTO AFONSO

que aqueles que !Vieram por vocação mais
manifestada.

Conta o P.• Pratti que um gentilho mem
monava um dia u.m belo e feroso cavalo e
procurava dar prO'Va•s de bom cavaleiro para
agradar à dama a quem cortejava. ;Ora succedeu
que numa destas proezas de cavalaria 'foi cuspidos
do ca valo abaixo, caiu no lodo e levantouse todo
-sujo e enlameado. Foi tal a sua con fusão e
vergonha, que naquele mesmo ins
ta:nte resolveu entrar na vida relig-iosa. «Ó
•mundo traidor, -disse ele de si para consigo, - tu
fieste pouco de mim, •tam bém eu vou .fazer
pouco de ti; fizesteme uma pa•rtiç•le, ifarte...ei
outra; não vo'ltarei a .fazer •as pares cont• igo.

Vou-te abandonar imediatamente e fazer-me
 religioso». De fato entrou em religião e nela
 'Vive santa mente.

11

Meios para conservar a vocação

De modo que quem deseja obedecer à
 vocação divina, é preciso não só que se resolva
 a segui-la, mas também a segui-la

AVILLOA SORRE. A VOCACÃO

sem demora e quanto antes para se não expor a perdê-la.

Supondo, porém, que circunstâncias
 especiais o obriguem a esperar, deve conservá-la
 com toda a diligência como a jóia mas
 preciosa que tivesse.

São três os meios para conservar a vocação: segredo, oração e recolhimento.

1.0- Do Segredo

Antes de mais nada e de modo geral, é necessário guardar segredo para com todos a respeito da vocação, menos com o Padre espiritual, visto que, ordinariamente, as pessoas do gênero não têm resco: rúpulo nem se coíbem de dizer aos pobres jovens, chamados ao estado religioso, que em toda a parte, até no mundo, se pode servir a Deus. O que é mais para estranhar

é que semelhantes asserções saiam às vezes da boca de sacerdotes, e até de religiosos que, ou entraram em religião sem vocação, ou não sabem o significado desta palavra. É bem verdade que em todo o lugar pode servir a Deus quem não é chamado para a vida religiosa; mas quem o é e quer ficar no mundo por seu capricho, dificilmente, como foi demons-

trado acima, levará vida regrada e servirá a Deus.

De modo especial, é mister ocultar a vocação aos parentes. Já Lutero era de opinião, como escreveu Belarmino, (Contr. 2 Tom. de monarch;

cap. 36, num. 1), que os filhos pecavam entrando em religião

sem consentimento de seus progenitores. Dava como fundamento que os filhos são obrigados a obedecer-lhes em tudo. Tal opinião tem sido comumente refutada pelos concílios e pelos Santos Padres.

O décimo concílio de Toledo no último capítulo diz expressamente que é permitido aos filhos entrar na religião, desde que tenham ultrapassado os anos da puberdade. Eis o texto vertido em português: Aos pais será permitido negar aos seus filhos a licença para entrarem em religião até aos 14 anos de idade. Passados os 14 anos, poderão os filhos abraçar licitamente o estado religioso, quer por vontade de seus pais, quer por eleição espontânea.

O mesmo se prescreve no concílio de Trêveris (can. 24). Esta é a doutrina de S. Ambrósio, S. Jerónimo, S. Agostinho, S. Bernardo. É assim que diz S. Tomás e outros, servindo-se das palavras

de S. Crisóstomo: Quando os pais impedem o bem espiritual nem sequer se devem consultar. (Hem. 84 :in João.).

Não deixa de haver quem opine, no caso de um filho chamado por Deus para o estado religioso, o poder fácil e seguramente obter o consentimento dos seus progenitores, sem correr o perigo de que estes impeçam a vocação, seria de aconselhar pedir-lhes a bênção. Esta doutrina, especulativamente sustentável, na prática acarreta ordinariamente perigos. É ponto que precisa de ser muito bem aclarado para tirar a alguns certos erros escrupulosos farisaicos. É doutrina assente que na eleição de estado os filhos não são obrigados a obedecer aos pais.

Assim o ensinam com autoridade os doutores como Santo Tomás nos termos seguintes: Quando se trata de contrair matrimonio ou de guardar castidade ou de matéria semelhante, nem os criados são obrigados a obedecer aos amos, nem os filhos a seus pais.

No que toca ao estado conjugal o P. Pinamonti, no seu tratado sobre A vocação religiosa, é do parecer de Sánchez, de Koning e de outros teólogos.

os quais defendem que o filho é obrigado a pedir conselho a seus pais, pois que nesta matéria 'eles, sendo mais idosos, têm maior experiência do que os jovens, e, em assuntos desta natureza, não se esquecem de que são pais.

Mas na questão da vocação religiosa, ajunta avisadamente o mencionado P. Pinamonti, que o filho não é de modo nenhum obrigado a tomar o conselho dos seus pais, porque, nesse assunto, eles não têm nenhuma experiência e, por mal entendido interesse, se convertem comum

mente em inimigos. Como adverte ainda Santo Tomás ao falar expressamente da vocação: **Muites vezes os amigos segundo a carne opõem-se ao nosso proveito espiritual.**

(2. 2. qu. 189 art. 1 O). Mais que rem OS pais que os filhos se condenem junto deles do que se salvem, tendo que os deixar seguir o chamado de Deus. Este procedimento arrancou a S. Bernardo a severa exclamação: **ó pai cruel e mãe desnaturada, cuja consolação é a morte do filho, que preferem que morra com eles a que reine sem eles.** (Epist.

III).

Deus, diz um grave autor, quando chama uma alma para vida pede-lhe, quer

AVISOS SODRF. VOZ.AÇÃO

que ela se esqueça de seu pai, e assim lho faz sentir: Ouve, filha, olha; aplica o teu ouvido; esquece o teu povo e a casa

paterna. (Ps. 44,11). Com esta exortação, ajunta o citado autor, nos adverte, portanto o Senhor que no seguir da vocação religiosa não tem que intervir o conselho dos pais. Aqui deixo as suas palavras textuais: Se Deus quer que uma alma

que Ele chama para si esqueça os pais e a casa paterna, dá a entender com isso que essa alma, chamada por Ele para a religião não deve fazer entrar o conselho dos seus amigos carnis e parentes na

execução de tal vocação. (In S. Th. 9,189). S. Cirilo, ao explicar a advertência de Jesus Cristo ao jovem do Evangelho: Ninguém que mete as mãos ao arado e olha para trás está talhado para o reino

do Céu (Lu.c. 9,62) , afirma **que** quem está à espera de tempo para ouvir o parecer de seus parentes acerca da sua vo

cação, esse -é precisamente aquele **que** o Senhor declara inapto para o Céu: Olha para trás quem procura dilação para ter oportunidade de consultar os parentes.

Nisto se funda Santo Tomás quando adverte aos chamados para •a vida religiosa **que** se precavenham de se aconse-

2R

SANTO AFONSO

lhal'lem com os ;,seus parentes sobre a vo cação. Da consulta sobre este assunto, em primeiro lugar, se devem afastar os pa rentes.

Aconsdha-.se •que se discutam os nos sos interesses com os amigos. •ora os pa

.rentes, nes•e caso, não •são amigos, .mas antes inimigos s•egundo a asserção do Se

nhor: Os inii!ligos do homem são os parentes.

Se para •S>eg•uir a vocação seria grande perigo pedir conselho aos pais, esse pe rigo subiria de ponto se se •esperasse obter a .sua **licença** quando s• e tenta•sse alcançá

-la, porque •t'al diligência não poderá .fá er-s-e s'em •correr
o risco •de perder a vocação, no célslo de g.e preV'er que eles
se
empenhem ::m impedi-la.

E a ver·dade É que os Santos quando f.oré!!!! chamados
a deixar o mundo, par tiram de su·as· casas s'em o
comunicarem a seus pais. Assim o fiz·eram Santo To más de
Aquino, S. Francisco Xavier, S. Fdipi de Neri, S. Luís Beltr.
ão. E sabemos que o Senhor aprovou ·estas fugas·
gloriosas.

S. Pedro de Alcântara, fugiu a sua mãe, debaix.o de cuja
obediência ficara depois da •morte de s·eu pai, para entrar
AVISOS SOBRE VOCAÇÃO

num mosteiro. Tendo de atraV'essar um gr· ande
do, •encomendouse a Deus e de repen.te viul -'se
transportado para a outra
margem.

De ig.ual modo St.º Estanislau Kostka, tendo
fugido da casa paterna, o irmão partiu de carro em
sua persegmção. Quando estava próximo a
alcançálo, os cavalos estacaram e, por .mais -que
os chi cotases m, não colllseguiram que eles des

sem um passo em frente. Voltados que foram em direcção à cidade, partiram à desfilada.

A Beata Oringa de Valdarno na Tos cana, prometida por seu pai como esposa a um jovem, fugiu também da casa de seus pais. No seu caminho teve de atravessar o rio Arno. Chegada que foi diante dele, fez uma breve oração; viu separarem-se as águas diante dela, formarem-se como dois muros de cristal, entre os quaes pôde passar a pé enxuto.

Por conseguinte, irmão caríssimo, se Deus vos convida a deixar o mundo, tende muito cuidado de não dar a conhecer a vossa resolução aos vossos pais. Contenta-vos com ser abençoado por Deus e procurai pô-la em execução o mais breve tempo que puderdes, sem que eles o saibam.

ba.m, se 1não quereis expor-vos ao perigo de perder a vossa vocação.

Como já salier ntamos, ordinàr iamente, os parntes, e até mesmo os pais, contrariam a execução do chamamento para a vida religios a. Ghega a suceder que pais, aliás temen:bes a Deus e piedosos, se dei xa-m cegar pelo interesse e a paixão a ponto de não terem escrúpulo de impedir, sob vários pDetextos e por todos os meios, a vocação dos filhos.

Lê-se na vi-da do P. Paulo Ségn eri Júnior que sua mãe, :senhora de muita oração, não deixou pedra por mover para obstar à vocaçã o J.' e Ji.giosa de seu filho.

O mesmo .facto se refere na vida de Mons·enhor Cavalieri, bispo de Tróia, cujo pai, ainda •que senhor de muita piedade, tentou por todos os .modos impedir que 1seu .filho entrasse (como de facto entrou) •na Congregação dos Pios Operários. i-ndo ao pon:to de instaurar um processo• 1no Tribunal Eclesiástico.

E •quantos outros pai•s e mães, apesar de serem pessoas devotas e de OTação, ao tratar-se da vocação de seus filhos. , se transformam como se e<stivess•em possesssas 'Cio demônio!

É que o •inferno para nenhuma outra

AVISOS SOBRE A VOCAÇÃO

obra se arma de ponto em branco, como para impedir a entrada na vida religiosa àqueles que para da são chamados.

Por isso, repito, tende muito cuidado em não comunicar a vossa vocação aos amigos, os quais não terão escrúpulo, se não -de vos -desa-conselhar, ao menos de publicar o segredo de modo que os vossos facilmente chegarão ao conhecimento dos vossos intentos.



2. o- Da Oração

Em segundo lugar, é preciso não esquecer que a vocação religiosa apeilléliS por meio da oração \Sie pode conservar.

Quem largar a oração, largará também certamente a vocação. É negócio que requer oração. Por isso, quem ISe sente chamado por Deus pélll'a a vida mais perfeita, nunca deixe de fazer uma hora de oração pela manhã, ou ao menos meia

hora em casa, ou na igreja se em casa

• não pu•der ter o recolhimento preciso; e outl" a meia hora antes -de se recolher. Não omita de modo nenhum a visita diária ao SS. Sacramento e a Maria Santíss• ima para obter a perseverança na vocação. Comu,ngue • três ou, ao menos, duas vezes por Semana.

O ponto da meditação seja quase sempre a vocação, considerando como foi grande a graça que Deus lhe fez chamando-o, quanto asseg.ura mais a salvação • eterna, se lhe obedecer com fidelidade; e em que perigo se põe, pelo contrário, se lhe não ohedece. Ponha muito especialmente diante dos olhos a hora da morte, e • considere • a alegria • e • sa•tisfiação que então • sentirá de ter ouvido a voz de Deus

e a pena e remorsos que o hão-de torturar. se acabar seus dias no • século. Com este propósito aj•untaremos no fim algumas considerações sobre as qu•ais se poderá fazer a oração men:tal.

Necessário é, port-anto, que todas as orações feitas a Jesus e a Maria, muito principalmente depois da Comunhão e durante a visita ao Santíss• im•o, tenham por ,fj,m • alcançar a sant-a petrseverança.

Quer na oração, quer na Comunhão re-

SOBBE

novai sempre a doação de vós moes•mos a Dews, com esta fórmula: Eis-me aqui, Senhor, já não sou meu, sou vosso. Já me entreguei a Vós, a Vós de novo me torno a entregar. Aceitai.-me e dai-me força para Vos ser fiel e para me retirar quanto antes para a vossa santa casa.

3.0- Do Recolhimento

Em terceiro lugar é noec'elssário o recolhimento e este 1não s•e opode ter •sem nos reti•rarmos •do trato e divertimentos mundanos. Qu•e •é qwe nos pode . enquanto estamos no séoulo, .fazer perder a vocação? Um 'nada. Bastará um dia de diversões; o embuste de •Um amigo, um•a paixão •mal domi•nada, u•ma •aif.eição desord•enada, u•m temor vão, uma .tristeza não vencida. Tudo i•sto bastará, repito, para fazer perder a resolução tomada de retirar-6e do mundo e dar-'Soe todo a Deus. Por isso, i.mpÕe-'se a necessidade -de um .recolhimento tot-al, de •um desprendimento de tudo •quanto •seja o mundo.

Neste tempo out•ra :não •deve •ser a voosa ocupação que a oração, a frequên'Cia dos Sacramentos, a casa e a IgreJa. Quem assim •não proceder e se entregar a pas-

s. atmpo e diversões, tem que se Convencer de que per-derá a vocação. Ficarà com r'emorsos de a não ter seguido, mas de oerto a não seguirá. Quantos por desprezarem est·e conselho- de se entregar ao recolhimento- perderam a vocação e com ela a alm,a!

111

Das disposições para entrar em rellglo

Quem ·se ·sente chamado por Deus para qualquer ordem religiosa, t-em de compreender ·que o fim de todas as religiões é ··seguir o mais de rperto. possível as pe çiadadas e ex.emplos da vida ·sacrossanta d'e. Jesus, ·o ·qual levou vida ·de recolhimento e mortifiocação, cheia de sofrimento e desprezos. Por Consequinte, quem se re·solver a entrar em reHgião, ·faça-o convencido ~~de~~ que 'Vai a ·sofrer, a negar-se a si mesmo 'em tudo, como o .declarou o p. próprio 'Jesus Critsto a'Os que pretendiam enregar-se totalmente e segui-Lo: Se algué,m quer vir após de mim, negue-se a si mesmo; e tome a sua cruz e siga-me. (Math. 16,34).

É, portanto, 11e1 cessário quoe se firme

he.m na !esolução de ir padeeeo r · e padecer muito, quem aspira
 · a entrar · em religião,
 a ifim · de .depois, quando nela tiver entrado e· sentir o peso
 duro dos sofrimentos e IncómodoS da vida pobre e
 mortííic·ada, .não ceder à tentação.

Mui:tos, ao entrarem a fazer parte duma comunidade
 •observante, não se propõem encontrar a paz e faz· erem-se
 santoo; .detêm-se somente a considerar as vantag•ens da vida
 religiosa, a solidão, o sossego, o libertamento das contendaiS
 dos

parentes . dos p•leitos, das ·sugestões, dos cuidados e
 preocupações da casa, da alimentação, do VteSif:ior e calçar.

É indiscutível ·que por todos estes benefícios o religioso
 deve •estar muito grato à sua religião, que o liberta de tantos
 cuidados e preocupação·es, e lhe proporciona as condições
 necessárias para servir :a Deus em .paz, submi·niSlbroodo-lhe
 'Continuamente •tantos auxílios para o bem do seu ·espírito :
 tantos bons• •ex·emplos dos s·eus rompatnhdros, :tantos
 conselhos dos SuperioJ:1es- que têm a seu peito o seu
 aproveitamento espiritual - tantos exercícios que preparam para
 a vida ete.nia.

T.udo ·é -verdade, mas 'é preciso ao mesmo tempo .llesolver-
 se, ,s.e não que.r perder

sobe tã'O bela, vanta• g•ens tão grandes, de cidirse a abraçar todos os. •sofdme. ntos que se enc• ontram na reli-gião, os quais, não sendo abraçados com amor, não alcançam a•qu, rela paz complota, perfeita que Deus concede apenas• àqueles que se vencem para l'he agoodar. O Senhor diz: Ao que vencer darlheei o ma•ná escondido. (Apoc. 2,17).

A paz que Deus dá a provar aos seus servos .fiéis •eiStá esc:ondida, não é com preendi-da pelos homens do IS'éoulo, os quailS V•endo a vida •morti'ficada que lewm •OS •religiosos, l lãõ lha i•nv•ejam, mas têm pena deles e lhes -chamam im>felizes na terra. Não sabem o que •diz S. Bernardo: Vêm as •SUéisi •moHicações, mas não sus pei-bam o con:tenta•mento que Deus lhes concede.

Nrng.uém nega que ma vida espiritual se tSofl'la. Rieparese, porém, mo que diz Sa:nta T•eresa: Quando alguém se resolve a sofrer, acabouse o sofrimento. Deste modo os próprios •trabalhos e mort: i.fica ções se ro.nverbem em contentamento. Filha, dilses um dia o Senhor a Santa Brígida, o edifício do meu tesouro está cercado de

espinhos mas a quem aguenta as primeiras picadas, tudo se troca em

SORRE

.57

doçura. E as delíCias .que Deus dá a sa
borear às •su•as It3lmaos diLectas, na oração, na comunhão,
na santa sdledade, nas luzes e Santos ardo11es da união
com De.us, na paz e tranquilidade da consciência, na
esperança beatífica •da •vi-da etoenna, quem pode
compreender ISO.ma tão rav•uJtada de ventura, se• não
•quem as .experimenta? Vale mais, a\SSieg.ura-
mo-lo Santa Teresa, uma
gota das consolações de Deus que todas as
consolações e deleites do mundo.

Bem .sabe resée gratíssi.rno Senhor .fazer prelibar
ainda n• este vale de lágrdmas os gozso da •glória bem-
a'Venturada a quem padece .para lhe dar gosto; e com isto
cumprem-se Helmente as palavras de: Da
vid: Qui fingis labor:en in precepto..Na vida
espi.ritual, o Senhor, parecendo impor-nos pena•s,
•tédios e morbe, de facto dá, a quem se Iohre renvrega todo,
aquela paz, que.no dizer de rS. •Paulo, sobrepuja a
toda a jgteligência {P.hiHp., 4, 7); os prazers do

·mundo re ·dos seus mi·mosos ·ficam-lrhe imensamente
aquém.

É por isso que v•emos •Um religioso mais cont: ente rna
·sua pobre oela do -que ·todos os monarC•as nos seus
sumptuosos ·palácios. Gostai como é bom o
Senhor:.. Ben-

SANTO AFONSO

dito o varão que se acolhe a Seu seio.

(.Ps. 33;9).

Quem não prova doçura dos Seus mimos, mão O
compreende.

•Mas mão ·deixa de ·ser absoluta•mente necessário
persuadir...,se que nunca che gará a gozar a paz verdaed ira,
mesmo qu·e tenha •en:brado em religião, quem não

se ll'esolve a padecer e \9e não venre nas cont11ariedades:

Ao vencedor darei o maná escondido.

É preciso qwe, q.uem !Se prOpõe entrar numa reli-gião
observant: e, o faça com ânmo hem Desoluto ·de se vencer
em tudo, de purificar o coração •de todo O apetite e ·desejo .
que não seja de Dew. s nem para Deus.

Condui....se, poi-s, qwe é •mister que se despenda de
tudo, e nomeadamente de quatro coisas, a saber: 1.0 Das
Comodi <Ja·des; 2.0 Dos Piéiren:tes; 3.0 Da ·estima
dades; 4.0 Da vontade própria.

própria;



I. Desprendimento das comodidades da vida



Terminado o am.o de noviciado, além do voto de castidade e de obediência, faz-se também o voto de pobreza, em virtude do qual ninguém pode possuir nada de próprio, nem sequer um alfinete ou outra coisa qualquer, dinheiro, usufruto de haveres etc. A Ordem se encarregará de o prover de tudo quanto lhe for necessário. Mas não bastará o voto da pobreza para fazer de ninguém verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, se ele não abraçar com prazer de espírito os incômodos que ela acarreta. Não é a pobreza, mas o amor da pobreza que é virtude, diz S. Bernardo. E com isto quis ele significar que para atingir a santidade, não basta só ser pobre, é preciso também amar as privações da pobreza. Ó quantos queriam ser pobres e semelhantes a Jesus Cristo, diz o devoto Tomás de Kempis, mas com a condição de lhes não faltar nada. Queriam, numa

palavra, a honra e o prêmio da pobreza, mas não os seus ilcll ómodoiS.

·Ressalta bem à vista ·que ninguém há..d. e procurar na religião coisas supérfluas, vestidos de !Seda, tmanjares delicados, móvoui•s preciosos e out11as oisas semelhantes; -contentar-se-á com as coisas necessárias que lhe façam .falta. Mas onde se prova quem ama Ver-dadei·ramente a pobreza, é quando faltam as coiSI&s necessárias: o V•estuário, . a habitação, a alimen tação, e não há descontentamento nem a•flicção.

Mas que gênero de pobreza seria aquela ·que mã·o s·oubesSie priVJar-1se de IJlada do neces·sário? 1Dizia o P.· Baltasar A1lvarez que para amar a pobDeza se torna noe<:es sário amar também os seus ·efeitos, isto é, . especHioava de- a fome, o •frio, a sede, o desprezo.

Na .rehgião oada um :se deve contentar ·com o que Jhe 'é dado, sem reclamar o que lhe falte •por descuido dos dispenseiros e outros oficiais, o qll'e seria um ·gr- ande defeito; tem de preparar-se para sofrer sempre a •falta daquelas pobres coi•sas que lhe tper.mi:te a Regra. Se hegar a sucedell' que lhe 'íalre o vestuário, o tecto, a roupa branca, a comida e outras coisas do mes-

-mo género, ·fique -cada oUlll contente do pouco ·que lhe é dado, sem queixarse, nem afligir ...se, oo wr-1se privado até do necessário.

Quem não ISen.t•e em si e-ste ânimo e disposição de :espíl'ito, não pense entrar

em r.eligião, porque é •sinal de que não é chamado, ou que ·não quer conrformar·-'Se COM o espí·rito ·do instituto.

Quem entra

a -servk a .Deus ·em !Sua casa, diz Santa Tenesa, :tem ·de 'se .persuadir que não vai a ser bem tratado por Deus, •mas ·a sof·rer

pOr Deus.

2.0 - Desprendimento dos parentes

Quem pretende enÍrrar em reli-gião é necessário que ·se desapeg.ue, e esqueça

completamente seus parenites. Nas reli

giões em que reina a obsel"Vância, o desa pego dos paren:tes é pratkado com sumo rigor, com o intuito de ·s'eguir a doutrina de Jesus Cri'sto que 'ensina precisamente: Não julgueis que vim meter paz na terra; não vim meter paz, mas espada. Porque vim separar o homem do seu pai. E dá a razão: E os inimigos do homem serão os de sua ca-sa. (Mat'h., 10,34,35,36).

E -de modo ecial, quando, se t•rata

da vocação religiosa, quando se trata de deixar o mundo, não há inimigos maiores do que o pai e a mãe, os quais ou por in

teresse, ou por paixão, antes querem a inimizade de Deus, opondo-se à vocação religiosa dos 'Seus filhos, d. q. que darem o Seu consentimento.

Ah, quantos pais veremos condenados no vale de Josafá por terem feito perder

a vocação a seus filhos ou netos! Quarn

•tos •filhos virão a perder a sua alma, por terem abandonado a sua vocação para

contentarem seus pais, •para se não separarem deles! :É por isso que Jesus nos intimava : Se alguém vem a mim e não abandona seu pai e sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. (Lu c. 11,26). Resolva-se pois, quem se dispõe a entrar em religião onde floresce a observância e quer ser discípulo de Jesus Cristo, e tome a decisão firme de esquecer os seus parentes.

Depois de estar vivendo em religião, saiba que terá de soerguer e pooticar o desprendimento dos parentes. Tenha be-m

VOCAÇÃO

presente que lhe não será permitido regressar à -casa paterna, senão por doença grave' do pai ou da mãe ou também por

outra necessidade urgente, com licença sempre do superior.

Poroceder direrentemen·re, ir a caBa dos pais sem expressa licença será imputado a falta notável e escandalosa na religião. Mais ainda; na .religião é tido como grande derei:to o ·só pedir licença ou mos

trar desejo ·de ver e ·halar <:om os paiJS. Costumava dizer S. Carlos Borromeu que, depois de ter ido a casa de seus pais, re gressava sempre esfreado no seu fervor de espírito. Deste modo, ·quem vai a casa dos pais por sua espontânea vontade e não por obediência 'aos superiores, tenha para :si que vol:ará à sua cela ten:tado ou m·enos lrervoroso.

S. Vicente .de Paulo, só wma vez, e esta por neoes:sidade, quis visi·tar a sua pátd'ia e .parentes. Dizia que o amor da pátria e ·da oasa patJema ,eram de grande impedimento à perfeição espil'itual.

Referia o mesmo santo ·qu·e muitos, tendo rdo à terra natal, ise ·tinham deixado prender pela

A VOCAÇÃO

afeição dos seus parentes, como as moscas, que,
•tendo oído na

.rede ·da arél!ilha, llllll 'noa ·mais conseguem
desenvencil'harse. E ajuntava - falando de si - :
Eu próprio numa só vez que visitei os meus parentes,
ainda que por

.44

muito pouco tempo, e eu me empenhasse em
cortar cerce toda a esperança que eles
pudessem pôr em mim, ao despedirme senti
tanta pena de os deixar, que chorei durante
todo o caminho e por três meses fui obsidiado
pelo pensamento de os aju dar, até que Deus,
finalmente, me livrou desta tentação.

Lembrese iguالمene que a ninguém é
permitido oesorever aos parentes e amigos sem
licença dos •superiores e sem lhes mos -trar a
car.ta. Infrin·gir esba regra será tor nar ..s.. e !l"éu
,de feita muito graVle, que na religião não rse
;tolera e se cars-tiga com ri gor, para obstar a
mrultos e •muitos incon V•enientes que trariam
consequêmdas gra vissimas. Não ·esqtreça de m·odo
especial que vai entrar no noviciado onde há
mais rigor. Com •muita dioficuJ.dade se concede

aos noviços licença para falar e escrever aos
pair.s e pa·rent,es.

Teniha se, além odi:sso presente, que, em
caso de doença, seria .6al:ta muito digna
de c^{ensu}ra pedir licença ·OU oln'OrStrar Von
tade de i-r tratar-se na casa paterna, ale gando
poder ter melhor assistência e res pirar os ares
nratai·s. Os ares da oo·sa pa

terna !São quase ou sem qua•se, nocivos e
pestrle.Q.ciais para o •espírito dos religio

A VIS OS SOBRE

.45

sos. E se dissesse que ·queria tratar-\S'e em casa para não ser
pesidl o à reli-gião, convença-se que na religião há todo o
cuidado e cafi.da·de -com os doente·s. Para ares •o
mandarão os superiores mudando-o

de casa, quando os da·quela :em que se encontra lhe forem
prejudiciais; para

comprar remédios, se venderão, em caso de necessidade, os
próprios livros da biblioteca. Tenhra a certeza de que a
divina

Providência •em nada lhe .fal:tará. Mas se Deus quiser que
não cure, terá de conformar-se com sua divina V'Ontade
sem no

A VOCAÇÃO

mea·r sequer a casa paterna. O supremo ilfl lelo de quem entra em religião há-de ser acabar os stus dias na de Deus e quando a Deus apr.ouv.er, aSJSistido por seus irmãos ·religiosos e não na casa pat•erna ·entre os seus parentes.

3.0 -Desprendimento da estima própria

É •mis·ter despir..se ·de •facto de toda a estima própria. Há muitos qwe deixam a pátria, as comodidades, os pai'S, mas trazem consigo o apego à es-tima p,rópria e .n18Jda .exi\Site d•e mais prejudi-cial ao religioso do que este amor à honra e glória.

O m•aior :sacdfício que •podemos fazer

4'6

a Deus não é renunciar às riquezas, aos prezeres, à família, mas sim [enunciar a si ·mesmo. Este é aquele negarse a si mesmo, recomendado ·e encarecido em pdmeiro lruogar por Nosso Senh·or àquele'S qwe o desejem seguir. E p•aira negar-se a si mesmo deve oada um calcar a·os pés toda a esti·ma própria, desejando e abra çando :todos os desprezos, sejam quais forem, qu·e possa vir a receber :na religião. Citemos, por exemp1o, verse pos posto a outros que talvez cuide terem menos méritosi; ·ser posto de par.te

SANTO AFONSO

como inepto, ou escolhido para os ofícios mais baixos e labodosos.

Tem d-e se capacitar qu-e na casa de Deus os ofícios .di•stribuí-dos pela obediên cia ..são todos altos •e honrados. Deus não per.mite que ni:nguém peça ou a•mbidonre qualquer ofício ou cargo .de preeminên cia! Seria es•cândalo na religião, •e quem o desse. denunciaria a sua ambição e so berba, pelas quais receberia •severa peni tência e especial mortificação. Melhor fora ex•ti:nguir a religião do qure deixar ent:r.ar nrela a pe•sbe ma1di.ta •da ambição, a qual cor.rompe, 'Ond•e co:nsegue penetrar, as comunidades •florescentes re destrói as m•ais belas obra•s de Deus.

Mais ainda, dev.erâ \Sientir consolação espiritual. ao yere mofado ou despreza do. Diremos: consolação interior, ·espiri tual, por·que OIUtra consolação será i·mpos síV'el. Não **deve** o Teligioso inquietar-'ISe, quando a carne se ress·ente e recalcitra. Basta qu·e o espírito abrac·e a humilhação e-se alegre com a .parte superior .do ho

mem. Assim, quando algum .religioso se vir :repreendido 1e mol1tificado continua mente .por todoo: pelos superiores, pelos companheiros, pelos inferiores, deve agra decer do coração, com **ânimo** tranquilo a quem o .censura, a qu·em usa -de cari·dade com ele aclmoestamdoo; **respon**da que fo11ma a intenção de não 'Voltar a cair na quele defeito.

Um dos mais ardentes anelos dos san tos na sua passagem pela terra foi o desejo de .,s.e verem ,desprezados por amor **de J·esus Cri·sto**. Foi ii.Sto que pediu S. **João da Cruz** quando o Senhor lhe apareceu com •a cruz às costas 'e lh1e di&se: João, pedeme o que queres de mim. O .pedido **do** Santo foi: Senhor, padecer e ser des prezado por Vós.

O grau mails alto da ·humildade, ensi nam os Üoutores com S. Francisco de

Sales, é comprazer-se ños •menosprezoo e humillhações. E 'este é também um dos maior'es pi!eLoiS que pod·emos prestar a Deus. Vaie mai:s

•diante de Deus um desopri"ezosdfido com paciência por seu amor do que .todas as disciplinas e jeju•ns. É necessário não se "esquecer •que o dever de suportar despl"eros é inevitável na comunidade .mais santa, quer .da pal"te das

superiores, quer da parte dos outros irmãos.

Nas vidas dos santos se lêem o s•em -<número .de m'ol'ltHicações •que .receberam S . .Frandscogis, o Y.en. P. • Francisco de Jerónimoo, o P. • Torres e :outros. Ainda ent'lle os •santos, pel"mite às vezes o Senhor que •ha•ja antipatias naturais, s•em culpa, ou diversidade de gênio nos religiosos de mais alentado •espírito. Tudo isto acarretará inevitavelmente muita contrariedade. Quantas vezes se •não divul g11r1 ão coisas que não 'são Verdadeiras?! Deus assim o permitirá para que 'os .seus servos se ex•ercitem na paciência e humildade.

Em resumo, pouco aproveitará na religião, antes perderá, •quem !lão aceitar os despl"ezos •e contrariedades com paz e paciência. Por isso quem •entra em religião para dar ,tudo a Deus, deve enver

SOBRE

gonhar-se -de não saber :sofrer os desprezos, 'tendo .diaofle dos olhos a Jesus Cristo saturado de opróbrios

por noss-o amor. Tome cada tUm :muito cuidado nesta ma-téria .e resolva-se ma religião a aceitar com pDazer .todos os ·desprezos e humilhações, prepare... e pare sofrer <o mui:to que - tenha a certeza di-ss-o - há-de •f:ter que SO;frer. S.e assi•m não •fizer, a repugnância pelas contrariedades e os desprezo-s, aceites de má vontade, pertulhá-lo-ão a ponto

-de Johe ,fazer perder >a v<oooção e de o levar a abandonar o ·seu ionsti:tuto. Que va

lor t'em, perante •Deus e para com a sua relligião, quem não sabe suportar um desprezo por .seu amor? E como pode diz-er-se mono para si ·mesmo, ·como prometeu ao ent•rer em religião, quem ·ficou vivo e eøbar-de para ressentir-"Sie e inquie:tar.-.se, qua·ndo se vê humilhado? Para longe da

ll'eJi.gião os in·dívduos 1tã·o a:paixOilal damente .ligados à estima própria. ·Afas·tem--se quanto antes, para que não contaminem os outros com a sua soberba. Na ·religião .todos ·devem estar mo'l'tos muito especialmente para a .esti.ma própria. No caso contrário, meLhor é que não venham para a religião e se vierem, que não se demorem, ·que vão ·embora.



4. o-Desprendimento da vontade própria

Quem entra em religião, é mister renunciar de facto à vontade própria, com sa-g•randoa toda à santa obediência. Den tre •todos os .sacrifícios este é o mais ne

cessário. Para que se deixar o mundo, os parentes, as honras e trazer consigo para a religião a vontade própria? É nisto que consiste principalmente o negar-se a si mesmo, o morrer espiritualmente, o dar-se todo a Jesus Cristo. A entrega do coração, o mesmo é dizer da vontade, é o que mais agrada ao Senhor e o que Ele pede a todos os religiosos. De outro modo, de pouco valeriam as mortificações, as Orações, as provas e as renúncias, não se desprendendo de facto de si mesmo, não renunciando em tudo à vontade própria.

SOBRE A VOCAÇÃO

Oompreende ..s. e .muito bem ·que este seja perante Deus o 1a.do .mais meri-tório que possamos praticar e qu·e este reja

também o meio 1mais 1s•eguro de conquistar as Suas g·raças, se puder ·cada um dizer como dizia Jesus, nosso divino Sa•lvador:

Eu faço sempre o que Lhe agrada. '(foan. 8,29).

·Pode léi!Íoi-tamen.te dizer 'e espera:r quem na ·reJi.gião se .despedi'u do seu querer, quem 1l"enunciou à 'SU'a vontade, ·que em tudo faz a vontade de Deus: quer estude. quer est·eja ém oração, no confessionário, no rec,reio, no descanso, em :tudo agra

dará a Deus.É que na religião mal se pode dar um pass-o, um suspiro, ·sem s•er por obediência à !l'egra ou aos superiores.

O 1mundo nã·o compreende, 'até pes·soas de piedade
 .nã·o ·compl"eendem, quanto vale a vida de .obediência
 em comunidade. É V'erdade que se ·encontram 'fora da
 religião mui:tas pessoas qu1e •tllahaiham talvez
 mai•s que mui·tos que 'Vivoem debaixo da obediência:
 prgam, farem penitência, rezam, jejuam. ·Mas em :tudo
 ou quase tu·do, faZ'em a ·sua :própria vont·de. Deus
 pec
 mita que no dia do juízo não tenham que se lamentar, como
 !Se lamentavam aqu·eles de ·que fala a Escri:tura:
 Porque nós je-

juamos e tu não fizeste caso; . humilha monos e tu não tomaste conhecimento disso? S que no vosso jejum encontrais um negócio. .(h. 58,3) . E isto tem lru·gar, quando em •toda •a vida de trabalho e oração não se procure •a Deus, mas a •si m•esmo. Pelo contrário, quem •faz •tudo por obediência

está IS'eguro de em tudo dar gosto a Deus. A Ven. Mad[e Maria de Jesus costumava diZJer que por dUJaS coisas principalmente estimava a sua vocação religiosa: .em primeiro lugar, porque no mosteiro gozava continuamente da presença de Jesus Sacram1entado; e •depoi•s, porque no ,mosteiro, por m•cio .da •obe-diência, era toda de !Deus, Sacdficando-lhe •a própria vontade.

Conta •o P.e Rodrigues que à mor:te de S. Dositeu, discípulo de S. Uoroteu, re:ve'lou o Sen•hor que, ISÓ •em atenção aos cinco anos que l ele vivera 'em obediên·cia, •ainda que devido à sua doença não tivesse podi-do •pootkar as

austeridade dos outros monges, merecera o prémio de S. Paulo Ermita e de Soto António Abade.

Portanto, quem se propõe entrar para uma ordem religiosa tem de se resolver a renunciar ;totalmente à sua vontade, a não querer senão aquilo que manda a

santa obediência. Deus -defenda qualquer religioso ·d·e que de •sU'a boca :saia a palav•M: Quero, ou não quero. Mas sempre e em tudo, ai·nda •m•es-mo que seja interro

gado pelo ·superior sobre o que deseja, deve r·esponder: Quero o que a obediên

cia quer. Por isso onde r~ - - - - - pecado

•evident·e, há...de obedecer em tudo o que lhe ifor :imposto rs·empre e cegamente, sem crítica, visoo que o ofício de examinar os negócios •e as ·dúvidas, não·o lhe per-tence a <ele, pertence aos <&uperio!les. De outro modo, <&e, quando obedece, não submete o próprio juí:z.o ao juíZ'o ·dos superiores, a ;gua obediência será imperfeita . . Dizia Santo J.nácio de Loi·ola que a prudência em caso de obediência não pertence aos súbditos, mas aos superiores; e que se há prudência em obedecer, essa prudência consiste em obedecer sem prudência. Diz

.também S. Berna•rdo: A obediência perfeita é indiscreta. (De vita .solit.). E noutro passo afirma: :S impossível que o noviço prudente persevere

na religião, aduzindo a razão: O julgar é próprio dos superiores, do súbdito é obedecer.

Para pr.og·redir na rvirbude da obediência - o que é ·de suoma impor.tância torna-s-e omi·ster que oad:a um tenha se·m-

54

FIANTO AFONSO

pre o ânimo preparado para cumprir tudo aquilo para q11e sentir maior repugnância, e para ,sofrer em paz e COM resignação, a privação de .tudo o que procura ou deseja. Bem poderá suceder que no tempo •em •que mars •suspire peJa solidão •para se ent·reg·ar à oração ou ao e·studo, o empreguem mais que nunca nos mini.s téri.OS com os próximos. Pois, •se é certo qwe na religião, estando em casa, se pra .tica, quanto possível, a vida solLtária e para este •fim há •mui·tas •h·cras de silên ci-o, há exercícios espi-ri-tuais tod'Os os anos, há um dia .de reti-ro todos os meses, há além disso, os •exerdciqs tanf:Jes da .tomada do hábito e da profissão; c·ontudo, se a religião -é de vi-da aot:iva, o religioso, quando •nela for empregado .pela obediên da contentarseá .só com o •tempo das orações e exercícios da oo.munidade; de verá •até estar ·di-sposto, algumas vezes, se 1a obediência assim o ordena, a omitir estes mesmos, .sem replicar nem se inquite tar. Procure ent•rar bem ll'IO sentido da quele dito s·entencioso de Santa

Maria Madalena de Pazzi: O que se faz por obediência é tudo oração.

AVISO! SORRE A VOCAÇÃO

55

IV

Das provas próprias da vida religiosa

Depois de ter entrado ao serviço de Deus na religião, ainda que a sua vocação seja verdadeiramente chamamento de Deus, ainda que tenha dominado todas as paixões e alcançado aos pés todos os interesses terrenos, vá ninguém cuidar que já esteja isento de tentações e provas que Deus lhe mandará na forma de tédio, obscuridade, apreensões, tudo para ornais o confirmar na sua vocação.

Saiba que até os santos que mais amam a sua vocação, sofreram às vezes grandes escuridões do espírito e lhes parecia estarem enganados e não poderem salvar-se no estado religioso. Assim aconteceu a Santa Teresa, a S. João da Cruz, a

Santa Joana .de Ohantal. Bastou recomen doarem-se
a Deus ·e as trevas desvanece
ll'amse e •a paz .reapareceu. É desta forma que o
Se.nhor prova os seus predilect·os,
como ·foi dito a Tobias: E posto que eras aceito
a Deus, necessário foi que a ten tação te
provasse. (Tob. 12,18). E no
Deuteronómio ainda é mais explícito:

56

SANTO AFONSO

Porque o Senhor, vosso Deus, deseja pro varvos para
saber se amais o Senhor, Vosso Deus, com todo o vosso
coração e de toda a vossa alma (Deut. 13,3).

'P:repare-!Se cada ·um •na r-eligião para !Sofrer a
s·ecura e 1escuri.dade de es.pírito. Acontec·erlheá
·muitas vez·es como que fraquejar o ânimo para
·sofrer os riogores da observância ·do •seu Instituto;
chegar seá quase a persuadi-r que não poderá voltar
a ·t'er paz e que a sua salvação cor rerá perigo.É então
•neoe·ssádo ·est•ar de sobr·e aviso, q_uando a tentação
se ape
senta, quer ·sob a forma de escrúpulo, quer sob
pretex·to ode .maior bem e-spiri-tual e se empenha
·em o fazer abandonar a sua

vocação.

Dois são os remédios principais que ajudam a vencer tais tentações.

1. O Recurso à Oração

O primeiro remédio é o recurso à oração: Aproxima-vos de Ele e sereis iluminados. (Ps. 33,6). Quem recorre a Deus, é impossível que não vença a tentação; quem se não recomenda a Deus, é impossível que não seja vencido pela tentação.

Notes e que de modo geral não basta
A VISÃO SOBRE A VOCAÇÃO

7

·tará J.·lecorrer a .Oeus uma só vez e du ·ran·te poucos dias par:a ganhar a consciên·cia de sair vitori·oso. Bem pode ser que o Senhor permita qu·e a tentação persis·ta depois da oração, por semanas, m·eses, e anos. Tenhamos, porém, a cer·teza ·e recomen·det·que a alma ·cons·tant·e e ·firme em s·dar a Deus acaba·rá, sem s·ombra de dú·vida, por ser iluminada e vencedora; sai·rá da ;tribulação com maior paz e mais confirmada na sua

·vocaçãO. ·Bnquanto não tiver passado est·a tempestade,
que a todos

há-de le'xperiomoen!Jar, ninguém se dê por seg.uro.

A.dvi·rta..s., e, porém, ·que enquanto durar o
temporal. não há que esperar ·fervor nem
clareza doe razões para soe .tranquilizaor, porque llo
mei·o daquela oesouri.dão, tudo

·se apresenta confuso e não deixa enxer gar abér!Ja
nenhuma. Não faça mais noes·te ·transe de prova .do
que oexdamar: Senhor, ajudai-me, Senhor, ajudaime.
Recorra, também, muitas vezes à protecção de Maria
San·tíssima, que é Mãe da sant·a pers·eve·rança; con·fie
na promessa divina : Pedi e recebereis. (1Joan. 16,4).
Não cabe dúvi.da doe que 'Vencida es·ta tempestade
com a g·raça divina, voltará a aJ,ma a encontrar
calma e paz na vocação.

58

SANTO AFONSO

2,o - Abrir a consciência aos Superiores

O ·segundo J."emédio, tão necessário e
essen.cial como o an;redor para venoer as
ten.tações é comunicar .aos 'Superiores, ou ao

Padre ·espi-l'itual a tentação que o aflige e faça-o antes que a tentação gan·he força e o domine.

Dizia S. Filipe Néri ·que tentação descoberta era tent:Jação meio vencida. E. pelo contrário, não ihá maior pedgo nesse caso

do que escon.der a t•entação, não desabafa·r com os ·superiores, porque ren.tão Deus, da Sua par.te, retira as suas luzes, em vista da falta de lealdade .com que procedeu o religioso ^{rentado} não manHestando a -sua ·bentação, a qual. por seu lado, vai ganhando terreno, crescendo e adquirindo forçais até fioar senhora do campo. Te

nha-se por bem assenbe que, estando em j.ogo a vocação, não ma:n.Hestar a tentaÇão é perdê-la com •toda a certeza.

Saiba-s-e que na J."eligião o inferno não pode usar de tarma .mai•s perigosa ·do que das :ten.tações contra a vocação, pois vendda es-ta batalha, •tem a vitória ganha. Perdida a vocação e reg·ressado ao mu·ndo, que bem e que pmgresso pode fazer uma aJ.ma no Célinho de Deus?

O inimigo .não deixará ·de lhe repre sentar qu
 fora da religião gozará de
 mais paz e .fará maior bem. Tenha, po rém,
 como cel'lt'O que, •saído eLa religião,
 acometêloá .tal r·emorso que nunca mais terá
 paz, e peça a Deus que -o remc·rso não vá
 atormentálo no l_{in}fer_{no} por roda a
 eternidade. Já acima ·deixámos provado que
 •essa ·é a sorte muito provável de quem por sua
 culpa 'aba·noona a vocação. Cairá ta·mbém em
 .tal tibi-eza e ·desânim'O para faz·er o bem, que
 não if:lerá s·equer coragem
 para levantar os olhos ao Céu.

Será ·muioro ·fácil que abandone .de todo a
 oração, opoios todas oas vezes que nel11 qui·ser
 entrar, •sentirá 'um inferno de re morsas, com a
 consciência a repreendêlo
 e a gritar lhe: Que fizeste? ..R'eixaste Deus! Deixaste
 a tua vocação! Para com prazer com as tuas paixões,
 com os teus parentes! Tenha a •certeza de que
 esta·s c·ensuras as háde sentir toda a vida, e
 mais vivamen·ne à hora da morte à vista da
 ternidade.

Em lu913r de acabar os ·seus dias na casa de
 Deus, rodeado. dos seus bon-s
 .irmãos em •religiã·o, .morrerá •fora do seu
 Instituto, talvez no meio do·s seus pa
 (i0 IUNTO AFONSO

rentes para co•ntentar os quais, desgostou a Deus.

Imploo.rem sempr·e os .religiosos que
 Deu·s os Jeve antes pavéi Si .do que OS deixe continuar a
 viver, rvindo a passar pela .suma -desgraça da perda da
 vocação, a qual melhor se aquilatará às pOrnas da morte
 servindo •só para aumentar o tormen;to, pois então já
 •não haverá remédio que possa reparer o terra cometido.
 Por ·onde, quem é ·tentado !lal sua vocação, a .m•eihOor
 meditação que pode fazer enquanto dura o combate, é
 pensar na aflição que .lhe há-de ·causar no tra·ns·e da
 morte o r·emorso de, por sua .culpa, não t•er sido fiel
 à sua vocação, vindo a expirar •fora da reHgião.

-Refliba bem, por último aquele que de·seja
 entra:r ·em religião, que há.. . de resolv·er-se a •fazer-s·e
 santo e a sofrer todos

os .tvabaJihos internos •e externos para ser fiel a Deus e à sua vocação.

Se não assentou consigo mesmo proceder assim peço-lhe .com todo o encareci-mento que se não engane a si, e aos

AVISOS

A VOCAÇÃO

·superiores, que não abmce o estado religioso. rEsta lfalta de •resolução para o sofrimento •é ISi•nal jniludível •de que, ou não é •chamado, ou não quer, .como deve, corresponder rao chaomoamento, o que é mal ainda maior.

Por i•SSO, com tal rd1sposição de espírito •é ma'is de aconselhar que ele permaneça no .mundo a preparar-se, a resolver-se a odar-s<e rodo a Deus, a paderer tudo por •amor de Deus. Oe outro modo prejudioar-•se-á ra si •e à :I'eligião da qual s•airá com •facilidade e •sob •qualquer pretexto. E •então ficará desac.reditaodo perante o mundo e s•erá para com Deus réu de maior infidelidade ao seu chama•mento; perderá a confiança de .dar mais um P'asso

no caminho do Sen·hor, e só Deus. - ·sabe as
ruínas •e quedas que se sucederão.

*

*

*

Em ·suma, que belo espectáculo o duma
comunidade religiosa composta de almas que
vivem no mundo com'O se já não per•tences•sem
ao mundo, sem outro pensamento ou preocupação
que não seja o de dar ·gosto ra Deus!

Na religião ni·nguém ponha a vista se não na vida eterna. Felizes de nós se estes quatro dias que temos de passar sobre a terra, os gastarmos no serviço de

Deus! -De .modo •muito especial. se empe nhe em se ·desferrar do .tempo p:e'l'dido aqll'ele que ga·sou boa pa·rte da sua vida no .mundo. Ponhamos ·diante dos olhos a eternidade e então tudo sofreremos com paz e aiegría.

Demos graças a Deus po-r nos ter mi moseado com tanta·s luzes e meios para o amar:mos como ·deVle e m·erece ^{se.r} amado. Dentre tantos homens foi a nós qu·e Ele ·escolheu para O servir na reli gião, .comunicandonos o dom do Seu santo amor.

Awntajemo-'nos na virtude para agra dar a Deus, lembrandonos, como dizia Santa Teresa às suas filhas, que já que com a sua g·raça, fiZ'einos o -mais quando voltámos as co·stas ao mundo e :renundá mos a todas as suas pompas e bens, fa c;amos o .menos ·e sereffiioiS ^{sa:ntos}. Tenho

a ce11teZ1a que Jesus, aos que ·mor-rem em religião, 'tem preparado lugar muito alto no

paraíso. Na terra seremos pobres, des prezados,
tidos como insensatos e loucos;

AVISOS

A VOCAÇÃO

despicar nos--emos na outra vi·da: outra será
então a nossa sol'lte.

Recome.ndemonos consta·not·e:mente, sem
desFaied·mento, ^{1,3}nosso amantíssimo Re

-dent'or oculto no Sacrário; !peçamos com •fervor a
protecção àe Maria San;tíssima, não •esquecendo
nunca que todos os reli giosos têm de se di-
stinguir pelo seu amor

ae>endra.do a Jesus Sacraomentaão e à Ima culaàa
Conceiçã'O. Estribados nestes dois 'amores,
confi.em•os sempr.e. Jesus Cristo escolheu-nos para
grandes àa sua Corte, como o prova bem
pa;ten.temente a protec• ção que •di•Sipensa à·s
dHerent'es ordens re ligioosas e a cada um ·dos seus
súbditos: O Senhor é a minha luz e o meu socorro, a
quem heide temer? (Ps. 26,1) ,

Completai, Senhor, a vossa obra e fa zeí, para
V'Ossa glória.. q1ue sejamos todos vossos. Fa:Zei,
Oeus meu, que todos os re lig:iosos e -religiosas
tenham a di•ta de vos ágradar em tudo e sempre
at'é ao dia do juízo; ,dai-nos a 1todos a ,satisfação
de vos

conquistarmos a1mas, · muitas almas. A·ssim s'ejá.

CAPITULO SEGUNDO

CONSIDERAÇÕES QUE APROVEITARÃO A QUEM FOR CHAMADO PARA O ESTADO RELIGIOSO

PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO

Como se asse&lura no estado religioso a
salvaçllo eterna da alma

Pam !formar i.deia .cabal da importância, suma
da salvação eterna da a•l-ma basta ter fé e reflectir
que temos só uma alma: Pois de que servirá ao homem
lucrar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?
(Math. 16,26).

-Es·tJa grande .máxirda ·do Evangelho atraíu
ltoantos jovens, uns a recolherem-se aos claustros,
outros a fugi-rem para o
·deserto, ·ml\iltos a <darem a voo por Jesus Cristo no
ma1ltído. . . Todos se disseram de •sí 1pam si: Que ·nos
interes'Sa possuir
todo o mundo, todos os bens que nesta vida se podem
log·mr? Esta vida acabará muito ·depreSsa e condenar-
'llos-emos a

sermões inflizes na vida que não acabará nunca!... A tantos ricos, tantos príncipes e imperadores, que agora se encontram no Inferno, que lhes resta de tudo o que possuíram e desfrutaram no mundo, -senão maior tormento desespero? Tudo aquilo passou como a sombra. (Sap. 5,9).

Tudo passou para eles como a sombra, como sonho; mas os tormentos não passarão, durarão tantos anos como há-de durar a eternidade. Porque passa a confi

guração deste mundo. (I Cor. 7,21) . E de, o mundo, que é senão teatro de pouca duração? Feliz quem nesse teatro

pode desempenhar o seu papel; aquele que conseguir alcançar a bem-aventurança, que nunca terá fim. Pouco lhe impor

tará então ter sido pobre, desprezado e atormentado nesta vida, será agora rico e feliz, honrado e rei do paraíso para sempre. Só para este fim nos colocou e conserva o Senhor nesta terra, não para adquirir bens transitórios, mas para enriquecer a riqueza eterna: O paraíso, a vida eterna. (Rom. 6,22). Este é o único fim que não se tem todos os homens que vivem neste mundo. A desgraça está em que poucos, ou quase

ninguém, pensa na vida eterna. Por entl'e as trevas deste

Egipto, a maior 'Parte dos homens põem todo o seu empenho em conquistar honras e prazeres. Esta é a armadilha em que tantos caem e se per·de:m: devastaram-na, e ela está de luto diante de mim; foi inteiramente desolada toda a terra, porque não há ninguém que considere no seu coração. (fer. 12,1) .

Quão poucos são 'os que •se detêm a meditar no otran&e •fatal da hora .da morte, que será a úiHma cena do teatrô da vi-da! Quem 'Se lembra da eternidade que nos espera? Quem veflecte !Sobre o que Deus fez por ·nos·so amor? .Oaí vem que a maior parte dos 1homens vive miseràvdmen.te às cegas, afastados de Deus ao modo dos a·n:imais, com os olhos postos nas coisas da terra, sem se recôrdarem de Deus, sem se preocuparem com o seu a:mor, sem dedicarem um pensamento à eternidade. Têm, pois, morte infeliz, que será o princípio ·duma ;morobe e in:feliddade eterna, chegados à qual abrirão os olhos, anoo só para chorarem para :sempre a suu loucura.

Pois bem, um dos grandes meios de que ·se dispõe na religião é a meditação contínua das verdades eternas: Em todas as tuas obras,

lembra-te do fim e não pecarás. (Eccl. 7,40).
Em todas as casas

O ESTADO BELIGIOSO

religiosas onde reina a observância Se faz
esta meditação uma e mais vezes ao dia. Aqueci-do e
iluminado pelas luzes que irradia:m das coisas divina-s, é
-moralmente impo-ssível viver, .ao menos por muito
tempo, longe ode Deus, e sem as contas
ajustadas para entrar na eternidade.

O RAÇA O

Meu Deus, como mereço esta grande m-isericórdia de
Vos dignardes chamar me de preferência a mim, que mais
que ninguém Vos ofendi e devia ser privado
das Vossas luz-es divinas, m:e chamastes, digo, a gozar
da honra de viver em Vossa casa, como Vosso
<familiar, tendo deixado tantos outros a viver no
século?

Senhor, con.cedeime que eu recdnh<eça graça tão
singular que. me :fizesse, a fim
de que não deixe_ nunca de vo:-la agra decer como
espero e proponho fazer sem pre nesta vida e na eternidade.
Não per mitais, Deus meu, que Vos seja ing-rato. Já que
Vós .fostes tão pa'l"Cial para comigo e me preferistes aos
outros no Vos-so A-mor, oozão é que eu Vos a-me e sirva
com mais :requintada fidel-i-dade. Meu

Jesu-s, **quereis** que eu seja ·só Vosso e eu

a Vós :me entrego todo. Aceitai-me, conservai-me de 'hoje em diante como coisa própria Vossa, pois eu já me não pertenco a mim mesmo. Começastes, Senho·r, acabai Vossa obra, •chamast·es-me para Vossa casa, porque •me quereis santo. Fazei-tm·e o que quereis que eu seja. Ouvi-me, Deus meu, por amor de Jesus C1'is:to, em quem pus a minha confiança.

A·mo ..V. os, •meu Sumo Bem, Bondade infinita; amo-Vos/:só a Vós e quero ama•r-Vos pa·ra sempre.

Mari'a Santís·s:i.ma, minha Esperança, 'SOCorreí-me, alcançai _me a graça de ser para ·sempre •fiel a meu Senhor Jesus Cris^to.

SEGUNDA CONSIDERAÇÃO



Morte feliz
dos
religiosos

Bem-aventurados os mortos que morr!m no Senhor. (•Ap. 14,13). E •quem são estes. •mol'lf:os bem-aventurados que mor-

SODBE O ESTADO REUGIOSO

'rem •no Senhor, •senão os Teligiosos, que no fim dos seus dias estão já mortos pa•ra o -mundo, -desprendidos dele e de todos os seus bens por •me"io dos seus V!Otos?

Considera, •irmão, como será gmnde o teu contentamento se, fiel à tua vocação, fechares •os olhos à luz da vrda na Casa de Üeus!

O demónio não deixará de te representar ~~que~~ se entrares •em religião em breve te

arrependerás de 'ter abandoJldla o a c•asa paterna, a pátria, •de ter defraudado os teus. parentes •das esperanças que tinham posto em ti. Pensa de .ti para ti: à hora da morte arrepender ... mei ou da:rm:e..aei

de contente os para**b**éns por ter posto erri prática a minha resolução! Peço-úe, pois, qu'e te figures :moribundo, prestes a com parecer -no tribunal d-e Jesus Gristo; per gunta..;te o que •maios desejarias ter feito, reduzido a lta! •esta•do. Quererias ter con

tentado a .teus parentes, ter •feito prospe m•r •a cas'a e a pátria, vi•nd'O a falecer r

.deado de teus i•r.mãos, sobrinhos e outras

,pessoas de 'família? Sentir-.teías feliz por •ter vivido na tua casa goZJân•do as• honras de ser pároc,o,

.cón·ego, bispo e ministro fazem·do a tua vontade? Ou,
pelo centrá rio, prelreriri'as expi•rar na casa de ·Deus; ,

SANTO AFONRO

assistido de teus irmãos em r·eligiã·o, que te ani·ma·m
naquela 1treiD'enda hora?

Não enontrerias :mais paz e satisfação em t·er vivido
na ·religião humilhado, mor tifi·cado, despojado
dos bens da terra, longe dos parentes. debaixo da obediên
cia, desprendido .de 1tucLo quan·to é do mundo?
Tudo ·são preparativos eficacís -simos pare ter uma boa
mor.te. Quem esti ver habituado a privarse das
consolações do mundo, não se lamentará de o deixar.
(S. Bernar·do, De Cons.) .

:0 Papa Honório 11 ·suspirava à hora
·da mórbe por ter ·ficado no ·convento a lavar pratos sem
ter subido ao sólio pon ti·fício. Filipe 11. chegou
tamlliém àquele transe ..supremo, Preferia an·tes ter sido
Ü'Imão leigo .de qualquer ordem religiosa ao s·erviço
de Deus do que rei. Filipe 111, :também ·rei .de
Espanha, desaba·fava pres tes a ·comparecer per·ante o
tribunal de

Deus: Quem me deoo 1ter ficado a s·ervir •a Deus no
deser.to 1e nunoa .f:er sido mo nar.ca. Agora iria om
·mais confia:nça à pre·sença do Juiz Supremo.

Quando o demônio vier tenta-te com tre a vocação,
 pensa na hora da morte e figura--te próximo daquele
 grande momento, do qual depende a eternidade;

deste modo 'lograrás venc·er todas as ten·tações, ·se·r fiel a Deu· e não ter de te ·arrepender quando Ele ·te chamar a contas. A 'tua vida setá contínua acção de graças, viverás e -morrerás content·e.

Gerardo, Ir·mão de S. Bernardo, morl·eu a ·cantar ·com o pe·nsamento de que se despedia ·da vida na casa de Deus. O Padre Suárez da Com·panhia de Jesus experimentava ao aproximar-se ·do seu fim tais excessos de <:onsolação e doçura em ·expirar na religião, ·que dizia: Não cuidava que fosse tão doce o morrer.

De outro devoto relig'ioso, também da Com·panhia ·de Jesus, se refere que recebeu a chegada da morte a rir. Perguntado, por que pro<:edia de modo tão estranho, respondeu: Como não hei-de eu rir? Não prometeu Jesus Cristo o paraí·s·o a ·qu·em deixa tudo por seu amo·r? Não 'foi Eie próprio que dis·se: Todo aquele que deixar a casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou fazenda, por causa do meu nome, receberá cento por um e· terá como herança a vida eterna? (Math. 19,29).

Eu deixei o mundo por amor de Deus: Deus é fiel, não ·pode faltar às suas promessas, e por is·so como não hei... de , eu

rejubilar e rir, tendo a certeza de ir para o Céu?

Perguntaram a um irmão leigo à hora da morte qual ^{em} o seu maior desejo. Nada mais quero, respondeu ele, ^{de} que morer e reunir-me a Deus.

O Padre Genaro Samelli, pouco tempo antes de ^o .;o.J!bar o último 'suspiro, em colloquio com Deus expande nestes termos os sentimentos de seu coração: «Senhor, saiba que C[U]anto fiz e <pensei, foi tudo pa•ra glória Vossa; agooo suspiro por ir contemplar Vós face a face, se assim for de Vosso beneplácito». E, a.cresc•entou:

«Já agora nada mais quero do que en,trar em doce agonia». E .depois pôs-se a conversar amigavelmente .com Deus e dentro de pouco tempo expirava .na paz do Senhor, ficando com o semblante de quem es

baça um sorriso, e com o <o•rpo a exalar odor suavíssimo, o qual, como foi atestado, perfumou o qua•rto.

Razão 1^{ta} tinha, pois, S. Bernardo para exclamar, falando do estado feliz dos religiosos: «Ó vida segura em qU'e se espera a morte sem t-emor; mais ainda, em que a •morte é .desejada .e recebida com de voção».

ORÇÃO

Senhor meu Jesus Cristo, que para me alcançardes uma boa -morte, escolheste para Vós :morte tão amarga; já que-subiu a :tal ·ex·tremo o Vosso •amor para comigo, que me escolheste para .seguir mais 'de perto os passos da Vossa vida, .para verne por este meLo mai·s unido e est·rei tado a Vosso Coraçã·o enamorado! pren dei ...m.. e, suplkoV os, bem fortemente com as doces cadeias do Vosso amor a fim de qu•e nunca me separe de Vós.

Meu Redentor amantíssimo, o meu •an•elo ·é s·erV os ·grato. corresponder a tanta generosidade da Vossa; tenho medo que a minha fraqueza me torne infiel. Meu Jesus não o permi:tais; ·faz•ei que arn:tes morra do que Y.os aba·ndone e •me esqueça do affecto car.inhosamente especial com que me .tratas·tes.

AmoV os, meu amantíssimo Jesus; ·Vá s soi-s e sereis sempre o único Senhor do meu coração ·e ·da minha alma. Deixo :tudo e elejo só a V ás para moeu único tesouro, ó Cordeiro purí·ssimo de Deus, ó •meu àrdentíssimo aman:te: O meu amado é branco e corado. escolhido entre dez mil.
(Cant. 5,10).

Para long-e de .mim, as criaturas. O meu único bem é o meu Deus. É Ele o meu único amor, o meu tudo. AmoV os, meu bom Jesus, •e a amar Vos quero gastar o que .me 'l'esta de vida ou •muito ou pouco. Eu Y.os abmço •e aperto ao meu coração e abraça•do convoscó aspiro a morrer.

Esta graça Vos peço <e por outra não anelo; fazei com que eu viva •a arder no Vosso amor e quando ch•egar ao fim dos meus •dias, daimoe a graça de exalar o último suspiro com um acto de ardente amor pam .convosco.

Virgem Imacu'lada, obtendeme esta graça; de Vós assim o espe.ro.

TERCEIRA CONSIDERAÇÃO

Contas que terá de prestar no dia do jurzo

aquele que nlo obedece à sua vocação

A graça da vocaçã•o para o estado re Hgioso não é gmça or•dinária. É graça muito rara •que Deus concede a poucos: Não fez tal a nenhuma nação. (Ps. 147)

Quanto maior não é a graça de ser cha •mado para a vida perfeita, •de •ser domés tico de Deus em sua c\31sa, •do que ser

cha·mado a ser rei .ck rodos os reillol s?! Que
co.mpa•ração há 'entre um reino tem poral dest'e
mundo e ·o reino eterno do
Céu?

Quanto .maior é o favor que Deus faz tan,to
maior será <a ·sua indignação com quem não
1tiver .correspon.di<do; tanto mais rigorosas
serão as cont<as que lhe pedirá no ·dia do seu
ajuste.

Suponde que um rei chama pare o seu paládo
real um pastorinho para que o sirva na ISUa corte
e que ele, para não dei xar a sua pobre choupana
e as suas ove ·h<as desd-enha de .tal di<Stinção.
Qual não será a indignação 'do rei? Deus
conhece hem o :preço das suas graças e por isso
castiga com rigor quem as despreza.

-"Ele é o Senhor; ·quando chama quer ser
obedecido e sem .demora. D<aí vem que, quando
Deus com as suas luzes cha mà uma alma para a
vida perfeita, se a

•alma não corresponde, a priva das suas
i·nspirações e a abandona nas trevas. Qua-ntas

almas nã·o veremos condenadas no dia do juízo
justamente porque cha
mada·s não quis·eram ouvir.

Agrad·e·cei ao Senhor, porque vos con·vídou
a segui·lO, mas tremei de não acei tar o ,seu .
convite. Se vos convida a se

gui-10 -de mais perto, é -s'inal de que vos quer •salvar;
·mas quer s·alvar-vos· só por aquele .caminho que Eie
vos indi·c-a e deg·e.

Se quereis salvar-vos tomando o caminho que vós
escolhel"des, .oorl"ei-s gran.de risco de vos P'er.derdes.

Se ·f·icais no século, quando Deu·s vos qu·er no estado
religioso,

não vos dará aqu·elas graças ·eficazes que vos tinha
preparadas em sua casa e. sem as quais não podei's
akançar a salvação.

As minhas ovelhas escutam a minha voz. O
oan. 1 0,27) . Quem não qU'er ouvir· a voz de Üeus
manif.esta que não é, ne.m será sua ovelha, •e s·erá
condenado com os !fé

probos no vale de J·oafá.

ORAÇÃO

Grande foi, Senhor, o ex.cesso da Vossa divina bondade ao esco.lherdes-me entre tantos outros para Vos s•ervir e-m Vossa -casa •com os V ossos servos mai•s dilectos.

Reconheço quão •g-rande é a Vossa graça e quão . indig•no sou eu dela. Aqui me tendes, Deus meu; quero co•rresponder a :tanto amor; quero obedecer.Vos.

Já que• tendes sido tão liberal para comigo. oha;mando-:me quando Vos não

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO

procurava •e Vos pagava •favores •com ingratições, não permitais que .eu •ontinu•e a proceder tão desassidamente, que, ,para s•eguir o •mundo .m•eu :inimi-go, no •qual. na minha vida passada, tantas vezes perdi a

Vos•sa graça e a :minha eterna salvação, v•os deixe a Vós que por meu amor derramastes o sangue •e destes a 'Vida. Já que me chamastes, dai-me força para Vos obedecer.

1} á prometi obedecer-Vos; renovo a minha prom•essa; ma-s 'S'em a g.raça da santa persevemnça não posso se!l'-Vos fiel.

AFONSO

É .1esta perseverança ·que eu Vos peço e pelos
V os"Sos .merecimentos espe,ro alcançar. Dai-rme
coragem para vencer as paixões -da .carne, ·com
as quais o demô
nio pr·etende que vos atraícoe. Amo-Vos, ·meu
'esus, •e ·a Vós :me consag·ro todo. Eu sou V
osso ·e vosso quero .s·er para sempre.

Maria, minha Mãe ·e minha esperança, Vós sois
a Mãe da santa perseverança. Esta virtude só por
Vossa intercessão se alcança; -obtendema, Mãe do
Céu.

SANTO

QUARTA CONSIDERAÇÃO

Tormentos que sofrerá no Inferno quem se condenar
por ter perdido a vocação

O remorso por ter perdido por culpa própria
alguma coisa de valor, ou de ter
voluntariamente causado algum mal, é pena tão
pungente, que até mesmo neste mundo constitui
tormento insuportável.

Um que torturará no inferno um
jovem que Deus distinguiu com especial favor
chamando-o para o estado religioso. ao
reconhecer que, tendo correspondido a graça tão
grande, teria con-

quistado lugar muito alto no paraíso, em vez de
ter caído naquela masmorra horri-

vel, onde reina o desespero de não ver remédio
para a derna ruína? O seu verme não morre e o
seu fogo não se extingue.

(Mate., 9,43). Será este o verme que, não
morrendo nunca, lhe estará roendo sempre o
coração com ininterrupto remorso. Em vão dirá
ele: ó, como fui estulto! Podia ter sido um santo,
se tivesse escutado a voz de Deus, e eis-me
condenado sem remédio!

Para cúmulo da sua pena, saberá o miserável, e
verá no dia do juízo univer-

COITSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO

sai. que aqueies que 'Obedecel'am à sua vocação e
deixaram o mundo para se recolh•erem à casa doe Deus
para onde também eJ.e tinha sido convidado, se S'entam
à dkeita de Deus com a fronte adornada com a a-uréol•a
da santidade. E ele ver-se-á separado d'O convívio dos
bem-antura

dos e relegado para o •meio da chusma inumerável dos
míseros condenados, porque não obedeceu à voz de
Deus. Bem

certo é que o recordar-se da graça da vocação lhe •há-de
dobrar os suplícios do
inferno.

g demais sabido, como mechtámos Já,
quão Jácilmente se expõe a •esta infeHcíss1ma mudança
todo aquele que, para seguir o seu capri'cho, volta as
costas ao cha•mamento divino.

Por isso, meu irmão, visto que Deus vos convidou
pare vos .san.tifirca•r•des na sua
casa, considerai bem o perigo que correis, se
voluntàriramente perdeis a vocação.

Esta greça da vocação que Deus, na Sua in1nita
bondade vos 'Concedeu, indo busca•r-vos ao rcomoum
dos rmotais para

vos juntar ao número •dos príncipes eleitos do paraíso,
 converter-se-á por culpa
 vossa, se fordes infréis a Deus, num inferno apart•e para
 vós. Escolhei, pois

8..\\NTO

que Deus põe a eleição r•as VOSSAS mãos: escolhei ser
 um grande rei •no paraíso, ou um eondenado mais
 atormentado que os outros réprobos .do :inferno.

ORAÇÃO

Não permitais, Deus .meu, •que Vos
 desobedeça, e seja infiel. R•econheço e dou-Vos
 graças pela Vossa bondade que,
 em lugar de me expuls•ar da Vossa presença e de me
 lança1' no infemo que tan
 tas vezes mereci, -me exortou a fazer-me •santo e me
 prepa:rou um grande trono no paraíso. Reconheço
 também que :mereceria dupla pena, se não
 co•rrespondess-e a esba g•raça que nem a .todos é
 concedida. g meu sincero propósilto obedecer-Vos.
 Aqui .me tendes; e quero ser sempre Vosso.

Abraço com júbilo tcdos os trabalhos e in•cómodos
 •da vida .religiosa para que me chamais. E que são
 estas penas e trabalhos em <:omparac;ão com as
 penas eternas •qUe eu mereci? Já estaw perdido

pelos meus pe<:ados: agora entrego-me todo a Vós.
 Disponde de mim e da minha vida como for do
 Vosso ~~divino~~ beneplácito.

Aceitai, dulcíssimo Jesus, um condenado

CONSMERAÇÕES SOBRE O ESTADO

ao inferno, que era eu, a servir-Vos e a amar-Vos
 nesta e na outra vida. Eu quero amar-Vos na
 medida em que merecia estar sendo odiado por
 Vós no inferno. ó meu Jesus, Vós quebrastes as
 cadeias

com quem: o mundo me tinha preso, libertastes-me
 da escravidão dos meus inimigos. ó Deus e Senhor
 meu, só a Vós quero levantar os meus desejos: só
 a Vós quero amar e, pel'O amor que Vo s tenho, só
 a Vós hei-de servir e obedecer para sempre.

Graças Vos sejam dad-as para sempre a Vós. ó
 minha Mãe e minha Advogada, que me
 alcançastes esta grande miseri'córdia. Ajudai-me
 não permitais que eu

jamaiz seja ingrato 30 Senhor qU'e tanto

me t'em amado. Fazei, Senhora minha, que Deus
 me tiore antes desta vida do que permita que eu
 venha a ser infiel a tanta graça. Assim seja.

QUINTA CONSIDERAÇÃO

A glória Incomparável qae os religiosos gozam no
 céu

Medita em primeiro lugar que S. Bernardo afirma que mui difl:cilmente se condena o religioso que ·morre fiel à sua vo-

cação. Fácil é o caminho da cela para o céu; mal se encontrará algum que passe da cela para o inferno. E o santo dá a razão: Quase nunca perseverará na religião a não ser o predestinado ao Céu. (De Vit. saL, c. 4). É por este motivo que S. Lourenço Justiniano chama à religião porta do Céu; Daquela celeste cidade esta é a entrada. Pois este é grande indício de predestinação. (De Dix. mon., c. 7) .

.Considerai, além disso, que o paraíso. como diz o Apóstolo, é coroa de justiça; donde se conclui que Deus, que remunera as nossas obras com mão generosa, mais abundantemente do que das merecem, conrDudo dá a cada um na proporção das obras que pra'tircou (Ma.tth., 16,27). Dá a cada um segundo as suas obras. Por aqui podeis alcançar o grande prémio que Deus reserva no céu para os bons religiosos em harmonia com os méritos que eles conquistaram.

O religioso oferece a Deus todos os veseus bens

· Pobre, da terra sem possuir e ·contenta-se com
vicoisa a'lguma.

O religioso renuncia ao aifedo dos parentes, :dos
amigos, da pátria para se unir mais a Deus. O
religi'oso tprivra-se de muitas coisas que lhe seria
Hcito gozar no século.

CO:TSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO RELIGIOSO 83 .

O religioso, finalmente, ·entreg·ase total n;tente a Deus,
fazendolhe doação da sua própria von·tade com o voto
da obediência.

Nada há que nos seja mais <:·aro que a própria
vontade: -mais de que qualquer
outr·a coisa é o nosso coração, ·quer diz·er,
a nossa vontade é o qu Deus nos pde: Dá ^{me, meu} filho, o
tw coração. (Prov. 23,26) . Quem serve a Deus no
mundo, dálhe •coisas suas, mas não se dá a si mesmo;
dálhe parte, mas não .J,he dá tudo, porque lhe ·dará ·os
seus vestidos em esmo

las, os seus alimentos em jejuns, o sangue nos açoites, etc. Mas reservará sempre para si a própria vontade, jejuando e rezando quando quer. O religioso, pelo contrário, entregando a Deus a sua vontade, entregase a si mesmo, entregalhe tudo. Pode, por isso, dizer-lhe com toda a verdade: Meu Senhor e meu Deus 'tendo Vos dado a minha vontade, nada mais Vos posso dar.

O religioso, em tudo quanto faz por obediência, tem a plena certeza de que cumpre perfeitamente a vontade de Deus, de que em tudo merece: quando está em oração, quando prega; quando jejua; quando se exercita em outras mortificações.

SANTO AFONSO

.Cumpre, igualmente, a vontade Deus quando come ou varre a cela, ou faz a oração, ou descansa, ou se recreia. Tudo quanto faz por obediência é aceitar por Deus como se fosse feito por ordem sua. Santa Maria Madalena de Pazzi costumava dizer que tudo quanto se faz por

obediência é oração. E Santo Anselmo, falando dos religiosos que amam a obediência afirmava que eles aumentam os seus merecimentos com tudo quanto fazem.

S. Luís Gonzaga comparava a religião e uma viagem em barco à vela, no qual, ainda que se não reme, sempre vai vogando. Tenha sempre e por bem assente que ganhará mais num mês religioso que daria a sua regra do que um secular num ano com todas as suas penitências e orações.

Sabese, porque assim foi revelado, que um discípulo de S. Doroteu, por nome



CONSIDERAÇÃO SOBRE O ESTADO RELIGIOSO

Dostoiévski, em 'Cinco anos que viveu debaixo de obediência ganhou no fim a glória igual à de Santo An-
tônio Abade que passaram tantos anos no deserto.

É velada a dor que os religiosos têm que sofrer nestas vidas as durezas e incômodos da observância das regras. Vão, é certo, chorosos levando a semente; mas ao voltar, virão radiantes, trazendo jubilosos as gabelas. (Ps. 125,8). E carutarão naquela hora de triunfo: Em delicioso sítio me coube a sorte; formosa é, na verdade, a herança que me tocou. (Ps. 15,6). Os laços que me ligaram ao Senhor torná-la-m-se deliciosos para mim. Muito grande é a glória que eles me conquistaram.

ORAÇÃO

Será possível, Deus meu, bondade infinita, e meu verdadeiro Amor, que Vós desejeis tanto o meu bem, tanto aneis por ser amado e eu miserável tão pouco desejo amar-Vos e dar-Vos

gosto? Com que fim me tendes favorecido com tantas graças e me tirastes do mundo? Bem Vos compreendo, meu Bom Jesus: a•mais-me

R6

ILANTO AFONHO

com .tan•tos extremos. porqu;e quereis que Vos ame na med'ida .das minhas posses. que seja todo Vosso nesta vida oe na

outra. Quereis que o meu amor não seja partilhado com as criaturas, mas pertença tcdto a Vós, meu ún:::-J bm. único er amável e .digno de infinito amor. Ah meu Se-nhor, meu tesoiro, meu amor, mu tudo. que mais tenho eu que arpar senão a Vós?

a Vós que eu suspiro amar com todas as veras da minha alma; a Vós hei--de -amar e a mais ninguém.

Graças Vos dou por este desejo que me inspirais, peço-Vos .que mo conserv2is, que o aument•a\is sempre. Fazei que vos agrade e ame na terra quanto .d•es•ejais ser a•mado, a •fim de que venha um dia a amar-Vos face a .face com •todas as forças no paraíso.

Eis tudo quanto Vos opeç<l: Quero amar-Vos . .Deus e Sen.hor meu, .e para Vos amar me ofereço a sofrer .todos os trabalhos. Quero ser santo não para ter direito a gozar a mais no céu, mas para Vos agradar .muito a Vós, Deus da minha alma, para Vos amar muito oe para sempre. Por amor de Jesus Cristo, Eterno Pai, ou'Vi-me. Min'ha Mãe, Maria S:mtis-

sima, por amor do Vosso filho ajudai-me; Vós
sois a minha esperança; de Vós es <pera todos
os bens.

SEXTA CONSIDERAÇÃO

Da paz que Deus dá a guar aos bons
religiosos

As pro.mesSiéls de Deus não podem dei xar
de se cumprir e Deus empenhou a sua palavra
quando disse: Todo aquele que deixou casas,
irmãos, irmãs, pai ou mãe, filhos ou campos,
por causa do meu nome, receberá o cêntuplo
e possuirá em herança a vida eterna. (Matth.
19,29). Promete o Senhor o cêntuplo aqui na
terra e a vida eerna no paraíso.

A paz da aJ.ma é um bem que vale mais que
.todos os reinos da terra. E para que serve o
domínio de .todo o mundo sem a consciência
tranquila? É preferíV-éõ'l ser o aldeão mai-s
pobre da terra •e viver con tente, do qu•e possuir
o mundo todo e passar a vida inqu'ieta. Mas
quem pode dar esta 'Paz? O -mundo

.cerbamen.te que não. A paz é .um bem que só
dim.ana de Deus. Dai, Senhor, implora a Igreja,
a vossos servos aquela paz que o mundo não

88

RANTO AFONSO

pode dar. Pos isso chama S. Paulo ao Senho·r o Deus
de toda a consolação. Ora se Deus é único .dispensa·dor
da paz, a quem julgamos que Ele a conceda senão

àqueles que deixam tudo, que se desprendem de todas as



criatu·ras para se ent·regare.m
inteiramente ao seu criador?

Eis a exp·bcação de se verem
os bons religiosos recolhidos
na sua cela. desprezados,
mo·rtificados e pobres bem
mais

content·es e jubilosos do que
os grandes e poderosos do

.mundo com .todas as suas riquezas, pompas e
·diverti·mentos.

Costumava àrzer Santa Escolástka que se os homens
chegassem a suspeitar a paz que gozam os bons
religiosos, o mundo conver·ter·se·ia num convento, e
Santa Maria Madelena de Pazzi acrescentava .mais, que
se compreendessem bem

o que é a paz dos bons religiosos, tomariam os
•conventos de assal·tada. O coração humano criado para
um bem infinito, não pode contentar·se com a posse das

criaturas que são bens finitos e pobres; só Deus, que é bem infinito pode saciar

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO RELIGIOSO

lhe a fome infinita de felicidade: Rega late no Senhor e Ele terá de darte quanta o teu coração dele solicite. (Ps. 36,4) afirma o Salmista.

O bom religioso que vive unido a Deus não tem que invejar nenhum príncipe da terra, senhor de reinos, riquezas e honras. Pode dizer: foi somente com S. Paulo: Possuam os ricos as suas riquezas e os reis os seus reinos; para mim, a minha glória, a minha riqueza e o meu reino é Jesus Cristo. Verá o religioso que os mundanos loucamente se gloriam das suas falsas vaidades; ele, porém, empenhará todos os esforços para se desprender cada vez mais das coisas terrenas, para se unir mais estreitamente a Deus; viverá com tanta paz do Senhor e dirá com David: Quem dos carros se fia, e quem dos seus cavalos, mas nós o nome do Senhor invocamos. (Ps. 19,8).

Santa Teresa não receava assustar-se que uma centelha de consolações espirituais valia mais que

todas as delícias do mundo. O Padre Carlos de Lorena, descendente dos príncipes desta mesma casa, entrou que foi na religião, não se cansava de apregoar que com um momento de celestiais doçuras que o Senhor lhe

!)0

S. V. T. L. AFONSO

da Vila a provar, se dava por superabundantemente pago -de tudo quanto no mundo deixara por amor de Deus. Por vezes, subia a tal ponto o seu júbilo, que estando só na cela não podia conter-se que não se pusesse a dançar. O Beato Serafim

de Ascoli, irmão leigo capuchinho, protestava que não trocava um palmo do seu cordão por todos os reinos do mundo.

Poderá haver maior dita, depois de ter deixado tudo por amor -de Jesus Cristo, do que poder exclaimar com S. Francisco de Assis: Meu Deus -e meu tudo?! E ao mesmo tempo ver-se livre da escravidão do mundo, da sujeição do século, dos afectos da terra! ... Esta é a liberdade que gozam os filhos de Deus, como são os bons religiosos.

É bem verdade que, no principio, o coltar cerca com o convívio e os passa tempos do mundo, a vida de comunidade, a observância das regras lhe pare"ciam

muito espinhosas. Não tardará, porém, que estes
 espinhos, a quem lhes sofrer
 as primeiras pitadas com amor e oragem, como
 afiançou o Senhor a Santa Brígida, se converterão
 em flores e delicias do paraíso. Então
 experimentará na terra aquela paz que, segundo
 afirma S. Paulo, ui-

C'ON'liDERAÇ'ÕES SORRE. O ESTADO RE.T.TOIOSO

tra-passa todas as satisfações dos sentidos, todos
 os prazeres dos banquetes, todas as festas e
 diversões do mundo.

A paz de Deus, a qual sobrepuja toda a
 inteligência, guardará vossos corações e
 vossos pensamentos em Jesus Cristo. (Phil.
 4,7). E poderá haver maior paz do que saber dar
 gosto a Deus?

ORAÇÃO

6 meu Senhor, meu Deus, meu Amor, meu
 tudo, agora já compreendo que só Vós podeis
 saciar as aspirações da minha alma nesta e na
 outra vida.

Mas eu não quero amar Vos pelo meu
 contentamento; quero amarVos só para

contentar •e dar gosto ao Vosso Coração divino.

Este anelo •eu quero que seja a• minha paz, es.be o meu único •contentamento, unir a .minha vontade ao Vosso santo querer, ainda quere para o alcançar me seja ne<:es sário passar por todos os trabalhos. Vós sois o meu Deus, •eu a Vossa <:riatura. E que posso eu ambicionar de mais alto de que agradar a meu Senhor e meu Deus que tem para .comigo prodígios de amor?

92

SANTO AFONSO

Vós, meu dulcíssimo Jesus, deixastes o cé-u, para levardes por meu amor vida pobre e mortifcada; eu, por •mim, abando nei .tudo para consagrar a -minha vjda ao

Vosso serviço. O meu gosto será dar Vos •gosto - amoV os meu amabilíssimo Redentor, amoV os com todas as veras da minha a1m•a. Concedeime que Vos ame e trataime como quiseroes. O .meu supremo anelo é contentar Vos quanto em -mim couber.

ó Mãe de Deus, Maria Sa•ntíssima, protegeime; fazei ..m. e sem•elha'nte a Vós, •não na glória, que não mereço, como Vós a ,mere•ceis, mas em ag•radar a Deus, em cumprir a sua divina vontade, como Vós

agradast-es e cumpristes.

STIMA CONSIDERAQAO

O dano que a tibieza «:auaa no rellgloao

Considera a miséria do religioso que, depois de •ter abandona-do a pátriá3, os opa rentes, o mundo com todos os seus encantos; depois .de .se .toer consagrado a Jesus Cristo, sacrificandolJhe a vontade a li herdade, todo o s-eu ser, se expõe ao pe rig0 de se condenar.deixandose cair na

tibieza ·e ·desleixo: ·toe·nha-se por certo que ·não está longe ·de perder-se o religioso túbio, que Deus chamou para sua casa, onde o quer santifioa·r. Deus ameaça ·as aLmas túbias de as vomitar e de as abandonar, se não se ·emendarem: «Já que s túbio ·estou para te vomitar da minha boca». r(Apoc. 3, 16).

Santo Inácio .de Loiola, notando que cer.to Irmão leigo doa sua ordem servia a Deus com tibieza, ch·amou-o ruom da e exprobou-o com estas palaovras: Diz-me, irmão, que vie·ste ·fazer à ·religião? - Ser

vir a Deus, respondeu ·e'le. - Que dizes, il'!mão?

replicou o Santo. Se tivesses res

pondi·do que vieras servir um cardeal, um príncipe ·da

tel'ra, terias desculpa: mas tu

afil'mas que vi·este servir oa Deus e ser

ve-IO deste ·modo?

•P.• Nieremberg é de parecer que Deus cohama alguns para que se sal'Vem somente

como santos: de modo que, ·se não envi

dam todos os esforços para atingi'l' grau heróioco de santidade, e ·se dão por contentes simplesment·e com

·salvarem-se, nem salvar-se ·Jograrã·o.

Quem assim procede - assevera Santo

A·mbrósio - costuma ser abandonado por

Deus, porque Deus sói votar ao abandono

os negligentes. (In Pas. 1 1 8, s. 1 O) . E qual é o modo de os abandonar? Permite que das culpas leves, mas advertidas, passem às culpas graves, percam a graça e a vocação. Santa Teresá viu o lugar que 'lhe estava preparada no inferno, se não se tivesse desprendido dum affecto terreno, que não era, aliás, gravemente culpado. É verdade inconcussa Confirmada pelo Espírito Santo: Quem despreza as coisas pequenas a pouco e pouco cairá.
{Eccli 19,1).

Muitos há Que se propõem seguir a Jesus Cristo, mas a distância, como fez S. Pedro, o qual, segundo refere S. Mateus, quando o Mestre foi preso, O seguiu de longe. (Matth. 26,58). Mas a quem proceder como S. Pedro, acontecer-lhe-á o que aconteceu a ele: posto na ocasião, renegará a Jesus Cristo. Contentar-se-á o tépido com o pouco que faz por Deus; mas não se contentará o Senhor que o chamou para a vida perfeita. Em castigo da sua ingrati-dão, não só o privará de favores

·especiais, mas chega·rá ·a permitir a sua ruína. É sentença de Santo Agostinho: Se disseres basta, estás perdido. (Serm. 168).

CI'INSIDEBAÇÕES

O ESTADO

A figueira do Evangelho foi condenada ao fogo só porque .não dava 'fruto.

É muito pa•ra meditar o dito do P. • Luís de la Puente: Tive muitos defeitos, mas .não fiz a paz .com eles. Ai do religioso qu•e - chamado à perfeição dá tréguas à imperfeição. Enquanto se detestam as imperfeições, há esperanças de atingir

a santidade. mas se se cai nos .defeitos e se desprezam, então - garan,te-o S. Bernardo - pe11dida está a possibiJi.dade de

sair .da tibieza: Quem semeia mesquinh.amente, mesquinamente colherá. (11 Cor.

9,6). Para fazer um santo não bastam as graças ordinárias; são precisas as ex.traordinárias. Como v·ai Deus ser pródigo nos seus !favores com quem lhe regateia as demonst·rações •do seu amor?

A:lém disso, para chegar à santidade é mister ganhar ânimo e forças para vencer toda a repugnância; ·e não vá ninguém cuidar, protesta S. Bernardo, que pode subir o

.caminho da perfeição, se não se disti1,1gue
entre os outros noa prática da Vil'tude: Ü
perfeito não pode ser senão singular. M•edita
bem, irmão, para que deixaste o mundo •e
com ele todos os seus bens. Não foi para ser
san.to? Mas a vida tibia e defeituosa que levas,
é, porven-

tura, ·caminho ·da santidade? Santa Teresa animava as •suas filhas com dizer I•hes: Irmãs, fizestes o maú, resta fazer des o menos para serdes santas. O mesmo vos repito eu: fizestes ·talvez o mais difícil, deixastes a pátria, a casa, os pais, a ·família, os vossos bens, os divertimentos; falta serdes santos; •mãos à obra.

ORAÇÃO

Ah meu Senhor e meu Deus, não me lanceis .da Vossa prese-nça, <:omo eu bem o mereci, porque proponho emendarme. Reconlheço •que a minha vida com tantas imperfeições não Vos pode agradar; sei bem que sou •eu que, com a minha tibieza, fecho a porta àquelas graças que Vós de sejais concederme. Não •me ·abandoneis, dulcíssimmo Jesus; continuai a usar de com paixão pam comigo, porque 'eU quero le vantarm-me de estado tão miseráve'l; é meu firme propós;i•to, empenhar no futuro todos os esforços em refrear as paixões, obede cer às vossas inspi•rações, não descurar por tédio,

antes cumprir com mais deli gência, os meus deveres.

Anseio em suma, de hoje em diante, por Vos agradar; anelo por não descurar nada

CONSIDERAÇÕES

O ESTADO

que eu saiba ser de Vosso gosto. Vós, meu Jesus, fostes tão liberal comigo no cumular-me de Vossas graças: chegastes ao extremo de •derramar o Vosso sangue e dar a vida por mim; não é de razão que eu seja tão mesquinho para convosco. M•ereceis, Senhor, 'todas as honras e todo o amo-r; mere•oeis que, para Vos agradar, sofra alegremente todos os trabalhos e privações. ó Senhor, conheceis a minha fraqueza; ajudai-me com o Vosso poder eu - confio em Vós.

).Vlaria, Virgem Imaculada, ajudaste•s-me a abandonar o mundo: :ajudai-me ta•inbém a vencerme •a mim, a fazer-me santo.

OITAVA CONSIDERAÇ,IQ

Como é. agradável a Deus uma alma que se entrega sem reserva

Uma é a minha pomba. a minha pura. (Cant. 6,8). Deus ama a .todos quan,tos O amam: Eu amo os que me amém. (Prov.

8,7). Muitos há qu·e se entregam a Deus, mas conservam no seu coração resquí·cios ·de affecto às criaturas que os impedem de fazerem de si entr·ega .to•tal. E como há-de o Senhor dar-se .todo a quem divide o seu

SANTO

a1p.or entre Ele e as criaturas? :É justo, pois, que Ele não se-mostre pródigo dos seus fa•vores com quem O ama com taxa e medid·a. Pelo contrário, Deus dá-se todo àquelas almas que, expulsando do coração tudo quanto não é Deus ou a Deus não conduz, se Lhe entregam sem rese·rva e podem dizer .com verdade: Meu Deus e meu tudo. Santa Ter·esa, enquanto conser vo11 affecto desordenado, ainda que não impuro, a ce·ta pessoa, não ouviu .dos lá bios ·de Jesus Cristo, cómo ouviu :depois, quando ·se desprendeu de toda a afei_ção às criaturas e se ·dedicou de corpo e alma ao seu Criador: Já que tu és toda minha, Eu sou todo teu.

Medita hem que o ·filho de Deus não .descansou enquanto se não deu il:odo a nós: N asceunos um menino; um filho nos

foi dado. (Is. 9,6) . Deus enos a nós pelo amor que nos tinha: Amounos e se en tregou a si mesmo por nós. (Eph. 5,2).

Daí veio a dizer S. João Gr:isóstomo: se Deus se entreg:ou a ti sem reserva ne nhuma: Deuse todo a nós e não deixou

nada para si, não é justo que tu, do mesmo modo, te entregues todo a Deus, não reser vanodo nada para ti e, ardendo em amor divino, I.Jhe vás cantan•do de hoje em

CONSIDERAÇÕES

O ESTADO

diante: Teu sempre serei. Destes Vos Vós mesmo; eu mesmo me dou a Vós?

Revelou Santa Tere•sa a uma das duas religiosas a quem apareoeu depois da morte, que Deus ama incomparãvIm-n.te mais uma aLma que se lhe entrega total mente do que miJhares de almas túbias e imperfeitas. Dest-as almas género•sa e intei:ramen.te de Deus se compõe o coro dos serafins. O próprio Senhor nos asse vera que ama tanto uma a•lma que atende à perreição, que até qua9e parece amáJ.a só a ela: Uma é a minha pomba, a minha pura. Por isso exorta o Beato Gil: Uma para um. Queria ele dizer com isto que esta única alma que temos, devíamos dála :toda i-ntei•ra não

diV'i·dida, à·que'le único que é o único ·a
merecer todo o amor, d·e quem ·depende toda a nosSa
feli cidade, que nos ama infinitamente mais que
ninguém: Deixa tudo e encontrarás tudo,
ensina To má's de Kempis. (1. 3 cap.

32). Se deixares tudo por amor de Deus. em
deus acharás tudo. 6 alma, conclui

S. Bernardo, sê uma só para servir a um só (In.
Cant., S. 40) . Conservate u•ma, não te dividas
com o aifecto das criatur·as, a fim de -ser.es
toda só d·Aquele, que é o

único a mere(:et amor infinito, o único a quem deves amar.

ORAÇÃO

O meu amado é meu e eu sou dele.
(Cant. 2,16). Se Vós, Deus meu, Vos destes todo a mim, hei-de eu ser tão ingrato que não me entregue todo a Vós? Já que Vós me quereis todo opara Vós, eis-me, Senhor, sou re quero ser todo

V-osSo. Aceitai--me pele vossa infinita miseri
'X:ól'dia, e não me repilais; fazei que este
.meti coração, que noutro tempo amou as
criaturas, se converta agora para Vós e
se ap'lique todo a amar a Vossa bondade
infinita. Morra já este eu, exdaniava Santa
Teresa, e viva em mim outro que é mais do.
que eu e para mim melhor do que eu,
para que eu · O possa · servir: Ele viva .e me dê
vida: Ele reine e seja eu cativa: qu-e a minha

alma não quer outra liberdade. (Exclamações, 17).

A'h! Senhor ·meu amabilíssimo, autor de todo o bem, muito pequeno é o meu coração ^{re} muito pouco o que basta para Vos amar a Vós, qu·e sois digno :de amor infín•ilto. <Praticaria injustiça muito grande se

CONRIDF.R.AÇÕF.R RONRF. o- ERTADO RF.UGJORO 'lOi

eu quisesse .dividir este pouco por outras criaturas além de Vós. AmoVos, meu Deus, sobre-todas as-coisa-s. Só a Vós amo; renuncio ^a todas as ·criaturas e me entrego .todo a Vós, meu Jesus, meu amor, meu Salvador, ·meu tudo. Digo e direi sempre com o Vosso Profeta: Fora de ti que há para mim no céu? e contigo a terra não me agrada. O meu coração e carne se consomem: és. o meu rochedo e a minha herança para sempre, Deus. (Ps.

72,2425). Nada mais desejo, quer nesta, quer na outra vida do que possuir o te soiro do Vosso amor. Deus da minha alma, não quero que as criaturas voltem a ocupar lugar no meu coração; só Vós haveis de ser o meu Senhor, só Vosso há-de ser para o futuro; só Vós sereis o seu bem o seu repouso, a sua aspiração, todo o seu amor. Daime só o Vosso amor, Vos direi com Santo Inácio, com a vossa graça e serei assaz rico. Só isto espero e Vos peço. Virgem Santíssima, agraça-me a graça de ser fiel a Deus, e de nunca retardar o dom que Lhe fiz de mim mesmo.

SANTO AFONSO

NONA CONSIDERAÇÃO

Para atingir a santidade E mister desejo ardente
de ser santo

Nenhum santo logrou já mais vir a sê-lo sem sincero e al'dente anelo de alcançar a santidade. Assim como as aves neces si tam das asas para voar, assim também as almas



carecem .de sa·ntos desejos para trilhar o caminho da perfeição. Para ser santo é -mi·ster desprenderse das criaturas, v·encer as paixões, dominarse a si mesmo,

mar a cruz. E pa·ra trepar a píncaros tão altos requere-se muita força de vontade, árduo e ·duro sofrer. E que fazem os san tos ·desejos? Responde S. Lourenço Jus 'Hniano: Infundem forças e tornam os tra balhos mais leves. Por onde ajunta o mesmo santo ·que leva meia vitória ganha

quem alimenta desejos sinceros de vencer. Aquele que preten·de trepar ao cume duma monta.nha, não o conseguirá, ·se não to mar fir·me reso.l'Ução doe arcar com o can saço da escalada. De outro modo, ·as di ficuldades e ·o desânimo o l'eterão nas 'f.ral

das da :montanha. Assegura S. Bernardo que tanto mais alguém adianta na p·erfei ção, quanto maior for o seu gesejo de a

CONSIDERAÇÔF.S SOBRE O EST,DO REUGIOSO 103

alcançar. E Santa Teresa as·severa que Deus é amigo das almas g·enerosas que têm grandes aspirações.E daí nasdam as exortações a todos:

Os nossos pensamentos sejam [tos, porque deles virá o nosso

bem. Não devemos reduzir os desejos, mas confiar em Deus que, esforcandonos pouco, pouco poderemos chegar, com a sua graça, aonde chegaram os santos.

Este foi o caminho seguido pelos santos e em pouco tempo alcançaram alto grau de perfeição e conseguiram grandes coisas, em nome de Deus: Chegado em breve a completa madureza, encheu o espaço de largos tempos. (Sap., 4,13).

S. Luís Gonzaga, cuja vida se findou aos vinte e três anos, em pouco tempo subiu a tal grau de santidade, que Santa Maria Madalena de Pazzi, vendoo em espírito no paraíso, não duvidou afirmar que lhe parecia até certo ponto não haver

santo no céu que gozasse maior glória do que ele. Revelou Deus à mesma Santa

que S. Luís Gonzaga subira tão alto no céu, devido ao desejo grande que ele tinha de se unir e amar a Deus quanto Ele merecia ser amado. Ao verificar que não podia chegar com as obras aonde ia

SANTO A'ONSO

a sua aspiração, padecia na terra o mar tÍrio
do amor.

Costumava S. Bernardo para se afer vorar,
pergun.tarse a si mesmo: Bernardo a que
vieste? O mesmo vos repito eu:

Que vieste fazer à ca&a Deus? Por que
deixaste o ,mundo? Não foi para ser san to? E
.que fazes agora? Para que perdes o tempo?
Diz ..m. e: Queres de facto che gar a ser
santo? Se não queres, nunca o serás. Não
.tendo este •desejo, pede a Jesus e a Maria. Se
o tens, ganha ânimo, exorta S. Bernardo,
porqu•e muitos não chegam a ser •santos,
•devi•do à falta de coragem. Por •isso, cobra
ânimo, repito,

ganha alento. Por qu•e hás-de temer? Por que
•desconfias? O 'Senhor •que te deu for ças pare
abandonar o mu•ndo, .tas dará •também para
levar vida de santo.

Tudo passa; .esta vida ou contente ou
descontente háde passar, a eternidade
não passa•rá nunca. O pouco que ti veres feito
pelo amor .de Deus, nos con solará .na mo•rte
e na eternidade. Traba lhos e fadigas durarão
pouco; •eterna será a •coroa que já

vislumbra os nossos olhos. Como estão contentes os santos por terem sofrido o que sofreram por amor de Deus! Se no pareísso pudessem entrar aflição, só

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO RELIGIOSO 1011

disto se afligiriam os Bem--aventurados: de ter deixado de fazer por Deus o pouco que pude. E já não podem fazer. Ânimo e sem demora, porque não há tempo a perder; o que se pode fazer hoje, já se não pode fazer amanhã. Dizia S. Bernardino de Sena que um instante vale tanto como Deus, pois em cada instante podemos conquistar Deus e a Sua graça ou maiores graus de graça.

ORAÇÃO

Eis-me aqui meu Deus. O meu coração, Senhor, está pronto. Eis-me disposto a fazer quanto quiserdes de mim. Diz-ei-me, dulcíssimo Jesus, o que exigis de mim, que estou pronto a obedecer-Vos em

tudo. Choro o tempo que operdi, •em que podia agradar-Vos e não o fiz. Dou-Vos graças pelo .tempo que me dais para o fazer. É resolução assente não contrariar a perdê-lo.

Eu quero •e •desejo Jazer-me santo, não para gozar maior glória e mais delícias no céu; quero ser santo para Vos amar mais, para Vos dar mais gosto nesta e na outra vida. Fazei, Senhor, que Vos am<e, fazei que Vos agrade quanto Vós desejais. Eis

SANTO AFONSO

tudo quanto Vos peço, Deus e Senhor meu. A minha ambição é amar-Vos, amar-Vos •de .todo o coração •e para Vos amar .me ofereço a sofrer todas as privações e trabalhos. Aumentai, Senhor, em mim este anelo e conced•ei-me a graça de o pôr por obra. Só por mi•m na<ia posso, mas

ajudado por Vós, posso tudo. Eterno Pai, ouvi-me por amor de Jesus Cristo. Dulcíssimo Jesus, pelos méritos da Vossa Sagra.da Paixão, Socorrei ..m e! Maria Santíssima, .mi•nha esperança, amparaime!

Do amor que devemos ter a Jesus Cristo para corresponder ao amor que Ele nos mostrou

Para ter reconhecimento cabal do amor que o filho <ie Deus teve por nós, bastará meditar as palavras de S. Paulo: Aniquilou-se a si mesmo, tomando forma de escravo, feito à semelhança dos homens ... Abateu-se a si mesmo, feito obediente até à morte de cruz (Phi. 2,7) .

Aniquilou a si mesmo/ Que espanto não deve ter causa•do e causará aos anjos por •toda a eternidade<ie, ver Deus fazer-se ho-

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DE UM REUOIOSO 107

ornem por amor do homem, e sujeitar-se a todas as humilhações e trabalhos humanos! E o Verbo se fez carne (Jn. 1.4). Quem não ficaria estupefacto se visse um rei convertido em verme por amor dos vermes? É, porém, •maravilha imensamente maior ver a Deus feito homem: E depois vê-lo humilhado até à morte tão penosa e aviltante da -cruz, na qual acabou .a

Sua vida. Os profetas Moisés e Elias, falando no Tabor acerca da morte de Jesus, chamaram-lhe, como diz o evangelho, excesso: E eis aqui dois varões que falavam com Ele os quais eram Moisés e Elias, que, aparecendo circundados de glória tratavam do que Ele ia realizar em Jerusalém. (Lu-c. 9,31).

E S. Boaventura comenta judiciosamente que a morte de Jesus foi com sobeja razão chamada excesso porque foi um excesso de dor e de amor em que nunca se poderia acreditar, se não tivesse acontecido. Extremo de amor, ajunta Santo Agostinho, que levou o filho de Deus a vir à terra levar vida tão penosamente trabalhosa com morte ignominiosíssima para dar a conhecer ao homem quanto o amava (Ca:tech. rud., c. 4).

SANTO AFONSO

Revelou o Senhor à sua serva Armela Nicolás que tinha sido o amor a causa de todos os seus trabalhos e morte afrentosa. Se Jesus Cristo não fora Deus, muitos simples-

mente um homem no•s-so a•mig•o, que maior prova .de amor teria podido darnos do que •morrer por nós? Maior amor que este ninguém o tem: Que dar alguém a vida por seus amigos. (Jean. 14;13).

Tendo prese:nte o a-mor que Jesus Cristo nos mostrou, os •santos julgaram fazer muito pouco dando a vi•da e quanto pos suiam por quem os •tinha •amado com trais extremos.

Quantos jovens, quantos nobres d-eixa •ram a casa, a pátria, as riquezas, a famí lia, tudo par se -recolherem a um claustro e viverem só para o amor de Jesus Cristo! Quantas donzelas •renunciaram à -mão dos príncipes •e grandes dõ mundo e caminha ram alegres para a mort•e, com o fim de corresponderem de algum modo ao .amor •de quem por seu amor morreu justicado num patíbulo in-fame. A Sant Maria Madalena de Pazzi •preda isto loucura. Daí vinha o chamarLhe louco de amor: Sim, meu Jesus, repetia ela, sois louco de amor. Também os gentio•s, •quando ouv.iam pregar a morte .do nosso divino Redentor

cuidavam tratar-se de loucura que não podiam compreender: Pregamos um Cristo crucificado; para os judeus escândalo; para os gentios, loucura. (I Cor. 1.23). Como é possível. diziam de si para si, que Deus tão feliz em si mesmo, que de nada tem necessidade, tenha morrido por amor dos homens seus escravos? Isto é o mesmo que acreditar num Deus enlouquecido por amor dos homens. Mas é claro fé que Jesus Cristo, verdadeira 'filho de Deus, se entregou à morte por amor de nós. Caminhai no amor, assim como Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós (Eph., 5,2). Tinha razão pois •Santa Maria Madalena quando exclamava chorando a ingratidão dos homens para com Deus, que os amou até ao último extremo: O amor não é co



nhecido, o amor não é amado. E de fado, Jesus Cristo não é amado dos homens, porque vivem esquecidos do seu amor.

Alma quoe medite que Jesus Cristo mor-
SANTO AFONSO

reu por seu amor, há-de forçosamente acabar por não poder viver •sem O amar:

Porque o amor de Cristo nos compele. (11 Cor. 5,14). Sentirse-á inflama-r e quase forçar a quem tanto o amou.

Jesus Cristo, como ensina o P.e Nieremberg, podia re.mir-no-s com uma só gota do seu sangue e Ele quis derramá-lo todo, até dar a vida, a fim de que à vista dos tormentos tão a-trozes da sua morte nos não contentássemos ·si·mplesmente com O amar, mas fõs·semos docemente im-pelid-os a amar com todo o coração o nosso Redentor ·tão apaixonado por nós: E por todos morreu, para que os que vivem não vivam já para si mesmos, senão para Aquele que por eles morreu e ressuscitou.
(11 Cor. 5,15).

ORAÇÃO

ó ·meu Jesus, meu Senhor, ·meu Reden•tor, ·quanto não lf:iz.estes para me obrigar a amar-Vos?! Quant-o Vos não cu·stou o amor que me tendes? Muito ingrato sMia eu se me contentasse com amar-Vos apenas friamente, .depois de terdes d-ado por mim O sangue, a vida, tudo, e a Vós mes-

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO RELIGIOSO 111

mo. Se Vós morres'tes por mim, Vosso pobre ·escrevo, é bem ·de razão que morra por Vós, moeu Deus e meu tudo. Seja assim, meu dulcíssimo Jesus; desprenderme-ei de tudo para me entregar todo a Vós. Renuncio ao .amor .de todas ·as criatul'as para me consag,rar única e inte.i·ra

...,>nte ·a Vós. O meu amado é elei•to entre mil. (Cant. 5,10). Também ·eu quero eleger-Vos a Vós, Senhor, por meu tesoiro, por meu único armor. A-mo-Vos meu Bom

Je•sus, amo-Vos -de .todo o coração. Repito e repetirei se-mpre: AmoVos, amo-Vos muito, já que Vos não <:()Itellntais de que V os ame pouco.

Vós não ·quereis que ·ame outra coisa senão a Vós. Anseio por Vos contentar em tudo, opor Vos amar muito; só a Vós quero, só a Vós amo. Meu Deus, ajudai-me com o Vosso auxílio a ag·ra:dar-'Vos plenamente.

ó Maria Santíssima, Rainha do Céu, •ajudai--me Vós também a amar muito o meu Deus. Assim seja, assim o espero.

DÉCIMA PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO

Da grande ventura que têm os religiosos de habitar
com Jesus Sacramentado

A Venerável Madre Maria de Jesus, fundadora de .uma Congregação em To-
losa, ·dizia que por duas grandes razões
estimava a S;)rte de ser religiosa: a primeira,
porque os religiosos, pelo seu voto de
obediência, se consagram todos a Deus; a
s·egunda, porque eles gozam da ventura de -
morar s·empre com Jesus Sacramentado.

E na verdade, se os mundanos estimam em
.tão alto g-rau o serem chamados pelos
reis •_;Jara habitar em s-:!u palác:o, quanto
mais não havemos de estimar nós os religiosos
o -ter_mos sido trazi·dos a viver com o Rei do
Céu em .Sua C·asa·?

Nas· igrejas .das -casas religiosas, Jesus
está, sempre. ao akanc e de poder ser visi.tado a
qualquer hora. Ao passo que no mundo. os
seculares apenas têm meio de
o fazer alguma vez .dura·nte o dia e
nalguns lu·gares só pela manhã. O religioso

está em condições de encontrar Jesus no tabernáculo. sempre pela manhã, durante

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO RELIGIOSO .113

o dia, à noite. Ali pode tratar continuamente com o seu Senhor; ali se compraz Jesus de se entreter familiarmente com os seus servos dilectos, pois foi justamente para este fim que os tirou do Egito do

mundo, para nesta vida eles Lhe fazerem companhia enquanto encoberto no Santíssimo Sacramento, e na outra ser E. e já visto face a face, seu companheiro no paraíso.

De todas as casas religiosas se pode dizer afoitamente: ó solidão em que Deus fala familiarmente com os seus/ As almas que amam deveras a Jesus Cristo não anseiam por maior paraíso na terra do que encontrar-se na presença do seu Se

nhor Sacramentado, o qual permanece nos nossos altares por amor de quem O procura e visita: O seu trato não tem desabrimento, nem aborrecimento a sua convivência. (Sap. 8,16).

Aborrece-se na companhia de Jesus

Cristo quem não ama; a alma que neste mundo pôs todo o seu amor só em Jesus Cristo encontra no Santíssimo Sacramento todo o seu tesouro, o seu repouso e o seu paraíso. Por isso dedica todo o amor do seu coração a visitar e a fazer companhia a Jesus Sacramental, desafogando ao do ahar os seus afectos, as suas aflições, os seus anelos de contemplar face a face, de fazer tudo para em tudo lhe agradar.

ORAÇÃO

Eis--me na Vossa presença, ó meu Jesus Sacramentado. Vós sois aquele mes-mo que um dia se sacrificou por mim na cruz; sois aquele que levou o seu amor ao extremo de se encerrar por mim nesse cárcere. Entre tantos que Vos ofenderam muito menos do que eu, que Vos amaram mais do que eu, Vós, por Vossa divina bondade, me elegestes para Vos fazer companhia nesta casa para onde me transplantastes tirando-me do mundo: Vós me destinastes a viver sempre convosco para

·depois -me levardes a louvarV os no reino ·eterno.
 Senhor eu Vos dou infinitas gra ças. Onde
 mereci esta graça? Mais de mil vale um dia
 nos teus átrios, e pre firo estar à porta da casa
 do meu Deus antes que morar nas tendas da
 iniquidade.

(Ps. 83,1 1). Meu dulcíssimo Joesus, reju bilo
 ·de contente por ter oaboa·ndonado o mundo e
 ardo em desejos de me exercitar no ofício mais
 humiJ.de da Vossa casa.

preferindo a habitar nos palácios mais soberbos dos homens.

Recebei.-me, Senhor -meu, para ficar convosco toda a vi·da: não -me desampa reis como eu mereceria. Aceitai de bom grado que entre .tantos i·rmãos editficantes que Vos serve-m nesta casa, Vos sirva também eu, ainda que ·mísero pecador.

Vivi já tantos anos longe de Vós, mas agora que 1me dest:es luzes para conhecer a vaidade do mundo e a -mi.nha loucura, não quero, meu .Jesus, sair de junto de Vós. Será a Vossa presenç•a que me háe ajudar quando for tenta•do: a Vossa vizi nhança é que me há ...de recordar ·a obri gação em que estou de Vos a-ma•r e de recorrer se-mpre a Vós nos combates com o infe.mo. Por isso quero viver perto de Vós, para m•e unir ·e estreitar mais e mais a Vo sso Coração.

Amo Vos, Deus meu, escondido no San tíssj.mo Sacramento. Por ;meu ·amor estais Vós continuamente nesse altar: por Vosso amor quero ·esta•r sempre ·enquanto puder na Vossa presença. Vós, aqui escondido, estais ardendo sempre no meu amor: eu, aqui enclausurado, no Vosso amor quero

viver abraçado. Viveremos sempre unidos, ó meu Jesus, -meu amor, meu tudo, vive remos juntos; no tempo, nesta casa, na eternidade, no paraíso.

Maria Santíssima, minha Mãe, alc.:mçai-me o amor do Santíssimo Sacramento.

DÉCIMA SEGUNDA CONSIDERAÇÃO

De como a vida dos religiosos se assemelha mais à vida de Jesus Cristo

Ensina o Apóstolo S. Paulo que o Eterno Pai predestina para o reino do céu só aqueles que compõem a sua vida pela vida do Verbo Incarnado: Porque os que de antemão conheceu os destinou a ser conformes com a imagem do seu filho. em ordem a que fosse Ele o primogénito entre muitos irmãos. (Rom. 8,29). Devem, por isso, os religiosos estar contentes e seguros do paraíso, vendo que Deus os chamou para um estado de vida que entre todos é o mais conforme com a vida de Jesus Cristo. Quis Jesus na terra levar vida pobre, de simples aprendiz de carpinteiro, vestir pobremente e pobremente se alimentar: Sendo rico se empobreceu; para que

vós com a sua pobreza enriquecêsseis. (11 Cor. 89) .

C'ONAJJIF.RAÇÕF.S SORRE.

F.STADO REJ.TOIOSO 117

Além disso, Jesus escolheu vida mortificada, afasta·da dos praz·eres desta terra, sempre acompanhada de trabalhos e amarguras ·desde o nasci-mento até à mor-te. Donde veio o prdfeta a chamarlhe o Homem das dores. (Is. 53,2) . Por este meio deu o Senhor a 'entender aos seus servos qual era o género .de vi-da que Ele queria fosse adaptada por que-m se desti nasse a mim, neguese a seguiO: Se alguém quer vir apósí mesmo, tome a su'a s cruz e siga-me. (Matth. 16,24).

Seguindo este exemplo, e obedecendo a este convite, procuraram os santos des pojarse de todos os bens da terra, toma ram às costas o peso ·da sua cruz e com ele s·eg-uiram o seu amado Senhor ...

Este ·foi o caminho segui·do por s. Ben to, filho do s·enhor de Nútsia e ·parente do impera·dor J ustiniano, mimoso do -mundo em riquezas e prazeres, o qual, aos catorz·e

anos, se retirou para -uma gruta no .monte Subia-co, onde, não recebia, para viver, mais que um bocado de pão que lhe levava todos os dias por esmola um mong'e por nome Romano.

Foi!he nas pisadas S. Francisco de Assis, •renunciando em seu pai a sua herança, •entrega-ndolhe a própria camisa é

consagrando-se .todo pobre e mortificado a Jesus Cristo. Iguais exemplos deram S. Francisco de Bórgia e S. Luís Gonzaga, o primeiro duque de Gandia e o segundo senhor de Castiglione. Ambos deixaram riquezas, estados, vassallos, pátria, casa e família e se foram viver como pobres na religião. E como eles procederam tantos outros nobres e príncipes de sangue real.

A Beata Zedmerna, filha do rei da Etiópia renunciou à coroa para ser monja dominicana. A Beata Joana de Portugal preferiu entrar em religião a sentar-se nos tronos da França e da Inglaterra. Só na ordem beneditina se contam vinte e cinco imperadores e setenta e cinco reis e rainhas que deixaram o mundo para viverem pobres, mortificados e esquecidos no silêncio do claustro. Estes e não os grandes do mundo são os verdadeiramente felizes. Os mundanos têm-nos agora por loucos, mas no dia de Jesus Cristo reconhecerão que os loucos foram eles, e vendo os santos sentados nos seus tronos e coroados por Deus, por entre clamores de desespero

pero «dirão entre si, desenganados, e com a angústia de espírito gemerão: Era esse

CONSID. RAÇÕF.S SORRF.

ESTADO RET.T!!JOSO IHI

o que em outro tempo tivemos como objecto de irrisão e como protótipo de abjecção. (Sap. 5,3 e seg.) .

ORAÇÃO

ó meu J•esus, •Mestr-e •e Redentor nosso, sou eu -do núm•ero daqueles felizes chamados por Vós para Vos seguir. Meu Jesus, eu Vos dou infinitas graças. Eu deixo tudo, -e quereria ter mais para deixar para Vos seguir de perto, meu Rei e -meu Deus, que por meu amor escolheste vida tão pdhre e desprezada •e tanto à Vossa cus-ta me quisestes dar alento com o Vosso exemplo.

Segui a-diante, meu bom Jesus, que eu irei pelo Vosso caminho. Destinai-•me a cruz que Jor do Vosso -agrado e a•judai

-<me, que estou disposto a levá-la com amor e constância. Pesa-me de Vo s ter aban-donado noutro rempo, para ir após dos meus gostos •e vai.dades do murido.

O

Prometo agora nunca vos tornar a abandonar.
•Prendei-me, Senhor, à Vossa cruz;
•e se alguma vez por fraqueza Vos opuser
resistência, arrastai-me com as doces cadeias do
Vosso amor; não permitais que eu V.os ofenda.

1:10

SANTO AFONSO

Renuncio, a todas as alegrias do mundo; o meu
único contentamento será seguir;.. -Vos
amando, sofrendo tudo o que a Vós aprouver.
Espero encontrar-me depois um dia no Vosso
reino ligado a Vós com os vínculos do amor
eterno, já seguro de não ter de recear de me
ver desprendido e separado de Vós. Amo-Vos,
meu Deus,

e meu tudo, e amar-Vos-ei para sempre. Assim o
espero.

Maria Santíssima, Vós que na terra
m. Jis Vós asszelhastes a Jesus, sois agora
mais poderosa para implorar de Deus a graça;
•amparai-me e protegei-me.

DE WIMA TERCEIRA CONSIDERAÇÃO

Do zelo da salvação das almas que devem ter os
religiosos (1)

Aquele que é chamado para a Congregação do Santíssimo Redentor não será nunca verdadeiro discípulo de Jesus

(') Embora, nesta Consideração pensasse o Auto: na sua Congregação do St. Redentor, o assunto interessa a todos os religiosos **que**, dum3 maneira ou doutra, estão chamados a exercer o ' apostolado. (N. do E.)

Cristo nem chegará jamais a ser santo, se não corresponder aos fins da sua voca

ção e não tiver o espírito do seu Instituto, que é de salvar almas e entre elas às mais

necessitadas, as ;mais privadas de auxílios

espirituais, como -
são as pobres
gentes do
campo.

Com este intento
veio Jesus Cristo
ao mundo como
formalmente declarou
por estas



palavras:

O Espírito do Senhor sobre mim, por quanto me ungiu; para evangelizar aos pobres me enviou. (Lu c., 4, 18) . Em nada quis experimentar a sinceridade do amor de S. Pedro, senão encomendar-lhe a guarda das suas ovelhas: Simão, filho de João, amas-me? Apascenta as minhas ovelhas. (1Joan. 21.17). Não lhe impôs, diz S. João Crisóstomo, penitência,

orações, ou cutro qualquer trabalho, mas apenas que cuidasse—de salvar as suas ovelhas: Não lhe disse Jesus Cristo: aban

1!!2

SANTO AFONSO

dona ^{as} riquezas, jejua, macera-te com trabalhos; mandou-lhe: apascenta as minhas ovelhas. E nosso Sen'hor Jesus Cristo foi a-té ao ponto de .declarar que consi

deréiJVa como feito a si ^{meSmO} todo o benefício que fizéssemos ^{aos} humildes: Em verdade vos digo, quanto fizestes a um dos meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes. (Mat. 25,40).

Todo o religioso dreve, pois, aH-mentar este sonho, infla·mar.-se neste zelo, cultivar este, espírito de salvar almas. Para este fim há-.de dirl·gir todos os ·seus estudos. E, quando os superiores o destinarem para este ofício, nele tem de .pôr todo o seu empenho e atenção. Não poderia crer-se verdadeiro filho desta Oon9'regac;ão quem não aceitasse com .todo o affecto esta ocupação, quando a obediência lha impusesse, com o pret•exil:o .de a-tender só

SOBRE O

a si mesmo •levando vida retirada e solitária.

E que maior glória para um homem do que ser cooperador de Deus, como diz S. Paulo, nesta grande obra da salvação das almas? Quem ama a Deus com amor sincero, não se contenta com ser só a amá-lo, o seu supremo anelo será atrair todos para esta fogueira divina e dirá

CONSIDERAÇÕES

ESTAOO RELIOTORO 123

com DaNid: Cantai a Javé suas grandezas comigo, de forma que juntos exaltemos seu nome. (P.s. 33,4) . Daí vem .nto Agostinho a exortar todos O'S que amam a Deus: Se amais a Deus, arrastai todos para o seu amor.

Razão bem fundada pode ter de esperar a salvação eterna aquele que se entrega •Com Verdadeiro zelo à salvação das almas dos outros. É o mesmo Santo Agostinho que vem corroborar o nosso asserto: Salvaste uma alma? Predestinaste a tua. E o Espírito Santo nos promete por Isaías: Quando deres teu pão ao faminto

(quer dizer quando tiveres trabalhado pelo bem do pobre) e saciares uma alma humilhada (isto é quando com as tuas obras a tiveres enchido de graça) irradiará nas trevas a tua luz. (Is. 58,10). O Senhor inundará a alma de luz e dos seus dons. S. Paulo

.cdlocava a espe· rança da sua salvação eterna, na sal·
vação que ele procurava para os outros, e por isso dizia
aos seus disdpul1()s de T essalónica: Pois qual é a
nossa espe· rança, o gozo, a coroa de glória na
pre· sença de nosso Senhor Jesus Cristo em
sua vinda? Porventura não sois Vós? Sim,

Vós sois a nossa glória e gozo. (I T e-ss. 2,19).

ORAÇÃO

Senhor meu Jesus Cristo, como poderei eu agl"adecer Vos suficientemente por me terdes chamado a de&empenhar o mesmo ofício que Vós quisestes exercer na terra: a_ndar ·empenhado com os :meus •trabalhos a ajudar as almas a salvoaremse? Como mereci eu esta honra e est•e prémio, de pois de Vos ter ofendido tão gravemente ·e ·de ter sido ocasião de outros Vos te-rem ofe-ndido também?

ó Jesus, meu Sa•lvador, •já que me cha mais e- coopemr convosco neSJt:a groéldlll e empl'esa, quero ·empenhar nela todas as minhas forças. OfereçoVos, Senhor, to d as f.a•digas, o próprio sangue; a vida para V•os obedecer. Não pretendo com fsto ·seguir a minha i.nclinação ou con.se guir dos homens aplausos •e estima; o meu único 1fito é VlerVos amado de todos como mereceis.

Bendigo a ,minha sor.te e tenhme por .feliz, porqu•e Vá s me ele.g•estes para este

.grande .mini•stério. E, ao desempenhá-lo,

CONSIDERAÇfIS

RELIGIOSO -125

pr•opoílho-:me renunciar a todos os louvores •dos
homens, a todas as •minhas satisfações; só uma
coisa a •lmejo: a Voss•a glória. Seja para Vós
toda a honra e gló
ria e para .mi:m ..só.mente os trabalhOs, oã
vitupérios e humilhações. Aceitai,-Senhor,
o dferimento que vos fai um mísero peca•dor, qllel
só aspira a amar-Vos e á ver-V os amado dos
outros; dai-me forças para cumprir o ,meu
propósito.

Maria Santíssima, minha Mã•e e Advogada
poderosíssima, que tanto me te.ndes amado,
ajudai-me.

DÉCIMA QUAR•TA CONSIDERAÇÃO

Da grande necessidade que tem o religioso da
mansidlo e da humildade

J•esus Cristo, nosso amabilíssimo Redentor,
quis s•er cha.mado Cordeiro, predsamen.te para
nos indicar como . era manso e humilde. Estas
foram as duas virtudes que Ele de modo espedaJ
quis incutir aos •seus •disdpulos: Tornai .o meu

jugo sobre vós, e aprendei de mim, pois sou manso e humilde do Coração. (Math.

11, 29). nos religiosos que profesam imitar a Nosso Senhor que se requerem muito principalmente estas virtudes. Quem vive na solidão do deserto, não tem nes

sidade destas virtudes; mas quem vive em communidade, é impossível que não elle ha que sofrer as reprehensões dos superiores, e os desgostos dos irmãos. Daí virá que um religioso que não se exerce na mansidão, cometerá diariamente muitas faltas e levará vida atribulada. mister que se use de doçura com todos, com os estrangeiros e com os irmãos, bem como com os súbditos caso se exerça cargo de superior. Deve ter-se sempre presente que se é súbdito, lhe valerá mais um acto

de mansidão no sofrer dos desprezos e reprehensões, do que mil dias de jejum e outras tantas disciplinas. Observava S. Francisco que há muitos que fazem consilios a perfeição nas mortificações

exterieiros e não podem suportar uma palavra ofensiva: Não comprehendem-acrescentava ele - quanto sobreleva em merecimento o tolerar das injúrias. Quantas

personas, comenta S. Bernardo, são a própria mansidão, quando tudo corre à medida dos seus

.desejos, ^{mas} logo que são con-trariadas dão logo a
conhecer a sua

faJ.ta ·de paciência e aspereza de génio. E se
alguém está investido no ofido de
·superior, advirta ·que .t·ir·ará mais provei·to
·da r·epreensão f·eit·a ·com doçura do que
usando ·de ·severidade.

Quem é manso é útil a si e aos outros,
ensina S. João Crisóstomo. Em suma, como assewo
o mesmo santo, a pedra de .toque de uma pessoa
virtuosa é vê-la mansa nas ocasiões. Um .oração
manso é as delícias do coração d·e Deus: O que
Lhe agrada é a fé' e a mansidão. (Ecdi.

1 ,34) . É de aconselhar que ~~o~~-r.eligioso s·e
represent-e nas suas mecli<tações .toda.s as
con.tr.a•ri-idades que lhe possam surgi·r no
cami.tiho e se arme contra elas. Logo que
elas cheguem, faça-se violência para não perd•er
a calma e prorromper em ímpetos de impadênda.
Coibase. pois, de f·alaor, em momentos de irritação e
perturbação; deixe ·serenar o ânimo.

Mas para supor. tar em paz as injúrias
 ·é muito necessário estar bem fundado na h-
 umildade. Quem é verdadeiramente hu.mikle não ·só não
 ·se per.turba com ver-se desprezado, mas a·ntes se
 .compraz e Tejubila em espírito, ainda que a carne re
 calcitre, ao V'er ... se trat·ado .como ele julga
 merecer ·ser ;t-ratado, feito semelhante a

Jesus Cristo, o qual, •sendo digno de toda a honra, quis por .nosso amor ser saciado ·de Qpróbríos e injúrias.

Frei Júnípe·o, di·sdpulo de S. Francisco, quando recebia alguma ofensa •estendia a 'tún'ica, como se esperasse receber péll'olas, >C·áidas do céu. Mais ávidos são os santos de desprezos do que os mundanos de aplausos e honras. Para que serve u.m religioso que não ·sabe suportar um odespl"ezo 'POr amor de Deus? Será sempre soberbo, ou, quando fingidamente humilde, a ·quem resistirá a graça divina, como diz .o Espí.rHo Santo: Deus resiste aos soberbos mas dá a sua\ graça aos humildes. (I Petr., 5,5).

ORAÇÃO

ó meu humiHssimo Jesus, que por meu amor Vos hu·mi'llhastes e ·fizestes obediente até à morte e morte CI'UZ, como **tenho** ânimo ·de comparecer .na Vossa presença e d-e me cha-mar Vo-ssó ·discípulo, sabendo-me •tão •pecador ·e soberbo, que não pos·so Suportar um desprezo sem me resserutir?

E ·donde ·me pode vitl' a mim soberba tão.
 grande de·pois de, por meus pecados,
 ter merecido tanta vez ser cakado eter namente
 pelos demónios no inf·erno? Ah!, meu Jesus
 des prez·a.do por meu amor, aju daime, l faz·e-ime
 :semelhante a Vós. Quero mudar de 'teor de vida.
 Vós, por meu ·amor, quilstes·es :sofrer tantos
 opróbrios; eu, por Voss·o amor, quero suportar
 todas
 as injúrias e humilhações.

Vós, meu Redentor, abraçando com t·a·nto
 amm ·durante a Vossa vida os des prezas e
 humilhações, tomasteslos honro sos e apeteceíveis: A
 mim, porém, jamais me aconteça gloriarme de
 outra coisa senão na cruz de Nosso Senhor
 Jesus Cristo. (Gal., 6.14).

ó Maria, ·hUJmilíssima Senhora e Mãe
 de Deus! Vós que ·em tudo e muito espe dalmente
 no sofrimenbo f·ost·es semelhan·te a vosso Filho,
 obte.ndeme a graça de su por.tar mansamente ·com
 padênda todas a·s hUJmilhações e des prezos que de
 hoje ·em d!·ante venha a ·l'leceber.

DCIMA QUINTA CONSIDERAÇÃO



Da confiança que os religiosos devem ter no
patrocínio de Nossa Senhora

Se é verdade e muito Verdade, como a Srma S.
Pedro Damião, que a Mãe de

Deus, Maria Santíssima, ama a todos os
homens com tais exultações de amor, que, depois
de Deus; não há nem pode haver quem a iguale
ama-nos com amor invencível. quanto não
amará esta excelsa Rainha os religiosos que
consagraram sua liberdade e toda a sua vida ao
serviço de seu divino Filho, Je

sus? Não ignora
Nossa Mãe do Céu
que a vida dos religiosos se assemelha mais
à sua vida e a de Jesus que a do comum dos
homens. Vê-os com muita frequência
empregados em seus louvores empenhados
continuamente em honrá-la com novenas,
visitas, rosários, jejuns, etc. Vê-os tam-



bém ·a seus pés, t•odos absortos a invo cá-la e
a pedir-Lhe graças, todas conformes à:o·s seus
santos desejos: de perseverança ;n:o !SeU divino
serviço, de forta

Ieza conbra as .entações, ·de desprendi mell'to
da teroo, de amor de Deus. Quem é que pode
duvidar de que Ela não inter,pon'ha todo o seu
valimento e -m-i·sericórdia em 'farvor dos
religiosos?

Muito ·singularmente nós que pertencemos à
oongregação do Santíssimo Redentor
·e faz·emos. como é bem sabido, especial pro
fi:ssão de honrar a Virg·em Mãe com visi t·a'S,
com jejuns mo sábado, com mortifi
caçoos 'J)allti<:ulares em ·SJU'ii!S ;novenas,
com

promoVter a .sua ·devoção por meio de
pregações e novenatS, muito singulaJl'mente nós,
repi.to; .temos sobra·da razão para confiar no
amor e protecção da Mãe de Deus.

Nossa Senhora, a g·rande Senhooo, timbra
em ser grata para com os que A amam: Amo
aqueles de quem sou amada.

(Prov., 8,17). Leva os :requintes da sua
g·ratidão ao ponto ·de, como ·diz Santo André

Cretense, a quem Lhe faz o mínimo obséquio, conceder graças muitas e muito grandes: Tem por hábito prestar grandes benefícios a quem Lhe presta os menos obséquios. (Lect. 3, in off. B. V.) . A quem a honra e -e -esforça por que outros .a honrem também promte libertálo de pecar. Aqueles que se guiB!m por mim não pecarão; os que me derem a co nhecer terão a vida eterna. (Eccli., 24,30). É, pois, dever noSso, -e muito imperioso, dar graças a De.u:s por nos t·er cha•ma•do a esta Congregação, onde, por costume da comunidade e pelos exemplos dos com.panhreirOIS se ·nos recorda e quase obriga a recorrer a Maria Santíssima, a honrar a nossa Mã·e amantíssima que se chama e é, na verdade, a alegria, a espe rança, a vida, a salvação de quem a in voca, ama e honra.

ORA CÃO

ó lélml an.tíssima e amabilíssima Rainha, nunca m'e cansarei de dar graças a Jesus e a·Vós ·que, alélm de me ·terdes arrancado do mundo, me chamastes para esta Congregação, cujo timbre é er singular de voção para convosco. Ac·ei•taime, Mãe a:m-antrssima, ao Voo·so s·erviço. Não Vos

rdedig·neis de .re.oeber entre os Vossos 'fi lhos
rdilectos ·este servo ainda q·ure miserá vel. Vós,
depoirs de Deus, havei_s de ser

CONT'DE.RAÇÕF.S SORRE O ESTAOO RELI(Q)IOSO

s-empr·e a minha esperança, o m•eu Úlli-co
aiDior. É oa vós que heide réoóNer em .todas -as
minhas ne·ces.siclades, tribulações e tentações. Vós
hoa·veis ·de ser o meu efúgio ·e a minha
c·onsoi.adora. De ning.uém
mais quero .e aceito conforto nos meus
c01mbates, nas -tristezas e tédias desta vida,
.soenão ,de Deus e de Vós.

R:enunc.io, para Vos servir, a todas a:s riquezas,
reinos e bens do mundo. Para ·mim, rreinar ·e
possuir os bens da rtel'l'a será .servir, bendiz·er e
.amar neste mundo, a Vós, minha Mãe e Senhó..ra
dukíssima. Vós, ·fonbe ·da pemeverança,
alcanÇai-m a g·rec;a supi'elma e Vos ser fiel até à
.mor.te. É minha esperança bem fiorme qJJ,e,
procedendo oa·ssim, heide ir um dia p(lra junto
de vós a louvar-VQS e a bendi-; Vos ,por toda à
·eter-nidade, para nunca
-me arredar dos Vossos pés. Jesus e M.ari_a,
- do fundo do coração Vos repito COJD o Voss'o
fiel e f·ervoroso ,gervo A!fonso Ro ... drigues -

meus dulcíssimos amores,· fazei que eu sofra
por Vós, que por Vós morra; que eu seja todo
Vosso e nada meu.

CAPÍTULO TERCEIRO

CONSELHOS AOS NOVIÇOS PARA OS
AJUDAR A PERSEVERAR
NA SUA VOAÇÃO

São duas graças bem distintas entre si: a graça da Vocação e a graça da perseverança na vocação.

Muitos receberam de Deus a vocação, mas depois por Sua culpa se tornaram indignos de conseguir a santa perseverança: E quem luta no estádio não é coroado se não luta conforme à lei. (1 Tim., 2,5).

Não receberá, pois, o dom da perseverança e a Coroa da vitória preparada por Deus para os que perseveram, senão o que cumpre da Sua parte o que deve para combater os inimigos: Venho sem demora; conserva o que tens para que ninguém se aproprie da tua coroa. (Ap. 3, 11). Querido jovem, já que por graça tão assinalada de Deus foote chamado pelo Senhor a seguir as suas pisadas, escuta como Elte te exorta e anima: «Tem muito cuidado,

•meu filho, em conservar a graça que •recebeste :de mim; •teme e treme de a per.der, porque se ,t;u a perdes outro con quistará a coroa qu'e te estaVa preparada».

CONSF.I.HOS AOS NOVIÇOS

135.

I

Tentações mais comuns
nos noviços



Quem entra no noviciado, entra ao s·erviço do R•ei do Céu, o qual sói provar a lealdad·e daqueles que aceita como seus por meio de cruces e tentações, com que permite que o inferno os combata. Foi assim que foi dito a TobiaLS: E pois eras aceite a Deus, necessário foi que a tentação te provasse. (Tob., 12,13). A mesma

o oísa repet-e o Espírito Santo a todos aqueles
 que •deixam o mundo para se darem todos
 ao serviço 1de Deus: 6 filho, se entras ao
 serviço de Deus ... prepara a tua alma para a
 tentação. (Bccoli., 2,1).

Por consegui-nte, o crl'Oviço, ao entrar na <:asa
 de DeutS, deve •cHspor-se não para as
 oonsolações, •mi8JS couraçar-se contra a•s
 tenbações e batalhas que o inferno oferece a
 quem se entrega inteiramente a Deus:

100

SANTO AFONSO

•A•dvrr.ta hem que o o demónio .t•enta com •mai•s
 empenho a um .noviço para o levar a •f.aitar à sua
 vo^cação - é este o •seu fito supremo - .do que a mil
 :S'ecula.res, muid:o

pai"ti<:ularmente se ele ent•ra em qualquer comunidade
 de vida a^ctiva.^E com sobrada razão, •porque um tal
 noviço, se persevera e é •fid a •Deus, lhe ar•rancará
 das garras a .milhares doe .pecado•e^s que por lSieu
 rninist'ério se hão-de salvar. •Por isso o inimi-go
 •enviolará .^{todos} os esforços para o ganha•r s•eja de

que modo for, po¹¹¹d^o e'm j·ogo os recursos ·da 'Sua
·I"eífina·da astúcia.

As t^entaçõ^{es} mais comu:n:s com que o diabo
CoSituma tentar os noviÇ·OIS para que abandonem a
sua vocação ·são as seguintes :

1 . .- A ternura dos pais

Para resisti•r a •esta tentaçã•o é preciso
I"eHectir que Jesus Gris.to declarou que não é digno
·de e:ntra:r NO 'Selli reino quem ·ama a S·eus pais mais do
que a ^{Ele:} Quem ama ao pai e à mãe mais do que
a mim, não é digno de mim. (Mait., 10,27) . O
mesmo Senhor dedarou peremptória
•ment•e que vi•ere à •terra não a t•r.az•e•r a paz, mas
·divi^são ·entre pai^s e ^{filhos:} Não

fONSFLHOII

AOS

NOVIÇOII

1:17

imagineis que vim trazer a paz sobre a terra;
não vim trazer a paz senão a espada. Porque
vim separar o homem do seu pai e a filha da
sua mãe. (Mat.,

10,35). E por que tanto afã em separar os que
estão uni-dos pelos laços do sangue? Porque
bem sabia Nosso Senhor o grande dano que os
parentes se causam uns aos outros; e que, no tocante
à voca

ção velig:iosa, não temos piores inimigos do
que os parentes, como o declara o próprio
Jesus Cristo a seguir às palavras já citadas:
Os inimigos do homem são os da sua casa.

Ó, quantos infelizes jovens, por causa do
amor aos pais, perderam primeiro a
vocação e depois, como sucede
comummente, a própria alma! Destes casos
funestos conta a história inúmeros. Quero deimar
aqui apenas alguns.

Traz o P. Jerónimo Pratti que célebre dia -um
noviço recebeu a visita de pessoa muito
chegada que lhe falou deste
modo: Olha bem para o que te digo que é o amor
que te professo que me dá ta. Convence-te que
não tens competência capaz de resistir ao
cansaço e estudos da religião. No século podes

agradar mai•s a Deus, sobreudo se
distribuires ent•re os

188

SANTO AFONSO

pobres parte das riqu'ezas que Deus te deu. Se te
obstinas em persistir no teu pro pósi•to,
arre;pen.derteás e, por •fim, com grande
verg'Ollha s•erás obrigado a aban dona-r a
•religião, quando, -devido ao teu
pouco •taiento e à falta ode •saúde, tiveres ode
•exoercer o ofício de porteiro ou de cozinheiro.
Mais te vale, pois, sair do mostei.ro hoje do que
;amanhã.

Seduzido o pohre noviço por estes
ca,pciosos arg•u:mentos, assim o fez. Não
pas•saram muitos dias antes que o des g•raçado
jovem •se entregass•e ra toda a
sorte de vidos e viesse às mãos c01m um grupo
.dos seus rivais. Na contenda foram mal •reridos
ele e o parent•e que o extra viou: ambos •em pouco
tempo vieram a mo11rer .no mesmo dia. O que
é mtais para loa:moen.tar é que o infeliz noviço
•IDIONreu

sem -confi.ssão de que andava tão necessi
tado.

Conta igualmente o •P.• Casalichio
(Stim. al santo Timore, Stim 8) que u•m certo
cava•lheiro, quando •a tentação o em purrava
para uma casa de má nota, ouviu soar a
campainha dum convento de -capu chinhos que
to.cava a matinas. Disse de si .pa•ra si: como posso
ir eu a ofender a Deus quando à •me•sma hora os
seu_s servos O

vão louva·r? Obedeceu à voz de Deus e ell!trou m
religião. Sua mãe t.anto fez e diss·e qu·e o triste
homem regressou à casa paterna. E que veio a
acontecer? Pas'Sados poucos meses, foi morto
pelos seus inimi gos ·e morto foi levado à sua
mãe sobre uma padiola.

Na•Dra Dionísio Gai'tu•siano (in Schola
relig.) que doios noviços da s.ua oroem, cedendo
às instânGiél!s e COilsellhos de seus pais,
1traíram a sua vocação. Passados dias sobreveio
uma peste e pai'S e 'filhos todos dela pereceram e,
para maior des graça, .de morte desventumda.

Refere também o P.e Mandn-elli o caso de um
jovem .de ·11o1 bre e&tirpe, o qual,
ainda que entrara em reli•gião com reso lução
bem aJssente ·de servi·r a Deu·s, se
deixou persuadir pelos rogos e lágrimas de •sua
mãe e saiu do .mos·teiro. Log!l'ado o seu
i•rutento, a desVtairada ,mãe, para in tegrer
.completamente o s•eu ·filho na vida do
•século, mandoulhe dar lições de es g-ri'ma. Ora
c·er.to dia, enquan-to ele se enbreg•ava a este
desponto oom .um dos seus amigos, este lhe
vazou uma das vis

tas, A sua dor atingiu ta•l paroxismo, que caitU
redondo !lol chão, •sem tempo para se
confessa•r.

SANTO AFONSO

Ddz-no:s o m-esmo P. • Gaisalichio, na obra já
dta·da (Stiom 6.) qll'e, lteldol' dado uma mi-ssão .em
lugar vizinho de Cosenza, chamclo Si Caroli,
s·oube qU'e um jovem se retira•ra ,para o convento
dos capuchi

nhos. Sw pai foi com grande alvorO'o reclamar
se-u lfilho. Como .não logra'S'Se o seu inten.!Jo,
mandou •um !Seu irmão acom panhado de homens
armados, os quais pela força o anrancaram .do
convento, dits

Hnguindose na façanha um se-u cunha•do.

E depois? Depois de u'm :mês, o desve-n
•turado pai mol'll"eu miseràvelm•en.te colhido por
•temporal urioso em viagem .por mar. Ao cabo de
s·ess·nta dias pereceu o cunha1do fom ode ISua
•casa. E o míSero noviço, que- não soube •ser
fi.el à su voca ção, .denlro ·de pouca tempo se viu
con vertido em chaga viva, e dos pés à cabeça suava
pus. E assim, ·entre paroxismos de dor, deu a sua alma
a Deus e só Deus também sabe em que disposições.

Dois exemplos \Se podem ler sobre o assunto de
que venho .falando na vida de S. Ca'milo -de
Leli:s. Um cer.to jovem ten
•tr.ou p>am o novticiado que tinha •em N ápo l-es
a ordem •l"elig.iiQISél f.un.dada pelo dito
<Santo. As•sediou:-o seu pai com rogos e
•demonstrações •de ternura. A 1m•do resis

11

tiu. Pssou, de.pois, ;para Roma, e lá o roi desinquietar o
.desnor.teado pai que
não descansou até que .não fez render o filho.
Ao despedir.. se. do 'Santo funda-dor,
lhe profetizou este que, em castigo d -sua
•des-erção 'havia de acabar :mal. sob •a .alçada oo
justiça. E de facto roi o que suce<d•eu. Com o
andar do .t•e'mpo veio a cont>r>aiT •matoimónio e
•por ciúmes m•atou a •mulher •e dois criados. Preso,
todas a5 •riquezaS e influênda .de s•eu pai não
foram b•éiSiTantes .para lhe salvar vida. NoV'e .metsJes
de.pois da •saída da •religião foi 1degolado no
:mercado .de Nápoles. Na vida do •mesmo saonto
vem ouobro exemplo
do triste •fim de •Um noviço infiel à sua voc•ação.
Foi teT .com S. Camilo um jovem
•resolvido a voltar para o mundo. Prediss•e-lhe o
:sa•nto o oaJStigo •de Dws. E a sua profecia saiu

cerf:la. Reg•reiSUSO o i.nf•eliz noviço a MeSISina
e, pa!ssado meio ano, cl•eu ccmtas a Deus vitimado por
morte •súbita •e s•em sacramentos.

Toma .muHO cuidado, meu filho, para que o
demónio •be não leve a peroder a vo
cação. O Senhor, que por graça muito
par.tku1a•r te chamou a •deixar o mundo e a dedkar-
t•e 1todo ao 'seu :serviço, quer de ti •que •não sōmenbe
o :deix,es mas te

esqueças a tua pátria e parentes: Escuta, minha filha, aplica o teu ouvido; esquece o teu povo e a casa paterna. (Ps., 44,11).

Agora, pois ao que diz o Senhor e vê que se o trocas por teus parentes, grênde será a pena e o tormento que sentirás à hora da morte, ao reverteres-te da casa de Deus que abandonaste e ao

veres-te rodeado de irmãos e sobrinhos que estarão junto de ti a chorar e a impor a tua pena, no momento em que tanto predisserias e ajudas oaspirantes. Choram e importunam-se para que lhes deixes o que te dá a vida, mas nenhum deles te dará uma palavra de Deus. O seu empenho será enganar-te para não aumenar a Pena que sentirás de sofrer; embalar-te-ão com vãs esperanças e conseguirão talvez que apareças diante de Deus sem estar preparado para lhe dares contas.

Põe diante dos olhos, pelo contrário, o contentamento e paz que sentirias ao morrer, sabendo que ficado fiel a Deus tivesses a sorte de aobair teus dias no meio dos teus

ir:mãos em religião, os quais te ·ajudariam no teu passamento com as

:sua orações e esperança do patraíso. Não te alimentariam vãs "ilusões de viver, mas tдар·te·Ja.m :a aleg·ri>a ode morrer.

C'Onsidere, além disso, que por :mais extremosos que s·ejam o amor ·e ternura oom que te amem teus pais e paren'tes, muito mais aacendrado é ·o amor de Deus para con1tigo. Não vai há mais de vinte ou

trinta anos que teus pais te amam, e Deus ama-re desde toda a e.f:midade: Amei-te com amor eterno. (Jerem., 31,3), É verd'Bode que IOOtJ'S pais fizeram despesas e so6reram muHos incómodos por tua causa; Jesus Cristo por ti •deu o sangue e >a vida. Quando sentires enternecer o coração com o amor de •teus pais para que a grati·dão :te não í•nduza a ocom;praz·er com eles, pensa q.u·e mai'S 'aagradecido des •e:sté'r a Deus, que maior soma de benefícios e mais exltremos doe amor :te diiSpell:S'Ou do que todos 0'5 seres humanos juJlolt s. Animare-be ddrendo de ti parta ti: Meus pa'i'S, ;minha familia, ·se vos deixo, deixo-VOIS por amor de Deus, que infinitamente ·mai·s do que vós merece o .meu 'él'mor; amou-me com x·bre:mos indizivelmen•te superiores

aos vossas. Compenetrado destas profundas verdades, venoerã esta terrível tentação dos pais. ruína de muitos nesta vida e na outra.

SAN:TO

2. o . O temor de perder a saúde



A owt-ra tentação com que o demónio sói assaha os noviços é a da saúde cor poral. É segredada nestes termos: Não vês que com tal sovte de vi'da perderás a. saúde, e nada poderás 1faer de bem para Deus e ;para o munido?

Desta tentação se •drefenderá o noviço pondo no Senhm a esperança de q11.1e, ten dolhe Eloee doado a vocação, o dO!I:aorá toam bém da saúde necessária para a seguir. E se, •cc,mo é •de supor, V'eio pa•ra crusa de Deus para lhe agradar, deve discorrer consigo mesmo do modo seguinte: «Não

ocult·ei nem ocuko o e5tado da minha saú·de ·aos
 superiores; does ·re·ceberam-me e
 agora não ·moe odes;pedem; é, poi,s, vontade de
 Deus qu·e eu continue a estar aqui; e s·e é
 g·OIS·to de Deus, q11.1·e importa q11.1e sofra
 e morra? Quantos anacoretas se não
 ·retiraram a padecer, para as grutas dos bosques?
 QuantoS mártires ·se não ofereceram pare dar :a vida
 por Jesus Cristo? Se é do seu ag·m·do q-ue eu, po·r seu
 amor,
 ·p·erc·a a vida e a saúde, is·so me basta, com isso rmte
 contento. Outra coisa não desejo
 e nada m·elhor posso desejar. Esta deve ser a
 linguag·em ·do noviço fervoroso,
 estes ·devem ser os anelos do noviço quere aspira com
 ..sinceridade a ser 5anto; se no reppo rdo noviciado
 não for f.e.rvoroso, tenha por certo que nunca mai"S
 O s-é!rá em
 todo o ·resto ·da sua vida.

3. o - Os incómodos da vida em comunidade

Owtre rtentação consiste no re·eio de não poder
 suportar os incómodos da vida
 em comunidade: a comida parca e mal cozinhada,
 a ca:ma ·dura, o sono pouco, a saída proibida, o

silêncio e, sobretudo, a r·enú·n.aia const:ante à
vont:ad·e própria.

Quando o nov·iço se vir arses dirardo pør estes
pensamentos, responda-lhes com a reso1ução com qll'e o
fazi·a S. BernéiJ'l'ldo,

perguntando-se a si rmesmo: Bernardo, a que
vieste? Dev·rá <lonvencer-s·e q.ure não enrtrou em
T·eligião :pa·ra leV!a·r vi·da cómoda,

SANTO

mas pa1la ser santo. E c-omo háde a.tingi·r
a santidade? Com as comodi·dades e drelidas? Não,
odre modo nenhum. Há-de s·er padecendo, e
morrendo para todos os apetites •dos senbidos.

Dizia Santa Teresa: Cuidar que Deus
admita à sua amizade íntima gente regalada, é
despropósito. (Cam. ·de perf., c.

28). E ac·resrenta em outro Jug·ar: Almas que
deveras amam a Deus, não podem pedir
descanso (F·und., c. V). De modo

que não assentou con'sigo se·r santo quem não
está resolv·ldo a padecer e a padecer tudo por amor
de Deus.

Não só não Será osan.to, llllas também não
•terá ·paz. Porvent·ura a ·paz da alma ·se •encontra
nos prazeres, nos bens do mundo, n·a !..Satisfação
'dos sen•Ndos? Dar

-se-á o 00150 'de eis grandes da terra, que de n'31da
 carecem e tudo têm em abundância, gozarem de
 .paz odo espírito? Estes são mais infelizes, .pois se
 ali-m•entam de fel e veneno: Vaidade das
 vaidades e aflicção do espírito. Foi assim que
 Salomão apeloidou os bens terrenos e os prazeres
 de que ele ha.uriu a taça a plenos haustos.

O coração do homem abarrotado dos tesouros
 da terra, seja qual for a sua me-

dida, sempre ambiciona por ·mais e se'IDIP·re está
dnquieto; •mas quando é em Deus que
ele .p^ocura a paz ·e põe :a feliddade, em Deus a
encontra e plena.

Contentrai a Deus, dizia David, e Deus satisf>a-
rá todas as aspirações odo vosso coração: Regala-te
no Senhor e terá de dar-te quanto o teu coração
dEle solicite.

(:Ps. 36,4). O P. • Cados .de Lorena, irmão do
duque do mesmo nome, ·era tal o excesso ·do "Seu
lContentamento, .que -na celta do seu ·convento ·se
punha a dançaT de aleg•ria.

O Beato Serafim de Ascoli, religio-so
capuchinho, não duvidava asseverar que não
trocaria um palmo do seu cordão por to.das as
•riquezas e honras ·da .ter·ra. Santa T•e-reosa ia •mais
além ·e .dizia: Quando a alma se resolve a
padecer, acabou o sofrimento.

4.0 - A desolação de espírito

É aqui ·altura ·de falar de outro engano co:m que
o demónio tenta o noviço quando ·O sabe ·e-m
desolação de espírito. Não vês, lhe sussurra de,
que não encontraste a paz? Pe))desre a tdevoção;
otwdo é tédio: a oração, a letura, a comunhão e até o

recreio. Sinal bem pante de que Deus não 'te quer aqui. Que terrível e perigosa .tentação para noV'ic;os, ainda onuito inex perienres!

·Para vencer 'e·sta 1t·entac;ão remos de con si<lera•r, em primeiro luga•r, em que con siste a verdadeira paz de alma nesta t·erra, que é lu gar de merecimento .e por tanto, lugar de padecer. Não está a paz, como já vim bens do mundo, nem sequer no go espirituais, porque estas, por si mesmas, não aumentam o merecimento, nem nos tornam mais agradáveis a Deus.



A veTdadeira paz consiste si:mples men,te em pau.r a nossa vontade pela voruta·de 1de Deu:s. Por onde a onelhor tranquilida.de por que devemos alm·ejar é a

de unir a nossa vontade à vontaide do

Senhor, ainda mesmo qu.ando Ele nos quiser 'Conserv.ar na obscuri·dade e ·desola c;ão. Quão agmdávd não é a Deurs uma alma .fiel que orera, lê, comunga Sem·con

oolac;ão; faz rudo :só por agradar a Deus! Que gmnde mérito lláo il:êm :as obras e

exercícios ide piedosa.de feitos sem recom
 pensa nenhuma neste mundo. Es o que escreveu o
 Ven. P. An-tónio Tol"leS a

uma alma em estado de desolação: Levar a cruz de
 Jesus Cristo sem consolação não faz correr a
 alma no caminho de per
 feição, fá-la voar.

Quando o noviço se encontrar na aridez .dirá a
 DeUS: Senhor, já que me quereis conservar assim
 .desolado e privado de toda a consolação eu :assim
 quero viver, por quanto tempo ifor do Vosso divino
 ag.Daodo; não Vos hei-<le deixar, estou pr-onto a
 .padeC-er estes trabalhos du-mnte toda .a .minha
 vilda, por .toda a ebernidade, se. tal for Vossa santa
 vorutade. Bastame saber que é sof.renldo que V os d-Qu
 gosto.

Assi:m :deve ,dizer e pensar o noviço que anela
 ve1ldadei.rameite por amar a DeUS. Lembre-se,
 cont'ldl o, que nem sempre a f.onte da consoi.aão estará
 fechada.

O demónio que envidará todos os esforç-os ;pam o
 levar ao desânimo, fazendo-lhe crer que aqu.ela vida
 a.sfu:ns desolada durará para sem,pre e que .u:m dia será
 redu

zido a: o des-esperO. persuadido de q1,1e nao opode
aguentar •tã.o .duro sof.rimento.

Estas. 'São as tem-pestades que o inimigo leva.nba
na alma desolada a braços com a

secura -de espírto. Mas não perder o ânimo que
 ·em breve virá a bonança: Qu·em tem ouvidos.
 oiça o que diz o Espírito
 às Igreja-s. Ao que vencer lhe darei o maná
 escondido. ·(Apoc., 2,17).

Aqueles que com paciência tiv·erem passado
 pela tempestade da aridez, sem se rdeixarem
 VTencer nos combat-é:•s qure lhes tiver dado o
 inf·erno para os faz-er voltar atrás, o Senhor IQ'S
 C·onsolará generosamente .fraz.enido-lhes
 saborear o mraná e<scondido, ra rpaz interna •a
 qual, no dizer de S. Paulo, supera a todos os
 porazeres dos sentidos: E a paz de Deus, a qual
 sobrepuja toda a inteligência, guardará
 os vossos corações e os vossos pensamentos
 em Jesus Cristo. (Phi:l., 4,7).

Só o poder ldiz•er: Eu faço a vontade de Deus,
 dou gosto a Deus, é .contentamento q·ue
 sobreleva a todo o contenta menta que pode rdar o
 mundo com os seus di\"er:Hmeilitos,
 banquet·es, festas, honras e granodeZ'as.

Não peide deixar de s·e cumprirr a ,promessa que Deus rez aos que deixassem tudo para O s·eguir: Quem deixou casas. irmãos ou irmãs, o pai ou a mãe, os filhos ou campos, por causa do meu nome receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna.

(0:\SF.T.HOF< .\OS NO\TÇOS

Hil

(Math., 19,29). ^A quem a-ssim proceder está promeUD^o o céu na outra vida e o cêⁿtuplo nesta. E qual é este cêntuplo? É o testemu-nho da boa consciência que rsobreleva por rmutit>o todaiS atS delícia'S da ter.ra.

5.0 - Dúvidas sobre a vocação

Ainda não terminá^{mos}. R·esta-nos falar rdas t·erutações mad·s perigosas. AIS tentações de que nos ocupámos assentam na carne e no -sang-ue e por si -traiem a orig-em .diabóli-ca. Gom a aJuda rdre De-us é :maiiS fáci'l .conhecê-las e v·encê-la-s. Ars tentações mais -para .temidas são as que afiv>e:lam a .málsca·ra rdo e&pirito e de mai-or perfeiçã·o. O disfarce sôb que se apresentam lhes fa-cilH:a o eⁿgano •em que nos fazem Ca:ir.

A primeira tentação deste género oferece combate pondo em dúvida a realidade da vocação. É o demónio que a propõe ao espírito do noviço nos seguintes termos: Quem sabe se a tua vocação é verdadeira ou simples capricho da tua fantasia? Ora bem, se Deus de facto te não chamou, não terás o socorro e graça necessária para perseverar, e bem pode suceder que, de-

152

SANTO AFONSO

pois de feitos os votos, te arrependas e acabes por apostatar. No mundo terás de ficar salvo; aqui perder-te-ás.

Para debater esta tentação, é mister considerar como e quando uma pessoa pode ter a certeza de que a sua vocação é de Deus. A verdadeira vocação tem obedecer a três condições.

A primeira, a rectidão da intenção: afastar-se dos perigos do mundo; assegurar melhor a salvação eterna; unir-se mais estreitamente com Deus.

A segunda, que não haja impedimento real de saúde, de talento e de pobreza dos

pais . Todos estes óbices se 'removeam con sultando sinceramente os superiores, a cujo juízo •se ;deve submeter depo•Is de lhes t•er exposto a •situação com verdaide e clareza.

A ter•ceira, que o a:ceibem os superiores. Se •estas .três •oori•dições se **derem**, não -tem o noviço q•ue duvidar •de que a sua voca çã•o 'Vem de Dews.

6.0 - No mundo era mais piedoso . . .

A o.utra •tentação é a que :pode assa1tar um j•ovem qu•e no m•un1do levou vida espi ri.tu.al e rocolhida.

CONSELHOS AOS NOVIÇOS

15a

Tu, no século, lhe segredará o demónio, fazias mais prolongada oraçã•o, maiores mortificações; guardarvas mais perfeito silêncio, vivias em apertado •r-<tiro: davas mais •esmo-las, etc.• Ora, em religião não •te será possíV'el exercit:ar-<t•e em tão santas obras e muito menos o poderás fazer acaba•do o noV'idaado, porqu•e neg;sa alt•ura t-e apli-oorão os super•iores aos es-twdo•s, a.os ofiCtios da comunidade .e a outras obras que a

·obediência te •imporá te servirão de
distracção, não de recolhimento.

O que V'ei'i 1de embuste e engano em toldo esbe
arrazoado! Que.m der ouvidos a esta
tentação é sinal bem claro que não compreende
o mérito da obediência.

Quem dedi-cou a Deus as orações (dizia
Santa Maria Madalena de Pazzi que tudo quanto
se fazia por obediência era oração) ; quem dá
.esmolas, jejua, faz p·eni

tência, dá a !Deus parte do que é seu, mas não
tudo. Ou, para melhor ·dizer, dá a De,us o que é
seu, mas não se dá a si mesmo. Pelo <:ontrário,
quem renuncia à própria vontade por meio do
'Voto 1da obediência, en·trega a Deus tudo quanto
é seu e a l'!i mesmo e opod idizer afoi.tamente:
Senhor,

tendo-Vos <:olliSag·reodo r toda a minha.
vonbade, nada •maios Vos posso dferecer.

1 ii-1

S. ANTQ AFOI\SO

A co;sa de que o homem com mais dificuldade
•Se priv·a é ·a própria vontade,

mas -também ·é o dom mais car: o que podemos
·oferecer a Deus e que Deus mais
insistentemente ex;ge de nós: Dá-me, filho, o
teu coração, e os teus olhos meu caminho
observem. (Pro v., 23,26) .

Por Isso nos a•ssevera o Senhor que lhe
ag•rada mais a obediência do que todos os
out·ros ·sac·rificios que olhe possamos ofer·ecer:
S melhor a obediência do que as vítimas. (I
Reg., 15,22). De m-odo que, quem por meio da
obediência -se entrega a Deus, com u-ma !SÓ
vitória alcança muitas: domina os sent•ldos,
tdesprezra a•s honras e riquezas oe
passatoem.po15 mundanos e tudo qua·nto
·desvi'a ·de Deus: O homem que escuta fala para
a perp::tuidadc.
(P.r.ov., 21,28).

Quem V'ivre no mundo,moe!!'ece, d.e certo, com
os jejuns, com as mortificações, com
a. pregação: mas, •como todas estas obras santas
naosceom Ida vontade própria, merec·e muito
•menos do que o rdigioso que tudo f.az por
obediência. Daí vem que o religioso entesoira
>méri•tos ode mads sll'bi·do quiloat·e ·e em

muito maior quantidade e sempre, porque,
vivendo em comunidade, tudo quanto faz, é
por obediência que o

C'OXRF.T.HOS AOR XOYIÇOR

lii;í

faz. Merce não só quando prega, mas também
quando jejua, quando se disciplina, quando
•estulda, quando .sai de passeio, quando está à
mesa ou no recreio ou a repousar.

Costumava dizer S. Luís Gonzaga que, dentro
da nau da religião, faz viagem quem não voga nem
rema.

É por isso que vemos que tantas Pessoas dadas à
opinião de a levar vida santa,
procuram acolher-se debaixo da proteção da
obediência, e entram em qualquer comunidade
religiosa. Sabem muito bem que é outro o método
das obras feitas sob
o impulso da vontade própria, e o das que são
Feitas por obediência.

7.0 - No mundo poderia ganhar mais almas
para Deus

Semelhant-e a esta última tenação ou talvez a:nda
mais perigosa é a que o demónio .apreS'enta ao
noviço fazem.do-•lhe crer que, fiocando no :mundo,
Sler.ia de mais
proveito ao seu próX'i-mo. «T•u, lhe diz e repÍIsa
Satanás, entraste para esta comunidade onde há tantos
que se afadigam a ajudaor as alma•s a salvarem-
se; de mui:to mai•s :provei•to poderias ser tu

R.-\NTO AFONSO

ocupado na doutrinação e ·evangelização dos teus patrícios, que tão grande neces·sidade têm de operá·tios do evanlho».

Quem for tenta1do com este pret·ext'o de maior utiJidi ade para o próximo, tenha presente que o ma<ior bem qu'é pordemoo faz·er é o que Deus quer que .façáelos. Deus ·não opredsa de ninguém; se for do ·seu 1diV'ino agrado socorre·r os teus patrícios, Ele o fará por outros meios. Por .consequência, ·tendo ..t. e o Senhor chamado a aJlistar·t·e na 1mi.Jída de uiná or,dem religiosa, o bem que Ele espera de ti é cjue obeldeças ·com fervor e lclocilidade a t·odas as reg.ras e ao cumprimento da vontade dos superiores. E se a obediência te emprega a var·rer a casa ·ou a lavar os pratos, ou estar sumido num canto é o maior bem que podes fazer.

·Oem&·s, que bem se pode faZiel' no seu próprio país? Mesmo Jesus Gnisto convilda1d·o- ·a pregar e a fazer bem aos seus compatriotas, responldeu: Nenhum profeta é aceite na sua pátria. (Luoc., 4,24).

P.elo que djz respeito às confisSões, costwma dizer·ts·e que os conrfe.ssoreS da re11ra 'São cr>nfessores ·de- ·pecados veniais. E ode fado assim é, porque há uma certa

repugnância em confessar pecados graves a um
 Isacel. Idote compatricio ou parente com que se trat-e
 liami. Harmente. Para os
 pecados graves preferese um sacerdote estranho com
 quem não haja intimidade.

Agora pelo que toca à pregação é bem sabido que
 os pregadores da terra pouco fruto colhem, seja por
 eles serem patrícios, seja por os ouvintes restarem
 habituados à mesma voz. Ainda que o pre
 gador fosse um S. Paulo e ao principio
 arrebatasse com a sua eloquênda, decorridos seios
 1meses ou, quando muito, um
 ano, não conseguiri-a agraaldar, e o fruto seda muito
 pouco.

Os missionários ifazem muito hem nas
 terras 1pare onde vão, 'Porque eles rsão est!'anhos e as
 suas voZie\S novas. Não sofre
 dúVtida que salvará mais almas num só mês ou nwma
 só missão um sacerdote pertenc-ente a uma -
 comunidade religiosa espeoia1m'ente se ela for de
 miS'sionários, do que rse esse •mesmo m'issionário passar
 dez •anos a pregar na sua f:lel'ra.

Além rdis•so, não saildill o dra sua região, a ela se
 dr-cunsc•reverá o seu zelo. Mas, ldedi.canl-do-se às
 IDissões, contribui:rá para salvar dnúmeras
 tegiões.

Ma!s ainda, quem fica no século.nuna saberá com cerrez.a a que obra será .da vo•ntade de Deus que ele se atpH qu. Mas quem vive em comunidade, obedendo às o11dens dos seus s•uperiores, está .Seiilipre s•gu=ro de que faz o que Deus quer.

Por on•de os religiosos •são aqueles ho mens de quem se •pod•e dizer com verdade: Ditosos somos, Israel, pois o que é grato a Deus é de nós conhecido. (Bar .4,4).

8." Não estou chamado à vida activa

Falta ocupar-nos da última tentação com que o demónio experimenta a qure:m s•eja talvez favorecilcio de Deus com con solações espi:rit•ua4s sensíVeis, com lágri mas e arroubos .de amor. Não vês, inosi nualhe astu.ciosamente o demónio, que não foste cha:mado •pa•ra a vida activa, mas pare a con<teiiliPlação, pare a solidão .e união com Deus? Tens de .te •recolher a uma r.eJigião de 'Vida contemplativa ou, ao menos, a u•m ermitério. Esta é q-ue é a tua vocação.

Se fosse eu a qu•em o ICie:mónio acome •tesse com est-a •tentação, responderlheia nestes termos: «Já que te atreves a .falar-

-me •de vocação, eu hei-de seguir a vocação •de Deus, não a do meu capri-cho e

escolha e muito menos a que tu pretendes sugerirme. Tendo-me Deus chamado a esta r•eligiã•o, quem me garante qu•e •o querer

sair deia é d•nspivação de . Deus e não tenta-
ção tua?»

•E agora deixa que te repita a ti o mesmo que disse a Satanás. Não há dúvida, meu ivmã•o, que us •chama a uns para •a vilda acliva e a ou•ros para a vvda conbempla•tiva. •Mas, •vendo-te chamado Deus para •esta or1dem r•eligiosa de vida activa, debes ant!es temer que a outra vocação não vnha de Deus, .mas do ill'rerno, qu por .este meio pretende tp'erder-te.

É 1pareoer, e mui•to sensato, de S. Filipe de Néri que se não deve trccar um estado bom por outro melhor, sem -rer a certeza de que •essa é a vontade de Deus. De •modo que, ;para não errar tens de estar mais do que mo•ralmente cert•o que Deus quer que pass•es para .outra religião. Mas •em que pddes fundar esta •certeZia, s•e os teus superiores e padre espidtuaol te afianç•am que se !:rata de •rentação do demônio? Além ldiisso, hás-de levar em linha de •conta, 1Como •ensina S. Tomás, que, apesar de que a vida contemplativa em si mesma

seja mais perfeita do que a activa, a vida mista, .entrelaçada de oração e acção é .mais perf.ei•ta ;porque foi a Ide Jesus Cristo.

Este é ainda o t.eor de vida de todas as ol'den•s religio•as de v.ioda activa bem ordenada, em qu.e se dedicam todos os .dias .muitas .horas à oração e ao silêncio.

Podem estes •religdos'Os dizer oom verdade que, fora de casa, são operários da vinha . do Senhor, e em casa, eremitas.

Portanto, não te deixes enganar, meu i'l'lhão,. pelos e.spe.ciosos argumentos e pre textos do inimigo. Tem a certeza de que, se saíres da religião, te a.rrepen'derás, como •muitos se têm arrependido. Conhecerás o erro, quando já o não poderás remediar, porque, uma vez saí•do ou desopeldido da religião, •difícilmente se torna a .ser readmoioti•do nela.

11

Meios de conservar a vocação

O primeiro é evitar as faltas deliberadas.

Tome-s.e muito .em conta .que 9 demónvo =ten'ta os noviços .a cometer faltas não tanto para os induz•ir a .pecaT como pai'a

os levar a pel'ldr a vocação. Do cair e-m faltas .deliberadas, pas•sará a :perder o fer.

vor na oração, na comunhão e em todos os outros exerdos de piedade. E o Senhor, pelo contrário apertará justamente a mão no conceder das suas graças, segundo a regra de S. Paulo: Isto digo: quem semeia mesquinamente, mesquinha mente também colherá. (11 Cor., 9,6).

E 10s defeitos e faltas em que se cai de liberdade: mente revestida em caráter singular. A mente grave se trata da soberba, por que aos soberbos resistiu Deus e sobre eles exerce o domínio maior. Deste molde, aumentando, por um lado, a tibieza do noviço, e faltando, por outro, a luz divina, será tarefa muito fácil para o iniciante alcançar o intento se o levar a perder a vocação.

O segundo meio é desvendar o segredo. descobrir a tentação aos superiores. Dizia S. Filipe de Néri: Tentações cobertas são tentações meio vencidas. Pelo contrário do mesmo modo que um apostema fechado se gangrena, assim também a tentação oculta desanda em ruína e perdição. Com efeito, a experiência mostra bem que aqueles a quem a tentação conseguiu

S. ANTONIO AFONSO

levar à encruzilhada de dois caminhos, à posição de deliberação por qual dos dois se segue, se pelo da direita, se pelo da esquerda, e se retiraram sobre si mesmos sem

.:se abrirem com os superiores, quase todos acaba·ra.m por perder a vocação.

Em ta.J •caso, há ·que fazer-se vi·olência a si :mesmo •e •comunokar •i'me-dia>tamente a tentação aos super·i·ores. Deus Nosso Senhor se agra'da·rá tanto deste •acto Ide humild·ade e tdaquela .mortificação violenta que o noviço se impôs a si mesmo, que de repente dissipará com um raio das suas luz·es toda's :as trevas e .confusões.

O t•el'lceiro meio é a oração, 'isto é o recurso a Deus, pa-ra qu·e Ele conceda a santa pers·everança, a ·qual. •como aHrma Santo Agostinho, sem ^{se}pe'dir não se alcança.a.

Ma·s .adv.i'r.ta be.m o noviço que, depois de 't•er soildo chamado por Deus, quando a t'ent·ação de abandonar a reldgdão o al·o met·er, nã·o deve recor·rer a Deus 1dizendo: Senhor, dai-'me ·luzes para sa'ber o que hoei

... de fazer. Estas luzes já Deus 'lhl:is concedeu ao cha:má-lo. Se o noviço se Hmita a pedir conheoi·mento do caminho que há-Ide seguir, fàcHmente o de.mónio fing·indo de anjo de luz, o poderá enganar, .fazendo-lhe -crer que o pen·amento 1de sair doa religião é inspiração <HVlina. O seu pedido deve ser assim formulado: Senhor, já que me deses a vocação, 'dai-1me força para perse·verar nela.

Um certo jovem chamado por Deus para o estado religioso, depois lcie bem experimentad·a a sua vocação pelos l.5eus dirttt ores ·espiri·tuais, entrou num ·convento. Tanto fizeram os ·parentes que o levaram a
 retira·r-se ;pa·ra ou'tro lugar a f.ian de melhor ·examina·r a sua vo^caçã·o. I-nfelizmente,
 em vez de r·egressar aOnde tinha partido, dirigiu-se à casa lpaterna, con.ten'tanldo os parenes e 'desgostando a Deus.

P.ergunltan,do-lhe eu, passado -tempo, por que lhaV'ia pr<l'C'edido tão ·desacertalclamente, responldeu-me que pedira a Deus ~~que~~ lhe desse luzes: Falai, Senhor, que o vosso
 servo escuta, e, feita esta prece, resolvera voltar para ·casa de ·seus pais.

Diss·e-lhe eu então: Meu filho, desvi·rtuaste a ·tua oração. A tua vocação era ver.dadeira, conHrmalcl·a po'r m·urtos ;sinais. Não ·devias ter dito: Falai, Senhor, porque Deus já tinha ·f,alado, -mas: Reforçai, Senhor, o que operaste em mim: Dai-me âni-

SANTO AFONSO

mo parà seguir a Vossa vontade, que Vós já Vos dignastes fazer-me conhecer. Adulterasre o sentido ·à tua :oração, não pediste o qi.te devias- ter

pedickl, perdeste a vocação. Sfrva a d'esgraça deste ·de escarmento aos out!'os.

Nã'O esqueça .. nunca o noviço que o .tempo 1da !tentação é tempo .de :trevas e confusão; não espere ver r-azões da'l'as para t·ranqu-iizar o seu de'sassossego. Ponha então fudo o seu empenho em se 1afer de novo a Deus e em pedir-'Lhe nos seguintes termos: Entregueimoe·a Vós e não quero deixar-Vos; ajud-ai-me, não permitais que Vos seja ·iniel. E dicen-do á'S'to e r·epetinldo-to com tanta mais jnsistên<:'ia quanro maior for o ·encamiçament-o da tentação, e abrintdo-:se, como •recomendei, com ·os superiores, a vi•tória será g·anha.

Eocomeride-se naquele 'te.mpo de provação com -mais fervor à protecção de Nossa Senhora, que é a Mãe da santa perseverança.

Um certo noviço, levado de vencida pela -tent·ação, estava prestes a abandonar o mosteiro. An'tes, porém, !de o fazer, ajoelhouse diante :duma J-magem Ida Santíssima Y,irge-m e :rezou .uma Avé-,Ma·l'ia. No

mesmo inst>anlre •sentiu se como pregado ao chão Sem poder loevantarse. Então, caindo em si, f.ez voto de: perse\velrar. Ergueuse na'tur.al:ment•e, •pediu perdão ao mestre rde noviços e perseverou em .sua vocação.

Termino, meu irmão, pedindote que, quanido a .ten•tação, seja de qtre modo .'.for; te assaltar sobre a 'VOcação, reflidas prin cipalmente em duas doisas: Primeira, que a graça da vocação que Deus generosa mente •te concedeu a •ti, não a concedeu

a ta'nros <outros teus companheiros, .talvez menūs indignos dela do que tu: Não fez assim com todos os povos. Teme e treme de lhe .ser ingrato, voitandoJhe as cos tas, porque se .a'ssi.m o f,izeres, pões em g-rande perigo a tua ,ga}vação. Tem a cer tez•a 'de que neste mundo .não_poderias ter paz, a'toi'mentado Lhe teres-sido infieslemp. re :pelo •remorso de

A segunda, quando a tentação se apre sentar com mais 'fúria e talvez. envie to dos os esforços para te persuadir que, não saindo da rligião,

leva·rfJs vida .torturel·do·a pelo desespero, que Jte
arrependerás .tarde ou .cedo, ·que terás de ·dar
contas a Deus; quan1do ·o demónio :te segredar
estes e ou:tros embustes semelhantes. põe .dianJe
.d9.

AANTO AFONSO

olhos a hora da tua morte e re'Hecte que. se neste
mesmo momento te encontTa'sses prestes a dar
contas a Deus .nã() te arrependerias de ter seguido
a tua vocação, mas sentirias 'contentamento e paz
indi-:· zíveis. Se, pdo rcontrádo, •tivesses
des·ertado do serviço 1de .Oeus sendo infiel à
tua V'OCaçã·o. quais não seriam -as tuas
angústias e ·remorsos?

Traz s-empre estas verdade-s no pensamento.
'e receberás na vida e n-a -morte a paZ e a co-roa que
Deus tem preparadas para quem O -serviu com
fidelidade.

111

Oferecimento e oraçllo que o noviço fará c:om
frequênc:la para alcançar a perseverança
na vocação

Meu Senhor e meu Deus, quem poderá
 agradecer.Vos ·dignamen•te o terdes-me cham-aldo
 Com •tan•ro amor para faz•er parte ·da Vossa família mais
 ch.ega:da? Donde merecia eu 'esta .graça depoi1s de
 tantas ofensas- que Vos t-enho feito? Quantos dos
 meus companheiros -não -ficaram a viver no
 ·mundo entre tantas ocasiões ·e perigos

ronset.hos aos noviços

161

de ·s·e •p'erderem? E eu fui ·cha:ma:do a V'iver
 em Vossa casa m companhia de .tantos servos
 Vossos que V os são especialmente querildos, na
 .abundância de tantos ·socor ros para me fazer
 santo. Espero, meu Deus e meu tudo, poder
 :agraldece•rVos: tão subida me•r•cê no céu,
 ·onde cantarei sem cessar e por t'oda ·a
 ·ete•rnidade as mi"Sericórdias que Vos
 dignastes usar co migo.

Entretanto, eu s•ou Vosso e Vosso quero ser
 para sempre. Já me dei tddo a Vós
 e renovo ag(lra a mi•hha oferta. A minha única e
 suprema aspiração é serV 10s fiel. Não Vos
 heide deixar, ainda que tenha de peiider a v.ida. e
 mil viaas •se tantas possuía. Aqui me tendes,
 meu Jesus, dis postiQ ·a seguir s•em reserva
 Vossa vontade santí•ssima. Faz•ei lde mim ()
 que for do Vosso divino agrad•o; e, ·se V•os

aprove·r que eu viv·a 1des·ola!clo, doente,
•desprzado, de bom gra<do aceitarei tudo;.
'trataime como quiserdes. A mim basta-me saber
que Vos obetdeço e agrad-o. Só Vos peço que.
me .collcl ·e.d.ais a graça de Vos amar de to do o
meu coração e .sempre com toda a
Hdelida•de ·a·té à hora .da morte.

ó M·a·ria, minha Mãe .amantíssima! Fos

t'es Vós que .me. a•kançasltes de Deus quantas graças d 'Ele recebi até hje: 10 :pertdão dos .m•eus tpecado•s, .a vocação, a força e resolução para• a -seguir. Completai Vós. Senhora, a obra começada, impetrando-me a santa .pers•everança a-té o final dos .meus dias. Assim o espe.ro, assim Vo-lo suplico.

IV

Recomendações ao noviço para conservar o fervor

Repreentdido tou ocusaldo, não te .desculpes; :dedica atfecto especial diante tde Deus a quem .te acusa ou repreen'de.

Gosta de ser desprezado em tudo: nos ofícios, no vestuário, n•o quart'O u cela, na .comilda, etc.

Não te intrometas a dar o teu tparecer, se não .te for pedido. Mortitfica-te em tudo segundo a

prudência e a obediência: no comer, no dormir, no olhar, etc.

Gual'da todo o recato e modéstia contigo e com os outros; não toques com as mãos nas mãos dos outros; não fixes neles os olhos, mas conserva-os sempre baixos,

CONF.T;HOS

AOS

NOVIÇOS

lfJD

especialmente na igreja, à mesa, na recreação, etc.

Conserva-te em silêncio e não faças quando a glória de Deus, a utilidade própria ou alheia assim o exija. E ao falar especialmente no tempo das recreações,

não levantes a voz; fuge das dissensões e das discussões sobre a nobreza do nascimento, a excelência do talento e o valor das riquezas. Não te entretendas com propósitos vãos tais como os de apre-

ciar manjares, descrever episódios e peripécias de jogos, de guerras, de caçadas; não te ocupes de honrarias, de vestidos, e de outras coisas de sabor secular.

Esforça-te, antes, por dirigirT a conve..rsa para assuntos em que entre a devoção, as vaj,da1des do mundo, o a'mor de Deus e de sua Mãe Santíssima, a grande IC!ita dos san'tos, o modo de adiantar na perfeição.

Se cà·ires nalguma falta, humilha-te, arrepende-t•e, e V'olta à paz.

Não désej'es nada que Dus não queira. Não peç•a.'s ·consolações. Na aridez humi lha-té ·e põe-te nas mãos de Deus, dizndo -lhe: Senhor, eu não mereço consolações; de bom grado •Vliverei se'mpr nrste estado.

170

SANTO AFONM

Levan:a ·com fl'l'equência <> pensamento a Deus ·com jaculatórias.

P.odem s·ervir as segu'int-es:

Meu Deus, só a Vós quero, só a Vós amo

Dizei-me o que quereis de mim, que eu estou pronto a fazer tudo.

Fazei de mim o que Vos aprouver Quero tudo o que Vós quereis

Meu Jesus, fazei que eu Vos ame e
disponde de mim como quiserdes

Meu Jesus, eu amo-Vos, eu amo-Vós, amo-
Vos

Dai-Vos a conhecer a todos; fazei que todos
Vo s amem

Renuncio a tudo; bastais-me, Senhor, só
Vós.

Meu Deus e meu tudo

Viva Jesus nosso amor e a Sua Mãe
Santíssima nossa esperança ó bom Jesus,
sejais para sempre bendito . e louvado:

A minha vida foi -a causa da Vossa morte
E a Vossa morte, a causa da minha vida :

CAPÍTULO QUARTO

I

Carta a um jovem estudioso, que anda preocupado
com a eleição de estado

Recebi a sua
ou:tra



esUmadiíss•ima carta, na qual me c-omuni-ca
que está ainda irre soluto •a •respeito do •estado
de vilda que hã d'e eleg•e.r. Na mesma carta
me informa que, tendo partidpa•do ao seu
pároco o meu conselho 'de se retirar para t•a•l
•efeito a •Fazer •exercícios espirituais na casa
qu•e que seu pai possui no •campo, ele lhe •res
pondeu que não era mister que foss•e mir rar os
miolos na solidão durante oito dias;
bastava que assistisse à missão qu-e de-ntro em
pouco se ia pre-gar na •sua igreja.

V•isto que de n•ov•o me pede conselho sobre
os Exercícios, tornase preciso que

a minha resposta ·ja ·longa e lhe exponha, em primeiro lugar;· qua?J:tg -"iqr o pro veito produzido pefos ·exercícios espirituais feitos em silêncio ·e;om ·qualalquoer J·ugar sol tário do que o tira.do das pregações em púbhco, -das quais ·se voft-a :pa·ra casa e se continua, como ic:lântes, ·a discorrer e con vérsa:r::. _rro trato. com amlgos e parent'es; tanto. maj.s. que em sua .casa, não tem, como lteio ;na sua ocarta, U'm qu:a·rto para onde se possa lretírar. Tenho, além disso g·rande a(eiãõ' pdos· oexerc:ícios oe.m solidão. por que à éles ldevo a .pri-meira 'conversão e re

sàllução ·vou, de ·em 'desoegundo lugar, ·indclélrlhe ixa·r o mu'nldo. os rn;e:ios ·e cuidaldos, com que deve -fazer es tes ·exercído:s :para conseg·uir os f·ru·f:'Os qu·e deseja. Peçolhe que, ·depois de ter ·Jido e-s·ta· minha ·cart.a ·a faça ler ta1mbé'm, ao se n·hor pároco.

Failemos, pdis, ·em .primeiro lugar, do grande proveito ·que se lt-i·ra dos exercí:c:ios feitos oem si.lêndo, onde se nã·o tratlél com

mais ninguém do que co•m Deus. E, antes de mais nada, vejamos a razão. As ver da!des da Vi•da eterna, tais como o grande negócio da nossa salvação, a '}lreciosidade do 1ee.mpo qU'e Deus n•os •concede a fim de que acumulemos méritos para a eterna

..CARTAS

178

bem-aventurança, a obrigaçã-o que temos de amar a Deus pela Su1a 'bondade in'finit.a e pelo extremoso amor que nos tem: todos estes •conceitos •e ou'tros semelhantes não se vêm •com os olhos da ca•rne; só os olh•os •do -espí'l"ito lhes •descobrem o s•entido -e alcance. •Por outra parte, se o no-ssso entendimento não apresenta à vontade a beleza do bem ou a •fealdade do mal. •nunca a vontade abraçara o bem ou fugirá do mal.

Ora, nisto consiste a ruína dos homens presos ao mundo: vivem n•as trevas. Donde V'em que, não -conhecendo a grandeza dos bens e •males eternos, se'duzi.dos pelos sen tidos, ' se entregam aos praz•e!fes proibidos e •miS'eràvelm'ente s•e peridem. Por •ssso nos aconselha o 'Espírito Santo, a fi-m Ide que fujamos do pecado, que tenhamos. sempre dian'te dos

olhos os últimos fins do homem, isto é, a morte
com que terminam para nós todos os bens da terra,
e o juízo divino em que teremos de daí" contas a
Deus de toda a vida.

Em todas as obras pensa no fim e não
pecarás jamais (Ecl. 7,40). E noutro passo
a. crescenta: Se fossem sábios, bem
entenderiam, pensariam na sorte que lhes

toca (Deut. 32,29), _com esta·s palavras quer Deus fazer-nos com'Preender que, se os homens recordassem as veJ.'fdades da outra v>ida, env>idaariam todos o.s ·máxi'mos esforços :para se !fazerem santos e não se expotia•m ao risco ide viverem eterna-mente infelizes. Fecham os olhos e, •caminhando

·coMO .cegos, precipita-m-se, em tantos abismos. Aqui está a razão por ·qu·e os santos suplicavam 'incessantemente ao Senhor que lhes comunicasse as 6uas luzes: Atendeime. Senhor. e escutai-me. Deus meu/ Não seja que adormeça na morte. abri meus olhos (Ps. 12,4). Deus nos seja propício e nos bendiga; faça luzir o Seu rosto sobre nós (.P.s. 66,2) . Fazei-me conhecer o caminho que devo percorrer (Ps. 142,8). As Vossas mãos me criaram e plasmaram, daime luz e que aprenda os V ossos mandamenos (•Ps. 1 18,73).

Ora, para obter esta luz divina é necessário a.proximar-nos de Deus: Olhai para Ele, ficareis rutilantes (.Ps. 33,6). Por 'isso 'escreveu Santo Agostinho que, assim como ·não podemos ver o S>Ol. senão com a luz do próprio sol. assim

também não podemos ver a Deus, senão com as luzes do próprio Deus. E estas luzes a-

CABTAS

175

cançam-se nos exercícios; por meio deles, aproximamo-nos de Deus, e Deus ilumina-nos com as Suas divinas inspirações. Outro não é o fim dos exercícios espirituais senão segregar ..n.. os por algum tempo, do comércio do mundo e retirar-nos a conversar a sós com Deus. Deus, nos exercícios espirituais, fala-nos com as suas inspirações; nós falamos com Deus, meditando, amando-O, doendo-nos dos desgostos que Lhe tenhamos dado, oferecendo..nos para O servir, no futuro, com todo o amor; pedindo-Lhe que nos faça conhecer a Sua divina vontade e nos dê forças para a cumprir.

A Santo Arsénio, enquanto examinava os meios que devia adoptar para se fazer santo, fez Deus ouvir as seguintes vozes: Foge, cala, descansa. Foge do mundo; cala-te, deix'a de falar com os homens e entretém-te só comigo, repousa em paz na solidão. Em conformidade com estas directrizes, Santo Anselmo que se encontrava afanado de lidas do

século e se queixava de não ter um momento de paz, escreveu estas palavras que todas vêm talhadas à sua pessoa: Foge, lhe disse, por algum tempo das ocupações terrenas que te atrapalham.

SANTO

zem inquieto e descansa retido com Deus.

A resposta só poderá ser: Senhor, ensina-me onde e como Vos encontrar, para Vos falar só por só e ouvir, ao mesmo tempo, as Vossas palavras.

É fado mais que comprovado. Deus fala de certo a quem O procura, mas não lhe fala no meio do bulício do mundo. Deus não está no tumulto (III Reg. 19,2) foi dito a Elias, quando o Senhor o chamou para a solidão. A voz de Deus, como se refere no mesmo passo (ib, 5,12) é como sopro de branda aragem que se ouve, não com os ouvidos do corpo, mas com os da alma, sem ruído, em doce calma. O mesmo pensamento nos incute o Senhor por Oseias: Eis que eu a atrairei, a conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração (Os. 2,14). Quando Deus se propõe atrair a si uma alma, a conduz à solidão, longe das intrigas do mundo, do convívio dos homens e ali lhe fala com a Sua palavra de fogo

A tua palavra é de fogo (Ps. 118,14). As palavras de Deus chamam-se palavras de fogo, porque a alma derretem, como dizia a Esposa Sagrada: A alma. Íase embora ao eco da Sua voz (Cant. 5,6). De maneira que a palavra de Deus a fazia dócil e fácil em se governar

CARTAS

111

nar por Ele, pronta a seguir aquela forma de vida que a Deus agrada; a palavra de Deus é, em resumo, eficaz e operante, pois, ao mesmo tempo que se faz ouvir, produz na alma aquilo que Deus exige dela. Disse um dia o Senhor a Santa Teresa: De quanto bom grado eu falaria a muitas almas. Mas o mundo faz tanto barulho em seu coração, que a minha voz não chega a fazer-se ouvir. Oxalá que se apartassem um pouco do mundo!

De maneira que sr. D. N. meu caríssimo amigo, Deus deseja falar-lhe; mas quer falar-lhe a sós, na solidão, porque, se o fizesse em sua casa, os parentes, os amigos, os negócios domésticos, Continuariam a fazer barulho em seu coração e não

deixariam ouvir a Sua voz, •d 'Elel . A•qui tem •o motivo porqu•e os sa'ntos de•ix•aram a pát-ria, a famí.lia, tudo-, •e 'foram esconder-se numa gruta, no deserto, na cela de qua•lquer casa religiosa para •lá se encontrarem com Deus •e •escutarem a Sua voz.

Conta Santo Euquério ('Ep. •ad. S. Hil.) que certa pessoa andava à procura de um lugar onde pudésse encontrar.. .. se com Deus. Foi, co•m es't-e intento, aconselhar-se com um mestre da vida espiritua•l, o qual a le-

SANTO

vou a sHio solitário •e •lhe disse: É aqui que se encontra Deus. e não 'acrescentou ma!is nada. Com •isto lhe •quis dar a en tender que Deus nã-o se •encontra no meio do tumulto Ido mundo, mas na •solidão.

D e si a!fkmara S. Bernardo que melhor conhecera Deus entre as faias e os car valhos do monte, do que por meio dos li vros •de ciênc:i•a •q tinha estudado.

A propensão dos mu'ndanos é •est•a-r à conversa •e discorrer •com a'migos, dive•rtir se, mas o aneiio - dos santos é viver •em lugares solitários no meio dos bosques ou den'tro das 'cav•e-rnas 'Para ali s-e

entrete rem ·e tratarem só ·COM Deus, o ·qual na
sol:

ção co•munica •com as <!!!mas cO'm'O um am'i
go :par·a outro. amigo. ó bendita solidão (exdama S. Jerónim•o) em que Deus fala e
conversa familiarmente com os seus.

Dizia o Ven. P." Vicente Carafa, que se alguma
coisa tivesse cobijado neste mun
do. não teria sido mais •que uma gru·ta zinha, um
na.co de pão e um livro espiri tual para viver;
sempr·e longe dos homens e entreters·e só com
Deus.

O Esposo d.o'S Cantares •louva a beleza da alma
solitária e compa·ra-a à ·da 'l'ola: As tuas faces
têm a beleza da rola (Cant.

CARTAS

179

1.9). E o símil é feliz, porque a rola foge da
companhia .das outras aves e refugiasse nos lugares
mais solitários. Daí vem qu·e os santos anjos
adm:iram com regoz•ijo a beleza e o esplendor com
·que ·é adornada no céu a alma que passou por es'te
mundo escondida e solitária, ·como ·se ·o mundo
fosse um deserto. Quem é essa que sobe

do deserto apoiada no seu amado? ("Cant. 8,5").

Propus-me tocar em todos est-es pontos para o levar a ganhar a'mor :pela solidão: pois espero que nos •exercidos que vai .fa

zer, não queimará os miolos, 'Como dizia o Senhor Pároco. Tenho confiança que Deus lhe há-de fazer experimentar tantas delícias espirituais, que ficará inteiram·ente enammad·o deles e não tornará a de:ixar passar ano e'al que os não faça.

Por este meio se robustecerá poderosa mente a alma 'em qualquer ·estado que o meu bom amigo eleger. Nas Htdes do mun do, nos s·eus negódos, aspirações e dis tracções, o espírito não pode de'.ixar de se

exaurir; é mister, de vez em quando, revigorálo, renoválo, •como recomenda S. Paulo: Renovaivos, pois, no espírito dq vosso entendimento (Eph. 4,23).

SANTO

O ·rei David, atarefado com os cuidados terrenos, desejava voar, e fugir do .mundo pa·ra encontrar repouso. Mas nã•O' estando em sua mão deixar o mundo com a sua presença,

procurava ao menos, de tempos a tempos desembaraçar-se das intrigas do reino que governava e refugiar ..s. e na solidã•o a conversar com Deus, e deste modo •encontrava a paz de espírito.

O próprio Jesus Cristo, que nã•o precisava da soJ.idão :para estar recolhido com Deus, se •aifas'tava, simplesmente, pa•ra nos dar exemplo, do •comérdo Idos homens e fugia para os mo•ntes ou para os des•ertos. a fazer oração. E despedidas as turbas, subiu sôzinho ao monte a orar (Math.

14,23). Mas El•e retirava-se a sitios solitários e •dava-se à oração (Luc. 5,16).

E quel'ia também que os seus discípulos, de:pois das fadiga•s das •suas missões, se retirassem para qualquer lugar •solitário a repousar •o espírito: Vinde vós sós aparte a u:rz lugar solitário e tornai um pouco de repouso (Ma.l'lc., 6,3 1) .

Com esta recomendação •quis o .Senhor ensinar-nos •que, mesmo en'tregues a ocupações •espi>l"i'tuais, o espírito al"refece um ta'rrto no trato com os hdmens, sendo ne-

cessão restaurá-lo e aquecê-lo nas soledades do retiro.

Os mundanos que 'es'tã-o habituados a distrair ..s.. e nas convoersas, nas recepções, nos divertimentos e jogos cuida•m que na solidão, onde não há tais passatempos, dom!na tédio insuportável. Ass::•m acontece, na verdade, àqueles cuja consciência anda manchada pelo pecad'O; enquanto es tã'O absorvi'dos :pelos negócios e preocupações munl danas, não dedica•m .momnt'O-de atenção aos problemas do 'espíl!'ito; •mas quando estão preocupados, naquela soleda•de, onde •não vão à procu1'a de Deus, de súbito surg•em os-remorsos •da consciência, e, por isso, não podem encontrar no si'lênc'io do retiro a paz e a •qu:ietação, mas sim a pena e o •édio. Dai-me, .p•orém, uma pessoa, que ande à procura de tOeus Na solidão nunca •encontrará ela t'éd•io, mas contentamento e alegria: ^{disso} nos •assegura •o Sábio. Pois o seu trato não tem nada de desabrido, nem de molesto e a sua convivência antes, pelo contrário, prazer e gozo (Sab. 8,16).

É que conversar com Deus não causa amargura nem tédi•o, ,m•as aleg•ria .e paz.

IIIANTO AFONSO

São Roberto Belarmino, enquanto os outros Cardeais veraneavam distraíndose nas cidades, ele recolhia-se a uma casa solitária a fazer exercícios durante um mês e dizia que aquelas eram as suas férias. Nos exercícios espirituais encontrava certamente mais delícias para o seu espírito do que os outros nos passeios. Duas vezes no ano fazia os exercícios S. Carlos Borromeu e neles encontrava o seu paraíso; durante eles no monte Varallo, lhe sobreveio a última enfermidade que o vitimou.

S. Jerónimo afirmava também que era na solidão que encontrava o seu paraíso neste mundo: A solidão é para mim um paraíso (E: p. 4, ad Rust).

Que espécie de contentamento, dirá aí alguém, se poderá encontrar estando só e não tendo com quem se entreter? Não é assim, responde S. Bernardo, não está só na solidão quem na solidão procura Deus, porque o próprio Deus o acompanha, e lhe comunica mais contentamento do que daria a companhia dos príncipes mais ilustres da terra. Eu, escreve o

mesmo santo nunca estava menos só do que quando es tava só.

C'AH.T.-AS

1 R.'3

O profeta Isaías descreve a -doçura que Deus faz ·experimentar a quem vai procurá-lo na solidão: O Senhor consolará Sião, rapará todas as ruínas; transforma-rá o seu deserto em lugar de delícias e a solidão em jardim do Senhor. Nela; se encontrará a alegria e contentamento, o agradecÚmento e o canto de louvores (Is. 2,3).

O Senhor sabe muito bem ·como há-de conS'olar 'a aJoma ·retirada do mundo. Ele recompensa-lhe a perda dos prazeres mÚndanos centuplica11d1 o o seu número em ·consolações espirituais; converte-lhe a so.Jidão em 'jardim de delícias onde ela longe do tÚmulto do mundo, encontra :paz ·que sada, rendendo graÇ'as· e louvores ·a Deus ·que tão ex•tremosa'mente a acaricia.

Ai111da ue no silêncio da solidão não houvesse outro ·contentamento além do conhecimento das verdades 'eternas, is'to só bastaria para a tornar sum'amente digna de ser desejada. As verdades divinas, quando conhecidas, saciam a alma; ao invés, as

V'aidades mundanas não pass·âm de menti-ras e embustes. É justamente ·es'te o grande prazer que S'e tira dos exer·cícios feitos em silêncio, neles se conhecem com visão dara as máx.i·mas cristãs, o alcance da ·eternidade, a malícia do pcado, o va-

SANTO AFONSO

lor da ·graça, o amor que Deus tem, a vai dade dos bens desta V'ida, a ·oucura da queles qu:e para os adquirir·em perdem os bens eternos e se tornam réus de penas eternas.

Daí vem ·que uma pessoa, ·em face de tais verdades, adopta -os meios mais efi cazes para assegu·rar ·a salvação eterna ·e se eleva sobre si mesma, como afirma Je remias: Sentarseá e ficará em silêncio. porque tomou este jugo sobre si (Th .3,28) . Na s·olidão, desprendida dos affectos terrenos. unese •a Deus: pela oração, pelo desejo •e aspi-ração a ser toda d 'Ele, ofere cendose a si mesma, repetindo actos de arrependimento, de amor, de resignação. Por estes meios se encontrará elevada acima das cois·as ·criadas, tendo pena no

íntimo do seu coração daqueles que tanto estimam os bens deste século, bens que ela despreza porque os conhece como mesquinhos, indignos da estima e amor de uma alma criada para servir um bem infinito, que é Deus.

Era convicção de S. Crisóstomo que para atingir a perfeição é de grande ajuda o retiro. Com ele concordava um douto autor, quando escreveu: Feliz daquele que, afastando-se do bulício do mundo, se deixa

CARTAS

18Fi

conduzir pelo Senhor aos exercícios, onde se goza a solidão que participa das delícias do céu. São boas - não há que negar todas as pregações que se fazem na igreja, mas se os fiéis não se recolhem e reflectem sobre elas, pouco será o fruto que delas virão: a reflexão é que gera as santas resoluções. A reflexão, porém, nunca será feita como deve ser senão no silêncio, a sós com Deus. A concha, mal recebeu o rocío do céu, de repente se fecha, desce ao fundo do mar e assim se forma a pérola.

Bem averiguado está que a reflexão em silêncio, no trato a sós com Deus, sobre as

verdades ouvdas na prática ou Hdas no livro, a reflexão, digo, é que aperfeiçoa o fruto dos exercícios. É por isso que S. Vicente de Paulo, nunca descura V'a nas missões que da Va, d'e incitar os ouvintes a fazer os exercícios fechados em qualquer lugar solitário. Máxima santa, uma só que seja, bem meditada, basta para fazer um Santo.

S. Francisco Xavier deixou o mundo levado pela impressão que lhe causou a máxima do Evangelho: «De que servirá a um homem lucrar o mundo inteiro, se vier

a perder a sua alma?» (Math. 16,26). Certo 'jovem estudante, por uma .obs·er vação que sobr·e a morte •lhe fez um bom rdig·ioso, mudou de teor •de v·ida, de de pravado para -sant·o. S. Clemente Ancira nO', confortado por umas palavras que lhe segredou sua mã·e: o fim por que com batemos é a ·vida, s·dfreu ·alegremente por Jesus Cristo •os muitos tormentos que o Urano lhe jnfhgiu.

Para fazer justo ·conceito do proveito que se colhe dos ex·ercícios feitos na so ledade, leia se o ·tem à mão, ·qualquer livro que verse esta matéria. Poderá entrar no .conhecimento das conversões assombrO sas operadas pelos ei'i:ercícios. Eu quero apenas mencionar algumas.

Conta o P. Maiffei que em S.iena ha via um sa·cer.dote de vida publicamente es candalosa. Aconteceu :pass·ar por aquela cidade um missionário que o J.evou ·a fazer os exercícios. Arrependeuse o sacerdote, confessouse; um ·dia em ·que •era 'grande a concorrência dos fréis na igreja ·subiu ao púlpito e, debu·lhado em ágrimas, de

corda ao pescoço, pediu perdão dos escândalos que dera. Depois abraçou o esquivo religioso na ordem dos Capuchinhos, vindo a morrer com fama de santidade.

CARTAS

187

Ao aproximar-se o termo da sua vida, comprazia-se em atribuir aos exercícios espirituais todas as graças que recebera de Deus.

Um outro exemplo também nos deixou o P. Bartoli, ~~dum~~ certo cavalheiro alemão, o qual a tal ponto se entregava a todos os vícios, que chegou ao extremo de pactuar com o diabo a entrega da sua alma sob escritura firmada com o seu próprio sangue. Convencido a fazer os exercícios, recebeu tal arrependimento dos seus pecados, que muitas vezes desfalecia de dor. Passou o resto dos seus dias em vida de penitência.

Não menos admirável é o exemplo que nos conta o P. Rossignoli: Levava a vida tão dissoluta o filho dum barão siciliano, que seu pai, depois de esgotados em vão todos os recursos para o trazer ao bom caminho, se viu obrigado a enviá-lo para

as galés entre es·craV'os ·a ·ferros. Compadeceuse dele um bom religioso; fo•i ter com de e por bem o levou a meditar na p:ópria ·galé, certas máX'imas eternas. Foi ta•! o efeito destas meditações, -que o jovem se resolveu a faz·er uma ·con1fissão com ele e por bem ·o levou a meditar, na vi•da, ·que o pai o recebeu em casa de· bra-

SANTO AFONSO

ços abertos e tratou e amu s·empre como filho.

Outro jovem flamengo fez também os exercidos e emendou ·a ·sua vida depravada. Aos amigos que Rão acabavam de se maravilhar ·da mudança, costumava ele dizer: Vos pasmais do que vedes em mim, mas eu asseguro-vos ·que ^{se o} demónio fosse ·capaz ·de fazer os ex·erdcios, f·aria também ·peni.tên.c'ia.

Um grupo de rapazes novos, sabendo que alguns seus companheiros iam para um retiro, quiseram acompanhá-los, não para tirar proveito dele, mas para teT assunto de Ghacota nas suas ·conversas. Sucedeu-.lhes, porém, muito ao contrário do que ca!kulavam. Durante o retiro senti

ram tal compuc;ão, que desabafaram a dor dos peca•dos em suspiros •e prantos. Confessaram-se e mudaram •de vida.

Se outro motivo não houvesse para ter os exercíc•ios em grande conta, bastaria ver o muito que os apreciara•m tantos homens santos. S. Carlos Borromeu, depois de ter feito os exercícios pela primeira vez, •deu-se a vida de aocrisolada virtude. S. Francisco de Sales aos exercícios ía buscar a origem da sua santa vida. O P.e Luí•s de Granada, grande homem de Deus,

CABTAB

189

costumava dizer que lhe não bastaria a vida inteira pa•ra expiicar os conhedmen tos novos •das •coisas eternas que tinha des•coherito ao fazer exercícios. O P.e Avi• la chamava aos eX'er<:ícios escola de sabedo ria celeste e queria que todos os seus dis dpt.tlols se recolhessem a fazê-los. O P.• Luís Blásio, Beditino, dizia que •se deviam dar graças especiais a Deus por ter .ma nHesta•do à sua lgrej•a nestes últimos tempos este tesoiro.

Mas se os exercícios •espirituais apro veitam a todas as pessoas, qúalquer que seja a sua condição soda]. a •sua uti•lidade sobe de ponto

para quem deseja escolher o estado de Y.i-da
 Que há... de abraçar. Está escrito que o primeiro
 fim para que se instituíram os exercícios foi
 eleger o estado de vida, pois desta eleição
 depende a bem aventurança eterna de cada um.
 Não de vemos esperar que venha um anjo do céu
 indicarnos o estado que havemos de eleger
 segundo a vontade de Deus; basta que
 ponhamos diante dos olhos o estado que
 pensamos escolher e que depois consideremos
 os fins que temos em vista nesta eleição,
 pesando as circunstâncias em que nos
 encontramos.

SANTO AFONSO

O motivo principal, por que desej-o que
 façais os exercícios é resolver o estado que
 haveis de deger. Portanto, quando tiver des-
 entrado neles, como espero que o fa reis, peço--
 vos que ponhai-s em prática os conselhos que
 vou dar.

Em primeiro lugar, o único intento que
 haveis de ter nestes exercidos é conhecer o
 que. Deus quer de vós; e por isso, ao en tra:des
 naquela casa solitária, diz·ei para

convosco: Quero escutar o que dentro de mim diz o Senhor Deus {Ps. 84,8). Vou ouvir o que me dirá o Senhor; vou saber o que Ele quer de mim. Mas, além disso, é necessário que tenhais propósito firme de obedecer a Deus, de seguir, sem reserva, a vocação que Ele vos manifestar.

Mais ainda, tendes que pedir instantemente ao Senhor que vos faça conhecer a sua vontade a respeito do estado em que vos quer. Adverti, porém, que, para alcançar estas luzes, é mister que peçais com indiferença. Quem pede a Deus que o ilumine acerca do seu estado, sem indiferença e, em vez de se conformar com a vontade de Deus, quer que Deus se conforme com a sua, é semelhante a um piloto que quer fingir-se não quer que o seu

CARTAS

111

navio singre, pois lança a âncora e desfralda ao mesmo tempo as velas.

A quem assim procede, Deus não dá luzes nem fala. Mas se vós o implorardes com indiferença e resolução de seguir a sua vontade, Ele vo-s fará

conhecer claramente o estado que melhor vos convém.

E se o estado que Deus vos inspira vos repugna, figuraivos às portas da morte e reflecti na eleição que naquele momento queredes ter feito; é essa que dev::is ter feito; é essa que deveis fazer nos exer cícios.

Levai convos·co para a casa para onde vos retirardes um livro das meditações que se costumam J.azer ·nos exercícios; ledeas e elas vos servirão de pregação; ifazei, tan t de manhã •como à tarde, meia hora de reflexão .cada vez. Levai também ·a vida ou vidas de santos, ou outro qualquer livro espiritual ·e f·azei por eles a vossa leitura.

Estes ·serão os vosso úni·cos ·companheiros na solidão daqueles oito dias.

É mister para alcançar estas luzes e sentir o que vos segreda o Senhor que afasteis de vós as distracções.

Detendeos e reconhecei que Eu s·ou Deus (Ps. 45, 1 1).

SANTO AFONSO

Para ouvir o chamamento ·divino é necessário desembaraçar-se do trato com o

mundo. De nada servem os remédios ao doente, se ele não toma o devido cuidado: fugir das correntes •de ar, privar-se da comida nociva, não se •entregar a trabalho mental demasiado aturado; da mesma mamira, para que os exercícios aproveitem à salvação da alma, é indispensável afastar as distracções prejudiciais, o como são: receber

visitas de •am•igos, •recados ou comunicações vindos de fora, •cartas que vos escrevem. S. Francisco de Sales, durante os exercítios, punha de parte e só lia, quando eles terminavam, as cartas que recebia.

é necessário, além disso, •deixar de ler livros curiosos e até de estudo; durante os exercícios o estudo há-de concentrar-se apenas no Crucifixo. Não tenhais nos vossos aposentos outros livros espirituais; •m•as se os tiverdes e os lerdes, não os ifaçais por curiosidade, mas •só com o único fim de conhecerdes •e elegerdes o estado de vida que Deus •quer que abraçais.

Mais ainda: não basta evitar as distracções exteriores. Se deliberadamente vos •detiverdes

a pensar nas coisas do mundo ou do estudo, ou semelhantes, de pouco

vos servirão os exercído'S e a solidão. Para que serve, diz S. Gregório, a solidão do corpo. se falta a do coração? '(Moral 1, 30, C. 12).

Pedro Ortiz, privado de Carlos V, quis recdl'her-se ao Mosteiro 'de Montecassino a fazer os exerddos. Chegado às portas do mosteiro disse aos seus pensamentos o que Jesus Cristo mandou aos s-eus discípulos: Ficai aqui enquanto eu vou a orar (Math. 26,36). Pensamentos do mundo, não entreis; acabados os exercícios, tornar-nos-emos a ver e fa.Jaremos.

Enquanto duram os exercícios, todo o tempo deve ser votado ao bem da alma, sem perder momento. Peço-vos, finalmente que durante os exercícios leiais as breves orações que vou transcrever.

Meu Deus, eu sou aquele miserável pecador que vos desprezou na sua vida passada; mas agora Vo s estima e &ma sobre todas as coisas

e não quer senão a Vós. Vós quereis-me todo para Vós e eu quero ser todo Vosso. Falai, Senhor, que o Vosso servo escuta. Fazei-me saber o que quereis de mim, que eu estou pronto a fazê-lo; mostrai-me especialmente em que estado é de Vossa divina vontade que eu V
os

SANTO AFONSO

serva. Fazei-me conhecer o caminho que eu tenho de percorrer.

Recomendaivos também nos exercícios de modo especial a Maria • Santíssima, no·s sa Mãe do Céu, suplicandoLhe a graça de cumprir perfeitamente a vontade de seu divino F·ilho. Eu vos afianço que nã·o dei xarei de o tfazer de modo particular para que o Senhor vos faça santo, como desejo, e com isto me declar^o ""

De V. Ex<:elênda
Criado muito devoto e obrigado



Afonso Maria
Bispo • de Santa Agueda
CARTAS

11



Resposta a um jo•vem
que pede conselho
acerca do estado que
há-de escolher

Leio na sua carta que desde há certo tempo se sente inspirado por Deus a abraçar a vida religiosa, mas que lhe surgiram dúvidas em seu espírito, sendo a principal a de que, sem professar em qualquer religião, no próprio século podia fazer.-se santo.

Dar-lhe-ei resposta quanto possível breve, porque, desejando conhecimentos mais completos deste problema, pode colhê-los no 'livrinho que publico-ei com o título: Avisos sobre a vocação religiosa.

Agora limitar.-me-ei a dizer-lhe muito sumári•a'mente que o negócio da eleição do estado é de suma importância, porque dele depende a salvação eterna. Quem escolher o estado a que Deus o chama, encontra

SANTO AFONSO

facilitado o caminho da salvação; quem não obedecer ao chamamento de Deus, dificilmente se salvará, ou antes, será moralmente impossível salvar-se.

A maior parte -daqueles que se condenaram ao inferno, condenaram-se porque foram infiéis à vocação .divina.

A fim de poder •eleg-e-r o eado "que melhor 'lhe assegure a conquista da vida eterna-que •é o negócio dos n•gócios, o único que 'importa -•Considere que a sua alma é imortal, •que o intento para que :Deus o pôs neste mundo não foi •de •modo nenhum para adquirir riquezas e conquistar honras, e levar por esse meio, vida cámoda feita de prazeres e divertimentos. O único fim que Deus lhe pro pôs foi, pela virtude merecer a vida eterna; «Tendes um fim - .diz S. •Paulo ao•s romanos -

a vida eterna». No dia do juízo, de nada lhe aproveitará o ter feito prosperar a sua casa o ter ganhado fama de grande homem no mundo; o que só lhe aproveitará é ter servido e amado a Jesus Cristo que o há-de julgar.

Segreda-lhe a tentação- e o Senhor assim o cuida - que bem pode santificar-se mesmo que fique no mundo. Sem dú-

CARTA A

19j

vida que o pode, mas com grande dificuldade; se, porém, é chamado por Deus para o estado religioso, e se obstina em permanecer no século, é moralmente impossível. como já o deixei dito, que o chegue a conseguir. Fazer-lheão aquelas ajudas que Deus !lhe tinha preparado na religião e, sem elas, não poderá salvar-se.

Para atingir a santidade, é absoluta mente mister adoptar os meios que a ela nos levam, fugir das más ocasiões, desprender-se dos bens terrenos, viver vida recolhida em união íntima com Deus, a qual se não pode manter sem a 'fTequênda dos sacramentos' e o recurso quotidiano à OI"ação mental, à leitura espir.itua e a outros exercdcios devotos, os qua•is conservam e alientam o fervor.

Ora, vacar a todos estes .actos de vida interior é muito· difícil. senão impossível. no meio •do bulício do mundo. Os haveres de família, a·s necessidades da casa, as queixas dos parentes, a·s questões e con tendas, os desgostos e pers·eguições, que tanto no mundo fervilh·am, absorverlheão de tal maneira os pensamentos e povoar lheão a tal ponto o espírito de temores e -re-ceios, que apenas lhe permiti'l'ão de distraidamente se recomendar a Deus. Bem

quereria entreg•ar.-se à oração, à leitura de
 •livros espirituais; comunga'! com fre quênda e
 visita-r todos os dias o Santíssi mo Sac•ramento
 do altar, m'éllS a tudo porão entraves os
 negócios -do mundo, e o pouco que lhe será
 permitido fazer, será imper feito, porque J.evado
 a cabo no meio de mil .dist'!ações e tibieza 1de
 espírito. Por

isso lleVlará sempre vida atribulada e mais
 atribulada ainda terá a morte.

Não faltarão, por uma :parte, os amigos do
 mundo a •meterlhe medo de abraçar a vida
 religiosa, pintandolh•a du•ra e tor mentosa.
 Oferecerlheá o século, por ou tro lado, prazeres,
 ri'quez•as e vida rega

iada. Pense hem e não se •deixe enganar.
 Persuadase que o mundo é traidor: promete e
 não cumpre. Prometelhe bens terre nos. Mas
 ainda que lhos dê, P-Oderá ele
 assegurarlhe a paz da alma?

Não, só Deus lhe pode dar a verda deira paz.
 A alma •foi c•riada só para Deus, para O ama.r
 nesta vida e gozáO depois no céu por toda a

eternidade. Aí está a razão porque só Deus pode encher o vazio infinito, •da nossa alma. Todas as delícias e riquezas da terra não a podem saciar, nem dar-lhe a verdadeira paz; quem mais possuir destes bens e prazeres do

CARTA R

mundo, é quem mais aflito e atribulado vive - Ninguém o pode atestar. com mais autoridade do que 'Salomão-o, porque ninguém os possuiu no grau que de os possuiu. E Salomão 'exclamou num grito de desillusão: Tudo é vaidade e aflição .de espírito.

Se o mundo •com os seus bens terrenos pudesse satisfazer a nossa sede infinita de felicidade, os ricos e os magnates, os monarcas a quem não falta nem dinheiro, nem honras, nem prazeres seriam plenamente felizes; mas a experiência mostrá-nos que para os mimosos da fortuna, para os grandes •da terra, quanto maiores são as •suas grandezas, tanto mais sobem as angústias, os receios •e aflições com que o mundo os brinda.

Estará mais contente um pobre irmão leigo capuchinho, vestido com o seu bom:el e cingido por uma corda, dormindo num colchão de palha

do que um príncipe que traj-a galas recamadas
de oiro e possui tesoiros s'em conta; sent•arseá
a mesa lau ta; •deitarse--'à em fofo e dco leito
debaixo de sumptuoso docel, mas não conciliará
o sono por causa das preocupações que lho
roubam. Rematada "loucura é amar o
•mundo e-não amar a •Deus; •soia •avisada

SANTO AFONSO

mente diz•er •S. Filipe Néri. E 'S'e os mundanos
levam 'Vida atribulada, qua.J não s•erá a sua morte,
quando o sacerdote que lhe assiste nos últimos
momentos lhes intimar a partida desta vida: Parte,
alma cristã, deste mundo, abraça-te com o
crucifixo, porque o teu fim está próximo.

A desgraça 'é que o mundo pensa pouco em
Deu-s e pouco se pre'ocupa •com a outra
vida onde permanecerão por toda a eternidade.
Todos ou quase todos os seus
pensamentos se dfram nas coisas da terra, donde
vem qu'e pàsam vida desgraçada e têm morte
ainda mais infeliz.

Se quer, pois, .a-certar na escolha da eleição -do
seu estado, ponha diante dos oihos a hora da morte

·e ·siga pelo caminho que então -desejaria ter toma·do.

Naquele duro transe já não h·av·e·rá tempo •de remediar o erro, se teve a desgrega de ·se enganar, -po•spondo a vocação divina ao capricho de viver com :mais liberdade. Considere que toda·s as coisas

deste mundo passam. Passa a figura deste mundo, (I Cor., 7,3 1) diz S. •Paulo: há-de acabar para ·cada um de nós a cena deste mundo. Tudo passa e a morte avizinha-se; cada passo que dam:os leva-nos

CART A R

mais perto do túmulo e da eternidade para a qual nas·cemos: Irá o homem para a casa da sua eternidade (Eccl. 12,5). Quando menos o ·cuidarmos, seremos surpreendidos pela mort-e.

Ai de nós! Quando nos -encontrarmo-s frente a fr•ente -com oa morte, todas as riquezas e prazeres ·d'a terra :pa·recer-nos-ão pura vaidade, mentira, engano, brincadeiras de criança! De qu·e nos servirá então, adverte-nos Jesus Cristo, te-r -ganho todo o mundo, se perdermos a alma? Que aproveita ao homem

ganhar todo o mundo, se perder a alma? (Mat., 16,26). Servir.-lhe-á apenas para ter morte desventurada .depois de vida infeliz.

Pelo contrário, que indizível alegria e contentamento não experimentará o jovem que, para se dar todo a Jesus Cristo, deixou o mundo, passou os seus dias numa cela solitária, longe do bulício e perigos frequentes que correm de perder a Deus os que vivem no mundo. No mosteiro não haverá, de certo, concertos, nem bailes, nem teatros; mas haverá Deus que recreia com os regalos da sua graça e com o gozo da sua paz. Aquela paz, acentuemo-lo bem, compatível com este vale de lágrimas, onde todos temos que padecer para, à cus-

SANTO AFONSO

ta de muita e santa paciência, podermos conquistar a paz plena que Deus nos tem preparada no céu.

Numa vida levada longe dos passatempos e divertimentos do mundo, um olhar amoroso lançado de vez em quando ao Crucifixo, um meu Deus e meu tudo proferido com todo o fervor, um meu Jesus dito com um suspiro de "Ó Inorlhe .dará maior consolação do que todos os passatempos e banquetes do século, os

quais deixam todos o travar do desengano e
'des·ilusão.

Passará contene nesta vida por ter abra çado o
estado religioso; mais contente ain da
enfrenoará •a morte, quando ela vier busoeáJlo
para ior receber o prêmio da sua fidelidade à
vocação. Qual não se·rá a sua consolação por ter
gasto os anos em ora ção, ·em leituras
espirituais, mortificações e ·outros exercidos
devotos e, .de modo especi•aol, se na religião se
empregou em salvar almas quer na !pl"egação,
quer no confessionário. Todas estas obras santas
contribuirão para aumentar a conlfiança em
Jesus Cristo; o qu\311 nunca deixa de pre miar
com mão generosis·simamente liberal
àqueles que trabalharam por seu amor e glória.

CARTAS

*

*

*

V:amos apertar mais o ponto -de sua eleição
-de esta·do. Visto o Senhor o ter chamado a
deixar o mundo ·e a dars·e to
do a ·Ele na religião, digo..IJ.he resoluta ment·e:
·Alegrese e trema ao mesmo tempo.

Alegre, s. e, por um lado, e -dê graças ao Senhor, que o chamou para uma vida perfeita, graça que Deus não dispensa a todos: Não fez tal a nenhuma nação; a ou tras nações a sua lei não ensinou (P.s. 147,20).

Trema também, porque, não obedecem do ao chamamento divino, põe em grande perigo a sua eterna salvação. Não posso demorar-me a desfiar a lista dos exemplos de jovens que, por não fazerem caso da sua vocação, levaram vida miserável e acabaram com morte horrorosa. Tenha por certo que, se apesar da vocação que sente de abraçar a vida religiosa, ficar no mundo, nunca mais terá paz; lembrese que a morte será atormentada pelo remorso de não ter obedecido a Deus, que o chamou para o -estado religioso.

No final da sua carta pede me que lhe diga a minha opinião, no caso de não ter

SANTO AFONSO

ammo para entrar -em •relligião, sobre s-e será melhor casar.. .. se, como querem seus pais, ou ordenarse •de •sacerdote secular.

Aqui tem a minha resposta. O estado conjugal não lho posso aconselhar, pois S. PaU'lo não o aconselha a ninguém, senão em caso de necessidade por incontinência habitual. Não creio que se encontre tem tais condições.

P,elol que diz respeito ao estado sacerdotal secular, tenha bem presente que o sacerdote secular tem as obrigações de se abster de as distrações e perigos dos leigos; vivendo no meio do mundo não pode evitar o redemoínio do governo da própria casa e as complicações que fatalmente lhe hão ... de vir dos parentes; a sua alma nunca poderá conservar-se isenta de perigos. Topará com a tentação dentro das suas paredes, pois não pode obstar a que em sua casa tentrem -mulheres, quer parentes. quer -criadas, ou outras estranhas. O ideal seria viver em habitação Tetirada e não atender senão às coisas divinas. Mas esta condição é muito difícil de pôr em prática. É por isso que raro-s são os sacerdotes que em sua casa aspiram à perfeição.

Ao passo que, entrando num mosteiro em que reine a observância, estará livre da preocupação de pensar no que há de comer e vestir, porque a todas estas necessidades proverá a religião. Não terá lá os parentes a importuná-lo continuamente com desavenças e negócios que o trarão em constante rodopio; olá não entram mulheres que lhe podem fazer perder a paz de espirito; lá não chegam os rumores do mundo que o distraiam na sua oração e recolhimento.

Disse muito de propósito mosteiro de observância, porque se quiser entrar em qualquer outro onde não haja fel'V'r', é preferível ficar em sua casa e empregar nela todos os esforços para salvar a alma do

modo mais perfeito que puder. Num mosteiro em que a disciplina é relaxada corre o perigo de se perder. Ainda que entrasse em tal Instituto com resolução de se entregar à oração e de não pensar se não em Deus, transviado pelos maus exem

pios dos companheiros, feito objecto de troça, perseguido por aqueles para quem o seu exemplo é tácita repreensão, deixará todas as devoções e acabará por fazer como os outros, -como prova a experiência.

Se Deus se digna .concederIhe a graça da vocação, t·enha muito •cui-dado •em con servá-la, recomendandose continua'mente em oração !fervorosa a Jesus Cristo e a Maria Santíssima.

Tenha bem presente qu·e se resolver dar se todo a Deus, o demónio •redobrará as tentações e •esforços para o faz.e'I' cair em pecado •e especialmente para o levar a perder a vocação.

Termino apresentando-.Jlhe os meus res peitosos cu;mprimentos e pedindo ao Se nhor que o faça t'Odo •seu.

lii

Carta a uma jovem que vacila acerca de estado que há-de escolher



hmã minha •em Jesus Cristo: Disseme que anda •a pensa·r qual será o género de vida que deve abraçar. Vejo que vadia porqu·e, por um lado o mundo convida a •escolher o matrimónio, e

por outro Jesus Cristo convida-a a tomar o véu de religiosa num convento de observância.

Pense hem, pois da escolha que fizer depende da sua eterna salvação. 1 Por isso lhe recomendo -muHo encarecidamente que todos os dias peça a Deus a Sua santa graça e comece a fazê-lo hoje mesmo, ao começar a ler estas páginas, a fim de que o Senhor lhe conceda a luz e a fortaleza de que necessita para escolher aquele estado em que melhor seja assegurada sua salvação, e não tenha de se arrepender da escolha feita, durante toda a sua vida e por toda a eternidade, quando já não for bempo de emendar o seu erro.

Pense bem qual será para si o partido mais vantajoso e que a fará mais feliz e ditosa, S'e é ter por esposo um homem do mundo ou a Jesus Cristo, Filho de Deus e Rei do Céu; veja qual dos dois lhe parece melhor e eleja u-m deles. Treze anos tinha a virgem St.a Inês quando, por sua grande beleza, se viu pretendida por muitos jovens, entre os quais estava o filho do Prefeito de Roma. Porém, ela, pensando em Jesus Cristo, que a queria para

Si, respondeu: «Encontrei U'm Esposo melhor do que tu e do que todos os reis-da terra, é justo que O não troque por outro». E realmente preferiu gostosamente perder a vida em tão

tenra idade a consentir em troca tão desigual. morrendo mártir por amor de Jesus Cristo. A mesma resposta foi dada pela Virgem St.a Domitília ao Conde Aurélio, grande senhor de Roma, preferindo ser •martirizada e queimada viva a abandonar Jesus Cristo. Como estão alegres e cheias de gozo no Céu, e assim viverão por toda a •eternidade, . estas virgens, por •terem !feito tão acertada escolha! Sorte assim tão feliz e ditosa tem o Senhor oferecida a todas •as donzelas que para se consagrarem a Jesus Cristo abandonara•m o mundo.

Examine bem, portanto, as consequências que se seguirão da •escolha que fizer entre o mundo . e Jesu•s Cristo. O mundo brinda-a com •os bens da terra: honras, riquez•as, prazeres, distracções. Jesus Cristo, pelo contrá•rio, apresenta-lhe açoites, espinhos, opróbios, cruz, pois foram estes os bens que •disfrutou enquanto viveu no mundo. Mas, em troca, Jesus Cristo oferece os inapreciáveis bens que o mundo não pode dar, isto é, a paz do coração nesta vida •e o paraíso na outra.

Demais, antes de se •resolver por um ou outro estado, deve pensar bem que a sua alma é eterna, quer dizer, que depois desta •vi•da, que tão

depressa acaba, virá a morte que lhe abrirá as portas da eternidade, e a: o entrar n:ela o Senhor lhe dará o prêmio ou o castig.o que haja merecido pelas suas obras durante 'a vida. De maneira que, no lugar que depois da sua morte !he for designa-do. seja 'feliz ou desgraçado, nele permanecerá .por toda a eternidade. Se tiver a dita de se salvar gozará para sempre de todas a:s delícias e alegrias do paraíso; se, por 'infelicidade, se condenar, padecerá os eternos tormentos do inferno. Não se esqueça, portanto, de que todas as coisas deste mundo depressa acabam. Ditoso de quem se salva, infeliz de quem se condena!

Que jamais lhe saia do pensamento aquela admirável sentença de Nosso Salvador: «De que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se no fim perde a sua alma?». Esta palavra levou já tantos jovens a encerrar em-se nos daustros e a retirar em-se para o deserto, e a tantas donz:elas a abandonar o mundo para se consagrarem a Deus e terminar a sua vida com uma santa morte!

Consi:dere agora, por outro lado, a sorte mísera que terá cabido a tantas nobres damas, princesas e rainhas que houve no mundo: não lhes terão faltado nem honras, nem riquezas,

nem servidores, nem vis adutores. Porém, se tiveram a desgraça de se -condenarem, de que lhes aproveitarão no inferno tantas riquezas entesoura•das, tantos oprezere•s gozados, tantas honras disfrutadas? Servir-lhes-ão de tormento e angústia que hão... de despedaçar-lhes o coração eternamente, porque, apesar-de Deus ser Deus, •não poderá dar remdio algum 'à sua eterna ruína.

Exa-minemos agora, resumidamente, os bens Que •o mundo promete nesta vida aos seus seguidores e os bens que o Senhor concede •aos que O amam e tudo abandonam por Seu amor.

O mundo promete muito, porém, quem ignora que ele é um traidor que promete e não -cumpre? Mas, admita-mos que cumpre as suas opromessas, que bens :podemos dele esperar? Bens da terra; •mas não pode

dar-nos a paz nem a felicidade que promete, porque todos os bens lisonJeiam a carne e os se11tidos, oporém, não podem satisfazer as aspirações da alma e do coração. A nossa alma foi criada por Deus imicamente para O amar •nesta vid-a e de

pois gozar dEle na outra. 1Por isso, ~~todos~~ os bens deste mundo, todos os seus prazeres e grandezas

andam à volta do nosso coração, mas não entram dentro dele, pois só Deus o pode encher.

Por esta razão Salomão chamava *éi* OS bens deste mundo vaidade e mentira, mais aptos a afligir do que a contentar *'a* nossa alma. «Vaidade d'as vaidades e aflição do espírito», lhes chamou ele. Com efeito, a experiência demonstra que, quantas mais riquezas possuem os *r*kos, •mais angustiados e aflitos vivem.

Se o mundo satisfizer as ânsias do coração com os seus bens, as princesas e rainhas, às quais não faltam diversões, festas, banquetes, soberbos pa-ládos, carruagens,

ri' Cos vestidos, jóias de valor inestimável, criados e servidores que •as sirvam, *e* lhes fazem a •corte, viveriam em pel'pétua paz

e alegria. M•as, como se enganam os que assim pensam! Perguntai-lhes se gozam de verdadeira paz e s•e v.ivem felizes. Qual paz nem felicidade?! ... vos responderiam todas-a •minha vida é um torme•nto, não sei o qu•e é paz nem alegria. O mau prO'Cedimento dos maridos, os desgostos que a cada passo lhes dão os filhos, os ciúmes,

os temores, as intrigas e dificuldades da sua vida enchem-nas •continuamente de dissabores e •amarguras.

Da mulher casada pode dizer-se que é mártir da padência, se 'é que a tem, pqrque, se não entesourar esta virtude em seu coração, padecerá um martírio neste mundo, e outro, maior, na eternidade. Ainda que 'mais traba'lhos não sdfresse, bas·tarão as perturbações da sua consciência :para a atormentar ·sempre, pois, apegada, como vi'Ve, aos bens da terra, não encontra tempo para pensar na sua alma, não frequenta os Sacramentos, apenas se lembrará de se ·encomendar a Deus, e assim pri vada •destes auxílios, que tanto ajudam a bem viv·er, cairá com frequência no pecado e continuamente será atormentada pelos remorsos da consciência. Donde resulta que todas as alegrias que o mundo lhe prometa se ·convertem ·em amarguras e sérios ·temores de se não salvar. Pobre de mim-exclamará- qual será a minha sorte ao entrar na eternidade, vivendo como vivi, longe de Deus, caída no pe cado, caminhando sempre de mal ·a pior? Quisera recolher-me a fazer oração, mas os -cuidados da família e da ·casa - sempre em movimnto - não me deixam, quisera assj.stir às devoções, confessar-me e comungar ·com 'frequênda, ir muitas vezes à igreja, mas o meu marido opõe-se; acrscentem-se a isto os ·cuidados d todos os dias, a educação dos 'filhos, as relações sociais e mil obstáculos que se

gevantam diant de mim. Apenas nos dias de preceito e a certas horas posso ir à Missa.

Pobre de mim! Porque terei cometido a

Ioucura de me casar? Não me teria sido melhor recolher-me a um convento para cuidar da minha santificação?

Mas, de que servirão todas estas queixas e amargas lamentações senão para aumento das suas angústias, ao saber que já não se pode remediar da sua má escolha, estando, como está presa por mil laços ao mundo? E se termina a vida vergada ao peso de tantas inquietações, a sua morte será também triste e angustiada. Rodearão o seu leito de morte os seus familiares, o marido e os filhos, derramando lágrimas amargas que, longe de lhe servirem de consolação, lhe hão-de causar maior aflição e, assim aflita, pobre de méritos e ansiosa pelo temor da sua eterna salvação, comparecerá perante o tribunal de Jesus Cristo, que a há-de julgar.

Muito diferente será a morte da Religiosa que abandonou o mundo para se consagrar a Jesus Cristo. •Sentir-se-á feliz na •companhia de tantas Esposas .do Se

nhor, numa •cela solitária, longe do bulício do mundo e -dos contínuos e próximos perigos que correm as ,pessoas que vivem no século.

Na hora -da morte consolá-la-á o pensamento •de ter passado os seus melhores anos dedicados à oração, à mortifi'cação e a outros santos ex•ercícios, como visitar o SS. •Sacramento, •confessar-se e •comungar com frequênda, fazer •a•ctos de humildade, esperança e de amor a Jesus Cristo. E embora •o demónio não cesse de a perturbar com a recordação dos pecados da sua juventude, o seu divino Esposo, por cujo amor abandonou o mundo, saberá

consolá-la e, então, <Cheia •de confiança, morrerá •abraç.ada a Jesus Crucificado que •a leV'ará , consigo par•a o paraíso, a fim de viver em Sua companhia por toda a eternidade.

Minha irmã, já que vai escolher estado, seja aquele •que •desejaria -eleger na hora da sua morte. Nessa •tremenda hora, ao

verem que tudo acaba, todos exclamam: Oxalá u
tivesse trabalhado para •me san-

CARTAS

tificar! Antes eu tivesse abandonado o mundo
.para me consagrar a Ueus! Mas, agora, o que
'fizeram está feito e não têm outro remédio s•enão
render a alma •e •apre sentaremse perante o
tribunal de Cristo, que lhes dirá: « Vinde benditos
de meu Pai, vinde gozar comigo para sempre», ou
então ouvirão estas palavras: «Apartai vos de Mim
e ide para o inferno para se-mpre».

Agora, está ainda a tempo de escolher entre
Jesus Cristo e o mundo. Se tomar o partido do
mundo, não se esqueça de que cedo ou tarde se
háde arrepender. Por isso, pense bem. De entre as
mu•lher.es que vive'm no mundo, mui-tas se
•condenam. Nos conv,entos rara será aquela que s-
e perd•e eternamente.

Encomendese •a Jesus CI.'isto e a Maria
Santíssima para que lhe concedam a lt,tz e as
graça•s necessárias, a fim de eleger o caminho
melhor para chegar à sua salva ção eterna.

Se quiser fazerse Religiosa deve estar resolvida
a santificarse, porque s-e pensa levar no convento, a
exemplo de algumas religiosas, uma vida tibia e

imperfeita, de nada lhe servirá entrar em religião,
pois,

inG

H. VNTO AFONSO

assim, depois de viver vida infeliz, terminá-la
com uma morte desgraçada.

Enfim: mesmo no caso de sentir repugnância
invincível pela vida do claustro não posso
aconselhá-la a que abraçe o estado do matrimônio,
posto que S. Paulo

a ninguém o aconselha, fora dum caso de pura
necessidade, no qual, felizmente, não se encontra;
então, permaneça, ao menos, em sua casa,
trabalhando na sua santificação. Rogo-lhe que
durante nove dias reze a seguinte Oração:

«Senhor meu Jesus Cristo, que morrestes para
me salvar, suplico-Vos pelos méritos do Vosso
preciosíssimo sangue, que me concedais a luz e a
força necessárias para escolher o estado que mais
convenha à minha salvação.

E Vós, ó Maria, Minha Mãe, alcançai
me esta graça com a Vossa poderosa intercessão».

CONFÉRCIAS



CAPÍTULO QUINTO

I

Conferência familiar proferida na tomada de hábito
duma jovem

Nunca deixes sair da tua memória, pie dosa
jovem, a recordação deste dia, em
que tens a dita de te despoares com Jesus Cri:sto,
nem te canses de lhe dar graças por tão assinalado
benefício. Não julgues que Jesus te deve
agradecimentos por teres
abandonado o
mundo pelo Seu
amor; pelo con
trário, és tu que
Lhe deverás eter na
glorificação pela
singular mercê que te fez de te tirar do mundo
para te conduzir a<\para a vida religiosa.

Acabas de romper os laços que te



uniam ao mundo. Julgas que fizestes um grande
sacrifício? Mas, afinal, o que é

o mundo, senão terra maninha onde brotam espinhos, lágrimas, dores? Muitas coisas promete o mundo aos seus seguidores: diversões, alegrias, prazeres. E, contudo, todas estas coisas terminam em desenganos, amargura e vacuidade. Até mesmo a riqueza, as honras e as compensações mundanas acabam em penas e sofrimentos. E praise a Deus que, para tantos cegos que correm atrás das vaidades do mundo, estes sofrimentos não se transformem em lágrimas eternas, porque, no meio do mundo se encontram grandes e, às vezes, inevitáveis perigos de perder a alma, o Paraíso e a Deus.

Como são dignas de compaixão aquelas jovens q1,1e, enganadas pelas falsas promessas do mundo, abandonam Jesus Cristo e voltam para ele! Esperam encontrar assim prazeres e alegrias, Mas, ai!, as suas esperanças são frustradas porque, em vez do que buscavam, encontraram fel e pungentes espinhos: a sujeição ao marido, os cuidados dos filhos e das criadas, os respeitos humanos, as necessidades da família e outras mil coisas a que estão sujeitas as mulheres que vivem no mundo, e que

levantam tão grandes tempestades de angústias, temores e desgostos, convertendo a vida num prolongado -martírio.

Perguntai, perguntai às mulhres 'cas·a das se estão inteiramente contentes com a sua sorte. A quantas tenho eu preguntado, todas me respondem com mil queixas e lamúrias. Ao contrário, dirigi a mesma pergunta às ·Religiosa·s que abandonaram o mundo para s'e consagrarem ao Senhor

sem rese-rva, e todas vos responderão a uma voz que se não ·cansam de dar graças a Deus por têlas tirado do mundo. É que ·sempre será verdadeiro o qu·e afirmou

o Cardeal Petrucci, quando disse que os prazeres dos que amam o 'IDundo pare<:em puras alegrias, mas, na realidade, são tormentos; enquanto que os trabalhos dos que amam a Deus parecem penas e são, na

verdade, grandes ·conso•lações.

Isto, pelo qll'e se refere à vida presente, pois, qual será a sorte que espera na eternidade às jovens que abandonaram o mundo ·e às que nele permanec<:eram?

Pois quê!, dizem as que 'ficam no mundo, porventura ·não nos podemos ·santificar no século? Santificarse? Es·cuta, minha filha, a fim de que

o demónio não venha a inquietarte: para nos santificarmos não

CONF.Rt!NCIAS

basta desejá-lo. É preciso empregar os meios necessários: faz·er oração mental t,o dos os dias, porque, difficilmente alguém ama a Deus s•e nBle não pensa com fre quência; receber os Sacramentos, pelos quais Deus se comunka às almas; desape garmonos dos affectos absorventes e das vaidades da terra. Pois bem, quanto pode uma mãe de família de·dkar à meditação,

esmagada s•ob o ·peso do cuidado dos fi lhos, dos criados, e de todas as canseiras da casa? Terá ela t·empo sequer para rez•a•r

o terço? ·Üomo poderá frequentar os Sa cramentos se mal terá possibilidade de ir à Missa nos dias de preceito? Como po derá libertarse das sollicitações deste mun do se vive enredada nelas?

Então, dirá alguém, as mulheres casa das não poderão chegar à santid·ade? Ape sar de . tudo a História apresentanos os nomes de mulheres casadas que alcançaram um grau •de virtudes heróicas. Não há dú vida de que uma mulher casada pode san tificarse no mundo, cont•ando que se esfor ce por praticar os actos de piedade acima enumerados. Mas, para isso, terá, antes de mais

naoda, de adquirir um grau ele vado de paciência, porque não se santi ficará sem grandes dificuldades e esforços.

CONFERTNCIAS

Digo mais: todas as mulheres casadas, sejam elas grandes senhoras, .princesas ou raínhas, terão de ser mártires •da paciência.

Pelo contrário, a religiosa •que deixa o mundo para se entregar a Deus, •encontra na vida religiosa mil meios e •facilidades de levar uma vida ordenada e santa.

Ainda que ela não 'faça mais •do que cumprir a R•egra praticada po•r toda a Comuni•dade: meditar diàriamente, comungar várias vez•es na semana, .ouvir •Missa tod-os os dias,. escutar com frequência a palavra de Deus, além dos exercícios espirituais que deverá fazer todos os anos durante oito dias, •e um sem número de dev-oções que se praticam mim convento, isto só bas taria para a santificar.

Olha, minha f.i•lha, se o -demónio te tentar para deixares a vida religiosa que hoje inicias, lembrete do que te vou dizer, neste momento: poucos sã•o os que se salvam no mwndo; pelo •contrário, nos

·conventos, são raras, rarí·simas as religiosas que se condenam.

En1fim, se tivesses ficado no mundo, que esposo conquistaria o teu cor·ação? Um grande senhor, um homem rico, um monarca .poderoso? Pois, desde agom -recebeste por !Esposo o Rei do Céu e Impera-

dor .de todos os reinos da terra. Quantas virgens santas têm renunciado aos grandes do mundo para serem Esposas de Jesus .Cristo! A Beata Inês .de Praga recusou a mão do imperador Fernando U para se recolher a um convento. Outras piedosas donzadas .preferiram perder a vida a deixarem de ser Esposas de Cristo. Santa Inês .era pretendida por muitos .senhores romanos, mas ela antes quis oferecer-se à espada do verdugo, do que renegar o seu Esposo Jesus Cristo. Santa Domitília renunciou à mão do Conde Aurélio, grande de Roma, e por isso foi queimada viva. Santa Eusana foi pedida para esposa do imperador Maximino; porém, ela, para guardar a fidelidade prometida a Jesus .Cristo, preferiu morrer mártir, perdendo a vida aos .maãos do verdugo.

Deixa, minha filha, deixa para essas jovens, que amam o mundo, as suas diversões, os seus vãos prazeres, os ricos vestidos, teatros e banquetes. A ti basta possuir Jesus Cristo e, assim, encerrada na tua cela, gozarás mais perfeita paz e verdadeira alegria do que gozam as rainhas em seus palácios, rodeadas de riquezas e prazeres mundanos. No retiro da tua cela, mansão de paz, terás um paraíso

CONFERRIÁB

antecipado. Se amas Jesus Cristo, amarás também a solidão da tua cela, mas qual o teu Esposo

·crucificado te falar.á familiarmente ao ·coração e
 ·do alto da Cruz te
 enviará raios de •luz a ilumin· o teu entendimento
 e ·dardos de fogo que inflamem o teu coração no
 Seu ·santo amor.

E tu, minha filha, a sós c•om Ele no retiro do .
 convento, lhe abrirás o coração para que leia nele o
 amor que lhe tens: oferecer-lhe-á·s continuamente
 tudo quanto és
 e quanto te perrence; pedir-lhe-ás as graças de que
 necessitas e Lhe comunicarás as angústias ·e
 pesares que te •aflijam, os temores que te assaltem
 ·e Ele te ·consolará; Não o duvides! O teu Divino
 Esposo consolar-te-á -sempre •durante a vida, e
 especi'almente na hora da tua morte. Nessa ocasião,
 Ele •não virá jll'lgarte numa casa qualquer rodeada
 de filhos, de parentes,
 de amigos ·e :s·ervos, de cujos lábios não sairá
 talvez uma palavra que forti'fique a tua alma em tão
 soiene momento, mas virá buscar-te à ·Sua sant•a
 casa, rodeada pelas tua·s Irmãs em religião, as
 quais, com doces e piedosos pensamentos te
 alentarão e animarão a compareceres com inteira
 confiança na presença do teu amado Esposo, que
 sairá ·ao teu :encontro com o diadema com que serás
 { :Oroada rainha no Seu reino bem-aventurado, em
 recompensa ·do amor que Lhe prdfess•aste.

Eu disse que as Religiosas, que se entregam
 inteiramente a Deus, gozam de cootínua paz, mas

entenda-se, da paz que é possível disfrutar neste mundo, chamado vale-de Lágrimas, porque, só no Céu teremos a perfeita paz, isena de toda a tribulação e esforço. Esta terra é, para nós, lugar de merecer, e, por conseguinte, de padecimento, onde, sofrendo, conquistaremos as alegrias do Paraíso.

Mormente, minha filha, porque o Esposo que escolheste, não obstante ,ger o mais nobre, o mais rico e o 'm'ais perfeito que te poderia eaber em sorte, e chama·do e é Esposo de Sangue (Ex. 4,25). Sim, Esposo de sangue, pois derramou totalmente o ,seu ao ser flagelado, coroadado de espinhos e crucificado, para salvar •a tua oalma •e a de todos os 'homens.

Este amável iJesus caminha diante ·de ti, e, como a Esposa .Sua, convida-te a seguir-Lhe as pisadas. Não vai coroadado de flores, ma·s ·de espinhos; não vai vestido de ouro e pedradas, mas coberto de chagas; olha para o trono real em que se reclina e verás que é uma dura cruz, onde ago-

CONFEEItNCIAS

miza e morre submergido num pélago de odores e de igno·mínias, por t·eu amor.

Escuta a ·Sua voz que te convida a segui-IO; ouve o que te diz se estás .pronta ·a seguir os Seus passos: «Se alguém quer vir após mim, negue..s. e

a si mesmo, tome ^{oa} sua cruz e siga-me» (Mat. 16,21) .

A primeira coisa que te pede é qu· renuncies a ti mesma. Antes de tudo, quer que te desprendas de todas as criaturas. Jesus, teu Esposo, jamais se dará por sati·sfeito se não fores totalmente Sua e, para o conseguires, deves despojar-te de todos os afectos terrenos, ·das vaid·ades e riquezas, ·dos parentes, do teu amor próprio e da tua vontade. Sobretudo, é preciso que guardes a porta do teu ·coração para que nele não entrem os a'f·ectos desordenados.

Quando as criaturas p·etendem roubar-te o amor que deves a Jesus Cristo e que Ele deseja só para Si, responde-lhes como St.a Inês: «Long·e de mim, pas·t·o da ·morte; Jesus, meu Deus e meu Esposo, ·é o meu primeiro amor e conquistou já o meu coração! No meu coração 1não há lugar para ti» (OH. 21 ' } an.).

A fim de .gravares na tua memória, ·minha filha, o que te estou a dizer, não te esqueças das palavras que vais pronunciar ao tomar o •sagrado véu, o qual simbolixa o cuidado que deves ter em ocultar, .t. e aos olhos do mundo, para que não dê lugar em teu coração a outro amor,

·nem a outro amado que não seja Jesus Cristo: «Pus um sinal na minha fronte, dirás então, para que, fol"a dEle, eu não admita outro ·amante» (OH. 21

o}an.). É por esta mesma razão que mudarás de vestido e de nome. De vestido, despojando-te dos atavios do século, para cingir o austero hábito de religiosa com o fim de te despojares de todas as vaidades mundanas e apegos terrenos. Mudarás também de nome para que o mundo te esqueça e tu, morta para ele, vivas de tal forma separada dele que ninguém se lembre de que vives na terra.

A segunda coisa que Jesus Cristo te pede é que leves com resignação a cruz que colocou sobre os teus ombros. A tua cruz será a observância fiel da Regra e a

obediência à Superiora do mosteiro. A religiosa que não observa fielmente a Regra da Comunidade e não se submete aos preceitos da Superiora é impossível que seja uma boa religiosa. Outra cruz que terás de carregar é suportar com paciência e alegria: todas as contrariedades que so-

CONFEBtNCIAS

brevenham, as mortificações e as humilhações que caíam sobre ti. Quem não abraçar as humilhações, dá provas claras de

que não é humilde, e quem não humilha não se santificará e corre grande perigo de se condenar. De resto, não se chega ao Céu senão pelo caminho da cruz e da paciência em suportá-la. E Deus, às almas que deseja erguer à: mais aha

santidade, levanta por toda a parte cruces que as aflijam pa·ra assim se tornarem Suas verdadeiras esposas.

Quando tomares o sa·nto hábito, recomendo-te que renoves todos os dias a promessa que fizeste de ser fiel a •Jesus Cri'Sto, pois, amor e fidelidade são as primeiras qualida-des de uma esposa. Por isso, receberás o anel, símbolo •da fidelidade com que deves guardar o amor a Jesus Cristo. Contudo, para seres fiel. não te fies só na tua promessa, é .preciso que peças sem cess·ar a Jesus Cristo e •a Sua Santíssima Mãe •a graça 'Cla santa perseveratD.ça. Procura alimentar •em teu coração uma ilimitada confiança na intercessão de M·aria, que se •ch·ama e •é a Mãe da Perseverança.

E quando perceberes que o amor divino arrefece •no teu peito, enquanto as criaturas procuram atrair-te com o seu falso amor, traz à tua memória isto qu·e te vou dizer: a fim de que não caias na tibieza -e não ponhas o t·eu affecto nas coisas da terra, exorta-te •a ti mesma ass-im: «para que aban-donei eu •o mundo, a minha casa e os meus? Para me con'denar?»

Estes mesmos .pensamentos -davam novos •alentos •a S: Bernardo para caminhar com mais afinco pela s'enda -da p-e·r'f.eição. Quan'do

·s·Emtia esfriar em si o -amor divino exclamava: <<'Bern-ardo, por que ab-andonaste o mundo e entras-te num moste-iro? Para te santfficares! 'E agora 'em que pensas, se 'não é nisto que pensas?» Desta forma consegui-u viver e morrer como san

to. Se assim ·fizeres, m-inha filha, espero que chegarás -à santidade e, entre tantas virgens que reinam no C-éu, te verei a ti em sua comp-anhi•a, também como rainha daquele Reino bendito.

É tempo de te-rminar -estas palavr'as e a·ssim par-ece qu-e me ord-ena o teu Santo Esposo, que anseia por que transponh-as os umbrais de Sua casa.

Contemplei-O, disposto a ·receber-te com gran-de júbilo -e alegria. Es·cuta a Sua voz e sentirás com quanto affecto te chama para que entres depressa em Seu real pa·-lácio, pois, em régi-a morada se há-de

CONFERP.NCL\R

transformar para ti -este mostiro. Ávante, pois, entra <:om inteira ·confiança porque o acolhimento que esta manhã te prepar o teu Esposo, ·recebendo-;te em Sua Casa, é como o refl.exo daquel'e. que te prepara na hora -da

morte, quando te receber no Reino eterno da glória.

11

Conferência proferida na tomada de h4blto de duas juven\$

Quando alguém pensa em se ca•sar, a mais - eJementar :prud,ênda exige q1.1e, anes de tudo, se c-01nheça bem a pessoa à qual se vai unir por um laço indi•ssolúvel. A esposa deve conhecer os dotes e as qualidades que :adornam o marido e este éis que brilham •na •esposa.

Deixar-se conduzir pela paixã•o, que ofusca e •extravia a razão, em negócio de tanta .importância, tomando assim uma re soll!ção sem •reHectir maduramente, sempre foi origem das piores consequências ..

Olhai para estas virgens que resolveram consagrar-se a Jesus Cristo e •ser Suas esposas. Vestindo hoje o hábito .religioso estão resolvidas a .celebrar as suas bodas com o Cordeiro de Deus no fim do seu novictado, que não é mais do que um ano de preparação para serem mais e mais confirmadas na re.solução já tomada, e melhor

se disporem a -cumprir, em ·seu devido tempo,
os santos desposórios, quer dizer, a união, que
será consumada depois da mor
te ao entrarem triunfantes -no c-éu. Então,
o Esposo e a esposa serão um só em espírito.

Haverá algo mais import-ante e necessário
n'este momento para vós, amadas .filhas, do que
conhe-cer a -condição e as qualidades do Esposo
com o qual ides contrair tão inefáveis
desposórios? Com que
afã •e santa curiosidade esperais saber se Aquele
a quem amais, se o Esposo que elegestes possui
todos os títulos que vós desej-ais •e que vos
llevarão a permanecer constantes e fiéis em
vossos propósitos!

Foi Ele quem vos animou e elegeu, como
disse S. Paulo (E f. 1,4), ant-es da criação do
mundo. Desd'e tOda •a Eternidade se deteve a
reparar em vós e, sem atender às vossas
imperfeições e apesar de desfigura-das e
privadas da Sua ·graça pelo
peca'do de Adão, teve compaixão de vós, amou-
vos •e .pediu-vos o vosso amor. «No dia do teu
nascimento - disse o Senhor

CONFERÊNCIAS

pela voz <le Ezequiel compàded-m.e de ti, vi-t>e
e te disse: Este é o teu tempo,

tempo dos que se amam» (Ezeq. 16,4,8),
 Dignou.. . se chamar-vos para vos colocar entre
 as sua·s amadas esposas, não pelos
 vossos méritos, mas levado pelo entranhado
 amor que vos tem.

Resta, pois, saber que títulos tem Ele para que
 O es·colhais para Esposo. Entre outras, po·ssui
 três grandes qualidades que se ·desejam em
 qualquer e,s.poso: É atraente e amável, possui
 riquez-as e •a sua con

duta actual dá ·garantias da sua -fi.delidade à
 esposa, no futuro. Vou, portanto, dizer-vos.a
 •ambas, para vossa tonsolação, que Aquide ·a
 quem ·amais <'é .formoso, é rico, é 1fiel».

1." - Da beleza de Jesus

Ninguém melhor do qu;e a Esposa ·dos
 Cantares, tão familiar ao Divino E,s.poso e a Ele
 tão intimament>e unida, poderá dizer ..n. os
 quão amável, belo e gracioso Ele é. Quando a·s
 filhas de 1}erusal1ém, a·siosas por O
 conhecerem, .pergu,ntaram à Santa Esposa quem
 era o seu ·Amado, ·ela respondeu com presteza e
 amor: «Ü meu amado é escolhido entre mil,
 (Cant. 5,10) ; a sua beJieZ'a sobrepuja toda a
 beleza; lou-

ros são os seus cabelos e brilhantes como o ouro purí-ssimo. O Seu rosto é branco e rosado como o lído ... » 'E assim prosse gue ela, empregando as mais sedutoras imagens e os símbolos mais encantadores para descrever a majestade e a beleza do Oiv»no Esposo, até que, não encontrando mais para dizer, termina <:om estas pala vras: Todo Ele é inv·ejável, ta.J é o meu Amado. Ele ·é o mais petfeito e formoso ·entre os filhos dos homen-s (Salm. 44,3) e ·suplantaos a todos por sua beleza; é tão perfeito que possui todas as perfeições; em formosura ninguém ·se lhe ro•mpara. Quando nos fita brilha em Seus olhos uma cen'telha da Sua ocult•a divindade e um só dos Seus olhares basta p•ara con quistar os corações e infl.amálos de amor. Ao falar, é ·como .se os Seus lábios des tilassem •leite e mel, e a Su•a voz é tão doce e melodiosa que uma só das .Suas palavras basta para ·comover os ·corações com ce J.estiais ·con-solos. Com ·u·m gesto da Sua mão atrai a si inumeráveis povos, e basta que dê um passo para abrandar os corações mais duros. «Sob qualquer aspecto que se contemple, disse Santo Agostinho, seja como o

Verbo Eterno no seio do Pai, seja como o homem
nos braços da Sua

C":ONFER:fi:NCIAS

augusta Mãe, na Sua vida oculta, ou na Sua vida
pública, sempre se nos apresenta adorável e
perfeito».

Sim, este Deus que se fez vosso Esposo é
formoso com todo o gênero de formosura, por
todas as causas que concorreram
e revestiram a Sua natureza humana. É formoso
em virtude da causa eficiente que

é o Espírito Santo, que O formou no seio de
Maria. Tendo este divino agente um poder
infinito, as Suas obras têm que ser perfeitas e
acabadas ao saírem das Suas mãos, como
realmente saiu a santíssima

humanidade que o Verbo havia de tomar. Quem
poderá enumerar as perfeições com que
enriqueceu o Seu autor? O Senhor formou com
Suas próprias mãos o corpo de Adão e formou
mais belo e perfeito que todos os outros, porque
estava destinado a ser o templo de uma alma
criada à imagem e semelhança de Deus. Que
dizer então da humanidade deste segundo
Adão, que deve unir-se indissolúvel e
hipostaticamente à divindade do Verbo? Não

deveria então o 'Espírito Santo encerrar, ·como numa síntese, todas as perfeições de todas as criaturas, unindo ·em Cristo, ·em grau supremo, tudo o que nelas há de belo e perfeito?

SANTO AFONSO

É ·formoso em virtude da causa formal, que foi ·a Sua alma e devia unir-se ao Verbo e animar o Seu corpo :perfeito. Esta alma, como nos ensina S. Jerónimo, devia fazer brilhar ao semblante do Redentor o emtanto de todas as virtudes e da divindade, oculta aos olhos dos homens. Quem poderá ·assim ·descrever a beleza e expressão do Seu divino rosto?! Por isso a mística Esposa, arrebatada ·de admiração, exclama: ·«Tu ·sim, meu ·Amado, és formoso e belo» (Cant. 1,15). Chama-lhe duas vezes belo por ser formoso como homem e belo como Deus.

É formoso em virtude da causa ideal porque, ao formar-O, o Espírito Santo tinha presente o ·modelo de toda a perfeição, que é o mesmo Verbo ·do Pai, para pôr em Cristo uma ·formosura que sobrepuja toda ·a beleza criada e toda :aqueia que Deus haver ·nado :sobre as criaturas: no sol, nas estrelas, nos céus, em todos os elementos, nas aves e nas flores, com o fim

de nos dar alguma ideia das belezas invisíveis da Sua divindade, por meio das coisas visíveis. Deus depositou em cada uma das criaturas, que saiu das Suas mãos, uma centelha da Sua infinita beleza e o

Espírito Santo devia reunir, e como que

CONFERENCIAS

concentrar, na humanidade do Verbo, toda a beleza das criaturas. De sorte que o vosso Esposo celeste, amado-as filhas, nos faz conhecer -melhor a beleza do Criador do que todas as criaturas juntas.

:É extraordinariamente belo, em virtude da causa final. Com efeito, Ele vinha ao mundo para ser o fim de todos os homens e, por conseguinte, para lhes comunicar a Sua infinita perfeição. Como, portanto, não devia ser a Sua incomparável beleza? Vi-a para conquistá-la para o Seu Amor os corações das Suas criaturas, para edificar tudo o que nos agrada e seduz neste mundo

do, para ser objecto de todos os nossos afectos, para ganhar as nossas almas e ganhá-las para a Virtude, para nos alentar nos trabalhos e sofrimentos desta vida. Num palavra: para ser

o prêmio daqueles que O seguem. Para conseguir tudo isto, quanta beleza manifestou, que majestade, que suavidade, que bondade, que doçura

nas Suas palavras, que afabilidade no seu trato, que encanto em todos os seus gestos!

Oh! Que formoso é! E não perdeu a Sua beleza nem quando os Seus inimigos Lhe vendaram os olhos, invejosos da Sua formosura, nem quando ficou desfigurado na

SANTO AFONSO

Sua Paixão, nem quando O pregaram na Cruz, aparecendo os olhos de todos como «Homem das dores» e de aspecto repugnante. Através das Suas chagas descobre-nos os encantos do Seu amor, a sua beleza e generosidade; vede que O levou a padecer por nós. De sorte que, como diz St.º Agostinho nos transportes do seu amor, Jesus, mesmo cravado na cruz, era formoso, apesar da Sua beleza estar obscurecida e velada pelo sangue e pelas chagas.

Imaginaí por isso quão maravilhosa é a beleza do vosso divino esposo. Sendo Ele assim tão belo e adorável não vos deveis sentir felizes e ditosas ao considerar que vos escolheu para esposas Suas? Com que detecção não deveis afetar o vosso

olhar das criaturas para só a Ele contemplar? Com que resolução não deveis arrancar doo vos·so!? corações ·o amor às coi·: sas terrenas, por atraentes que sejam, para vos oferecerdes inteiramente. :a Ele? O Apóstolo S. Paulo, depois de ter contemplado a bdeza de Iesus Cristo, quando lhe apareceu no caminho de Damasco, não teve mais coração pam outro amor, nem olhos para se prepderem às coisas terrenas. Todos ·OJS encantos, a magnificiência da Criação-que até ali podiam pre·nder o seu

CONFER!NCIAS

olhar ·e ganhar-Ih o coração - pareciam-lhe depois, não só indignos de prender a sua atenção, mas até causa de aborrecimento, como míseras escórias. A visão de J·esus 'Cristo, que absorveu todos ·os seus affectos, ·encheu o seu coração -de um total desprendimento. E S. Francisco de Assis nos seus admiráv-eis êxtases, contemplando a beleza do seu Amoad'OI, só sabia exclamar: «Ü amor de Jesus Cristo desprende-me de tudo; as ·criàtur,as não têm atractivos para mim, nem os a·njo·s, nem ·os arcanjos podem satisfazer os ansei'OIS do meu coração; quarido contemplo o rosto resplandescente do meu Amado, os raios do sol parecem-'me trevas». Sendo Jesus assim tão

belo, e tendo-O já escólhi.do por Esposo, podereis vós, minhas filhas, abrir o vosso coração ao amor -das criaturas? Podereis ainda julgá-las dignas do vosso apreço?

Quando Santa Teresa de Jesus teve a ventura de ver a mão deste Esposo divino, ainda que atada à <:oluna e ferida pelas cordas apertadas, 'foi transportada fi<:ou fora de si ao contemplar tão grande beleza, e, daí em -diante, pareceu-lhe impossí

vel prender-se às criaturas e não aVlaliar as cosas dst mundo pelo que. elas ape

SANTO AFONSO

nas são: lixo e nada. E ainda que todas as belezas criadas se juntassem 1a outras imagináveis para formar uma só beleza, não ,se di'9naria deterse a olhar essa maravilha: tão grande admiração e pasmo lhe havia causado a vista da mão do Salcador.

ó Esposas amadas do 'Filho de Deus! Procurai também alimentar -em vossos co razões os mesmos sentimentos para com o vosso celestial Esposo. Deveis não só renunciar a qualquer amor terreno, como também a deter os olhos em

qua•lquer be leza ilnerior, que nã-o seja a do vosso ama•ão Es•poso.

Diz-se .dos dis-cípulos de Pitágoras que, Çepois de t-erem contemplado a luz do sol. que eles olhavam como ao seu deus, acabavam por arrancar .os olhos pare os não profanarem .com a vista de outros objectos .A i•ncomparável beleza do vosso Esposo não acabará por v-os obrigar a fechar os olhos, para ^{que} não volt-eis a olhar, ainda que de relance, os frágeis e mesquinhos encantos das •criaturas?

2.0 - Da riqueza de Jesus Cristo

Consideremos agora se o vosso Esposo, à majest-ade e formosura da Sua Pessoa,

CONFERJ:NCIAS

une a vantagem das riquezas e se desta forma se tor•na C•redbr da vossa eleição.

Assim como .em Sua dolorosa Paixão se apresenta sem perder a Sua beleza, ape sar-de des'figurado como um leproso, assim também sob o manto .da pobreza oculta uma grande riqueza. :É •legítimo herdeiro do Pai Eterno que lhe .dá por herança todas as coisas, como a'firmou 5. Paulo. :É herdeiro de tudo quanto Seu

Pai possui, de todos os Seus 'haveres, de todas as Suas riquezas, de todos os t·esouros que é possível extrair da inesgotável mina da onnipotência e da ciência infinitas de Deus. «Nde estão encerrados todos os tesouros .de sabedoria e de ciênda» (Col. 2,3). Seu Pai celeste pôs ·em Suas mãos todos os tesouros, todas as riquezas, nada reservou para si, deuLhe tudo, pondo este imenso ·cúmulo •à Sua disposição, como dis se S. João: 'O ·Pai Lhe ·entregou todas as coisas (João 13,3). Por cons·eguinte, tudo Lhe pertence. E, ovede que não só é rico e tem tudo à Sua disposição, mas Ele pró prio é o tesouro, a mina, a fonte de todo o bem que encerra a divindade, de -forma que dEole procedem todas as riquezas, a ponto de ficarmos pobres e miseráveis se

SANTO AFONSO

não recorremos a Ele. Este é o riquíssimo Senhor que escolheste para Esposo.

E ·é .preciso não esque·cer que estas riquezas, ainda que distribuidas às mãos cheias não •diminuem nem acabam, como se acabam e diminuem os tesouros da ter.t'a. E também Ele, nã'o as tem ocultas e sepultadas, como fazem os mundan·os, os quais, são mais escravos do

que senhores das suas riquezas. Os esposos do mundo guardam a chave dos seus tesouros e, por vezes, sujeitam à fome e a mil necessidades a mulher e a família. In'feliz daquela que se atreve a pedir ou tomar secretamente uma parte, para atender às suas necessidades!

O divino Esposo, pelo contrário, é o dono verdadeir-o dos Seus bens, mas, ao mesmo tempo, é generoso e liberal, compraz-se em que a Sua esposa seja dona de

tudo, e por isso abre-lhe as portas dos Seus tesouros. E quanto mais ela deseja, mais Ele está disposto a conceder-lhe. E à medida que ela mais quer tomar, mais Ele abre as Suas mãos. E conforme conhece que a esposa ambidona mais dons e riquezas, mais lhe prodigaliza os Seus favores, feliz por ter ocasião de lhes dar sem peso nem medida.

CONFERÊNCIAS

Ouvi como a Esposa dos Cantares, sabendo por experiência como Ele é generoso e pródigo em conceder mercês, nos descreve as mãos do Seu Esposo: «As suas mãos de ouro e bem modeladas, cheias de jacintos» (Cant. 5,14); carregadas de pedras preciosas e de ricos tesouros. A mão para ser perfeita não deve ser

redonda, mas comprida: «Sejam compridos os seus dedos, disse o poeta, seja a mão também comprida». Se o divino Esposo é perfeito em todos os seus membros, como seria possível que as Suas mãos não fossem finas e longas? E se fossem largas como poderiam ter gradosidade? Como poderão encerrar os tesouros, que guardam? Pois, predsa-mene nisto consiste a perfeição da Sua 'forma: são redondas e ao mesmo tempo perfeitas, porque nada neste Esposo a•dmirável é imperfeito. São redondas para nos mostrar que estão sempre abertas e jamais fechadas, porque sendo redondas, têm_{que} estar sempre abertas para derramar os Seus tesouros.

A forma que mais se presta ao movimento é a redonda; um corpo esférico colocado numa superfície lisa está sempre em •movimento: Assim, é como se o divino Esposo tivesse •as mãos redondas, sem-

SANTO AFONSO

pre •dispostas a dar, sem as poder fechar a quem deseja receber os Seus benefícios e dons.

Tal é o Esposo que haveis escolhido. Todas as Suas riquezas são⁰¹ vossas; todos os Seus

tesouros estão à vos·sa disposição. Ele nã·o
 •saberá recusar-vos nada. «Todas as Suas coisa·s
 são vossas - disse o Apóstolo - e vós soj·s de
 Crist·o» (-1 Cor. 3,22). Já que vos resolV"estes
 a •ser de Cristo e a

Ele vos unil'c:hs com o estreito vínculo de
 •esposas, é vosso tudo quanto o celeste Esposo
 possui: são vossas as Suas riquezas, e vossos
 todos os Seus tesouro·s.

Mas, •se é tão rico porque se revelou tão
 pobl"e nest-e mundo? Pobre e nu nas
 ceu num estábulo; pdbre e nu morreu na cruz.
 Quis que a·s Suas Esposas sejam
 pobres também, por quê? Fez-se pobre pal'a
 enriquecer as Suas •esposas, mas tam bém deseja
 que elas sejam pobres, para poderem possuir
 todas as Suas riquezas. «Bem sabeis - disse S.
 Paulo - qual 'foi a liberalidad·e de Nosso Senhor
 Jesus Cristo, o qual; sen·do rico se fez pobre por
 vossa cau·sa, a fim de que vós fôsseis ricos por
 •m•eio da sua pobreza» (2.a Cor. 7,9).

É necessário que ch_egueis a compreender
 esta verdade, sem vos deixardes en-

ganar pela vã e passageira voz do mundo. Neste momento de V'ej,s ·compreender como é grande a mercê que vos fez }esus Cristo, o qual, gozando de todas as riquezas no seio de Seu Pai, apareceu no mundo vesti-do com o manto de pobreza para di•stribuir convosco as Suas riquezas. E se manifestou o de-sejo de que, como Suas Esposas, vos as•semelheis a Ele no estado de pobreza - que tornais por vossa própria eleição -·é para vos enriquecer com todos os seus tesouros, dos quais se privou para vosso bem.

Se quereis fazer uma ideia real da grandeza deste favor, consí•derai o cúmulo de benefícios que vos dispensou desde o próprio momento em que, abandonando o mundo, ve•stistes esse humilde hábito. ó que ri•cas e bem ataviadas deveis assim aparecer aos olhos do Pai Eterno e de Seus Santos Anjos! Despojastès-vos dos luxuosos vestidos do ·século e renunciastes a qu;nto possuís ·e podeis vir a possuir, e o vosso divino Esposo, ao V'estir-vos o hábito religioso, reV'estiu, não o vosso corpo, mas a vos•sa alma com vestes 'Precio•sas: «Eu te vesti com roupas de várias cores» disse o Senhor pela

hoca de 'Ezequiel. Ele revestiu a vossa a•lma
·com o traje nupcial.

SANTO AFONSO

tecido pelas Suas mãos, isto é, com as Sua divina
graça. «Eu te dei a ·faixa de fino lin'ho». Recebestes um rcint·o de tosco fio, porém, Ele
deuvos o cinto da pureza
que é o mais precioso adorno entre os anjos.
«Deite ·calçado de jacinto». Cal çastes os vossos
pés com pobres sandálias e Eie deuvos ·calçado
forte e ri<:o para ca·minhardes alegres e felizes
pela senda da virtude, levantando os vossos
·pensamentos acima de tudo o que é criado. .
«Coloquei um colar ao redor do t-eu pescoço». Vós
agora cobrisvos com uma humilde touca,
enquanto Ele vos adorna ·com um colar de
péroias magníficas, que ·são os méritos que
haveis de enbeso-urar pela santa obe diência. «E
estendi sobre ti a ponta do meu manto» (Ezeq.
16,8.12). Cobris o vos ·so corpo •com um manto
rea•l do Seu amor, pondose à vossa disposição.
Oizeime: os esposos do mundo dão assim os
·seus te souros e riqueza•s para vestir e adol lnar
as suas esposas? Tal é o divino Esposo: é rico e
dá sem medida e prodigaliza com amor. Será

preciso ainda movervos com exortações, conselhos e mil argumentos para que O escolhais por Esposo? Antes, não abandonarei tudo com prazer e até com alegria para disfrutardes -de Suas ri

CONFESSIONES

quezas, Para gozar dos Seus tesouros? E não dareis mH acções de graças ao Senhor por vos er chamado a tomar este estado, no qual, renunciando aos bens deste mun.: do, hens sempre mesquinhos, ainda que fossem reinos e impérios, estais dispostas a unirvos a um Esposo tão rico e tão pró.: digo de Seus tesouros?

3." - Fidelidade de Jesus Cristo

E, dirmeei-s vós: como poderei estar contente por escolher um Esposo tão amá vel opor Suas qualidades e tão elevado por suas riquezas, se me não háde ser fiel; se me háde abandonar, afastar...,se de mim, voltanodome as costas, como vejo e me dizem que o faz frequentemente às suas es posas mais amadas, deixandoas entregues às mais dolorosas provas -ilnriiores? Isto é na

verdade, o que se vê adverte através das queixas que exala a esposa dos Cânticos; diz da: '«Darei voltas por toda a cidade e buscarei pelas ruas e praças o Amado da minha alma».

«Busquei-O e não O encontrei» (-Cant. 3,2). A esposa procura-O com extrema solicitude, com ansiedade e amor e, contudo,

o divino Esposo parece insensível às suas angústias e dores.

É certo que, às vezes, procede desta forma, mas, não é para provar a fidelidade da esposa; esconde-se, para não fugir, para conhecer até que ponto pode contar com a sua fidelidade. Parece deixá-la abandonada .. da ao acaso em poder dos inimigos que a atormentam; mas, é nesta ocasião quando mais a ama e mais do que nunca lhe é leal. não permitindo que ela seja tentada acima das suas forças, como disse S. Paulo (I .Cor. 10,13), mas ainda das mesmas tentações lhe fará tirar proveito. Quanto mais liberdade aparenta conceder aos seus inimigos para a atormentarem, mais se une a ela e a defende, fazendo acumular mais méritos e dando-lhe ocasião de ganhar mais trofeus ao conseguir outras tantas vitórias.

Demais, Jesus Cristo promete fidelidade e não pode faltar à Sua palavra. A todas as almas que se consagram a Ele lhes disse: 1Escolhe-te por esposa minha e tu consentiste em entregarme o teu coração,

«fiz um juramento ·e fiz conti·go um pacto (-
Ezeq. 16,8) e te desposarei comigo para
sempre», a minha fi·delidade será firme a toda -
a prova (Os. 2,119). As veze·s, a

COID'ERNCIAS

247

esposa é infiel e aban-dona o seu Esposo divino;
·mas, jamais a><ontecerá que Ele· seja o primeiro
a aband·onar a sua esposa e a faltar à Sua
fidelidade. ·«Ele ·não abandona, disse o Concílio
de Trento, se não é antes abandonado» (Sess. 6, c.
1 1). O que pode suceder, porém, e algumas vezes
acontece, é que, quando este fidelíssimo Esposo é
abandonado e menosprezado por uma esposa
infiel, vai então em seu seguimento, exortando-a •e
convidando-a a regressélr a Ele com novas
promessas e afagos. Quando os esposos do mnclo,
se vêm abandonados por suas mulheres, long-e de
irem· buscá-las para se reçonciliarem com· elas,
antes. ·as detestam para sempre e as repudiam: O
divino. Esposo procede de outro modo: levado
pelos extrem-Os ·do Seu 'amor, esforça-se por
reconqfstar o coração daquela que·O abandonou,
chama-a. exorta-a. convida-a, promete,. suplica, a
fim de que se dign·e corresponder ao seu carinho
n,unca desmenti-do .

Esta verdade pode confirmar-se com o exemplo da Sina, que, de esposa amada do Senhor, caiu em adultério, abandonando "Deus pai" a se entregar à idolatria.

É Celso que Um esposo tão amável se

248

SANTO AFONSO

vê às vezes menosprezado, tem esposas que elegeu entre mil com tanta bondade, cumulando-as de favores tão assinalados, e que, por se prenderem a uma mísera criatura, O enganam e O abandonam. Sim,

há no mundo esposas de Jesus Cristo que põem a sua afeição em vãos objectos, contudo. e como disse Santa Teresa, deveriam sentir angústias de morte ao ver "que Jesus não é amado por todos os homens e que é menosprezado por tantos infelizes que O não julgam digno do seu amor.

Tal é a fidelidade do divino Esposo; em troca, poderá haver neste santuário de piedade alguma das Suas esposas que, de pois de haver concentrado nele todos os seus amores, ponha ainda o seu coração, os seus olhares e desejos em algum objecto criado? Este Esposo infinitamente belo, magnífico e amável, não encontrará um

cantinho no <vosso coração? Tão cheio estará ele de affectos terrenos? E, pelo contrario, todas as coisas criadas não deveriam parecer a V'Os olhos mais insignificantes que o lixo, comparadas com o Seu amor?

É rico, é a própria riqueza, a riqueza eterna e, para vos enriquecer, se fez pobre. Haverá alguma esposa Sua que não se tenha por feliz ao considerar que dei-

CONF.Rf:NCLAR

24!)

xou tudo por seu amor, podendo dizer com verdade: O meu Esposo é .todo o meu tesouro, que em Si encerra toda a sorte de riquezas!?

Ele -é fiel e desagrada-Lhe que vós, suas amadas esposas, .chegueis a pôr os vossos olhares e os voSSIQIS pensamentos em um objecto menos digno de estima que Ele. Este é o Esposo, amadas filhas, que escolhesteis. Neste ano de noviciado, durante o qual deveis preparar-vos para combinar com Ele as vossas núpcias, exorto-vos a não perderdes de vista as qualidades deste celestial Esposo, ao qual vos hão-de unir laços indissolúveis, e, pensando em Sua majestade e grand-eza, não vos canseis de vos felicitardes a vós próprias pela resolução que tornastes de menosprezar todas as demais coisas como

indignas .do vosso amor, -compara-das -com tão grande Bem. Esforçai-vos também por adquirir o tesouro das virtudes que são o ornamento que es·ses desposórios exigem, sobretudo um amor fervoroso, desinteressado e inalterável a um 1Esposo -tão belo. tão ri<:o e tão fiel. Não vos canseis de dizer com Santa Inês: «Só a Ele quero amar, a Ele me entrego intetii'amente, prometo-Lhe eterna fidelidade e amor eterno».

2fi0

:'.-.\\"rO Al<'OSO

CAPITULO SEXTO

CARTA DE SANTO AFONSO AOS NOVIÇOS DA SUA CONGREGAÇÃO, FALANDO-LHES DO APREÇO EM QUE DEVEM TER A SUA VOCAÇÃO E DOS MEIOS QUE DE VEM EMPREGAR PARA A CONSERVAREM.

Vivam Jesus, Maria, José e Teresa f

Nocera de Pagani, 28 de Janeiro de 1762

Irmãos meus amadí·ssimos: só Deus sabe quanto invejo a vossa sorte! Oxalá que eu tivesse a ventura de me haver re<:olhido desde a minha

juventude, na Casa de Deus, vivendo em companhia .de tão bons irmãos, que uns aos outros se estimulam para ·amar a Deus de todo o seu. coração, longe deste mundo pérfido, onde tantos se perdem! :

Invejo-vos, pois, e exorto-vos a dar-des muitas ·graças a Deus pela mer·cê que vos dispensou de albandonardes o mundo pelo Seu amor.

Estas sã·o mer,cês que nem a todos são concedidas. Quantos amigos e companheiros vossos vivem agora nas vossas terras

CARTA AOS NOVIÇOS

251

dissipados, inquietos, cercados ·de mil pe rigos—e talvez bem long'e de Deus!· Porque, certamente podeis advertir <:omo é diHcil à juventude, no meio do mundo, não cair na escravi·dão do demônio.

Porém, vós, vdai e vigiai, porque o ini migo não se cansa .de inventar meios para vos fazer perder a vocação. Se, nest-e in tento, lograr êxito, dá ·tudo por bem em pregado.

Deveis estar todos convencidos ·d·e que sereis provados e tentados com foda a sor te de ·tentações. Nessa·s ocas'iÕ'es nã_o vos detep.hais a discutir com a tentação. No

vos fica ·oudizando: tro recurs·O 1Senhor! senão
ent:ºegueide rocÓrter me a a Deus
Vós, não quero janiis. âbaondonar..:Vos; einl;>qrà
t·odos ·vos abandonem ·eu nuncá
Vos deixarei..

Recorrei **de** modo espedaÍ ·a Maria San
tíssima, qu·e se chama a Mãe da Perseve
rança. Aquele que, em ·todos os seus com bates
recorre à Santíssima Virgem, jamais perderá a sua
vocação.

T·ende como certo que quem morre n,a Cong-
regação, não só se salvará; como tam bém se salvará
como santo, e ocupará ·no céu um grande trono de
·glória.

Uni-vos, pois, mais e mais em cada dia a Jesus
Cristo com os doces laços do amor. O amor é a
c.a·deia de ouro que estreita as almas com Déus,
unindo-as com tão apertado laço, que· já não
podem separar-se d 'Ele. Por isso vos recomendo
que façais sempre actos- de amor na meditação, na
comunhão, na visita ao Santíssimo Sacramento, na
leitura espiritual. na vossa cela, no refeitório, no
vosso pas

seio. N u·ma palavra: em ·todos os lugares e em ·todos os tempos.

Quem ama verdadeiramente Jesus Cristo não teme perdê-Lo e por •seu amor se ·albraça generosamente ,com todo o gênero de trabalhos, d·esprezos e oprivações. O que não caminha opor est-a senda, fàdlmente perderá a vocação, que é a maior infd'icidade que vos pode acontecer. Por isso peço a Deus que vos envie a morte a·ntes que percais a vossa vooação pois tamanha desventura seria fonte e origem de muitas desraças.

Sahei que, se perdéssei's a vocação e r-egressásseis ao mundo, fazendo-vos surdos à · voz de Deus, falt·ar-vos-ia a coragem para rezar porque assim a vossa 'Cons'c'iência vos recordará continuamente a vossa infidelidade. .De forma que, abando-

CARTA AOS NOVIÇO!';

255

nando a oração, o que 'é fácil, e embrenha dos de novo no mundo, rodeados de maus amigos, - cercados de más ocasiões e pri vados das graças do Senhor - que delas costuma privar os que são inHéis ao seu chamamento - que será de vós durante toda a eternidade?

E ainda que lográsseis salvar-vos, o que me parece muito difícil, perdereis contudo aquela formosa coroa que o Senhor vos tinha preparado por haverdes sido fiéis à vocação. E tende como certo que, neste mundo, jamais tereis uma vida feliz, mas sim cheia de inquietações e completamente perturbada pelos remorsos de terdes danado a Deus para seguir os vossos passageiros caprichos. Por isso repito-vos que peço à Divina Majestade que antes vos envie a morte do que permita tão grande desgraça.

Avante, pois! Abençoevos em nome do Pai e da Santíssima Trindade e especialmente em nome de Jesus Cristo que, com a Sua morte, vos conquistou a summa e inapreciável graça da vocação.

Abençoevos também em nome de Maria Santíssima a fim de que vos alcance a santa perseverança. Suplico-vos que ameis com entranhado amor a Mãe de Deus e

SANTO AFONSO

que A chamem sempre em vosso socorro, se desejais fazer-vos santos.

·Ânimo e alegria! S·ede ·santos ·e amai a Jesus Cristo que, por amor de cada um de vós, deu o seu sangue e a sua vida.

Fazelivos sanos e rogai a Deus por ·mi.m, :pdbre vel'ho, que, ao aproximarme li morte me vejo sem nada ter feito por Beus;" procurai-vós ao meno's amáIO por :mim:· Espere; antes .de morrer vervos e abraçai:vos· a ·todos, depois de vos terdes unido a Jesus Cristo pelo vínculo dos san tos· votos.

·Todos os dias, e .muitas vez•es ao dia .vos e·ncomendo ao Senhor. Fazei vós o -esmo por mim.

Abraço-<vos no Coração .de Jesus ·e mais ·uma· vez vos· abençoe>.

Vh.l'am Jesus, iMaria, José e Teresa!

::: Se algum de vós se s·entir·molestado por algu.ma tentação contra a 'vocaçã·o - falo de ::tentações. per-manentes não passageiras

·roífo-:lhe que me escreva logo e ·não to me ·qualquer r·esolução antes de ·receber ,a minh·á resposta: depois, faça o que. bem Jhe: pareQer.

Í N D I C E

Introdução	5
CAPÍTULO I. - A vida sobre a vocação religiosa.	9
I. - Quanto importa seguir a vocação para a vida religiosa .	11
11. - Meios para conservar a vocação .	22
1.º Do segredo .	23
2.º Da oração .	31
3.º Do recolhimento	33
111. - Das disposições para entrar em	
religião	34
1.º Desprendimento das comodidades da vida .	39
2.º Desprendimento dos parentes	41
3.º Desprendimento da estima própria .	45
4.º Desprendimento da vontade própria .	50
IV. - Das provas próprias da vida religiosa	55
1.º O recurso à oração .	56
2.º Abrir a consciência aos Superiores	58
CAPÍTULO 11. - Considerações que aproveitarão a quem for chamado para o estado religioso	
Cons. I. - Como se assegura no estado religioso a salvação eterna da alma .	64
Cons. II. - Morte feliz dos religiosos .	68

Cons.	III. - Contas que terá de pre-	
tar no dia do juizo aquele que não		
	obedece à sua vocação .	74
Cons. IV. - Tormentos que sofrerá no inferno quem se condepar por ter		78
perdido a vocação .		
Cons. V. - A glória inoimparável que os reUgiosos gozam no Céu .	81 Cons.	
VI. - Da paz que Deus dá a go-		
:illil"l aos bons religio:sos .	87 Cons. VII. - O dano que a tibieza	
-causa nos bon:s religiosos		92
Cons.	VIII. - Como é agradável a	
DS uma alma que -se entrega sem		
reseVYa		97
Cons. IX - Para aJt.ingir oa santidade é mi'ster desejo ardente de ser santo .		
102 Cons. X. - Do amor que devemos ter a ,;Jesus Cristo para corresponder :ao		
.. amor que Ele nos mostrou .	106 Cons. XI. - Da grande ventura que têm os	
reli-giosos de habitJS.r com Je-		
sus Sacramentado .		112
Cons. XII. - De oomo a vida dos religiosos se assemelha moai:s à vida		
de Jesus Cristo .		116
		PÁOB.
Cone. XIII. - Do zelo da sa.lvaçll.o das almas que devem ter 'Os		
reigiosos .	120 Con:s. XIV. - Da grande necessidade que tem o	
l"eligioso da mansidão e		
da humildade .		125
Cone. XV. - Da confiança que os re-ligiosos devem ter no patrocínio de		
Nossa Senh'Ora .		130

CAPÍTULO m. - Cons)l.os aos noviços para os ajudar a perseverar na sua vo- cação	134
---	-----

I. - Tentações mais comuns nos noviços	135
1. A ternura dos pais	136
2. O temor de perder a saúde	144
3. s incómodos da vida em comu;- mdade	145
4. A desolação de espírito	147
5. Dúvidas sobre a vocação	151
6. No mundo era mais piedoso	152
7. No mundo poderia ganhar m'ais	155
almas para Deus	
8. Não estou chamado à vida activa	158
11. - Meios de conservar a vocação	160
111. - Oferecimento e oração, que o noviço fará com frequêntcia para alcançar a perseverança na vocação	166
IV. - ReC'Omenda.ções ao noviço para conserva.r o fervor	168

. PÁGS.

CAPÍTULO IV. - I. Carta a um j(>vem estudioso, que anda preocupado com a eleiçã o de e st ado	171
II. - esposta a um jov-em que pede conselllo acerca do estado que há-Q.e escolher	195
III. - Carta a uma jovem que vacila acerca do estado que há-de escolher	206
CAPÍTULO V. - I. Conferência famiJiar proferida na tomada de hábito duma	

.

II. - Conferência proferida na tomada

de hâbto de duas jovens .229 CAPiTULO VI. .011r1 tã aos noviços .

250

. .